

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA  
**ALISSONEY DOS REIS DINIZ**

**ENTRE *SPORTMENS* E VAGABUNDOS:**  
Uma História Social do futebol em São Luís (1905-1921)

São Luís - MA  
2019

**ALISSONEY DOS REIS DINIZ**

**ENTRE *SPORTMENS* E VAGABUNDOS: Uma História Social do futebol em São Luís  
(1905-1921)**

Monografia apresentada ao Curso de História  
Universidade Estadual do Maranhão para o grau  
de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro  
Silva

São Luís - MA  
2019

Diniz, Alissoney dos Reis.

Entre Sportmens e vagabundos: uma história social do futebol em São Luís (1905 - 1921) / Alissoney dos Reis Dinis. – São Luís, 2019.

94 f

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

1. Futebol. 2. História social. 3. Elitismo. 4. Camadas populares. I. Título

CDU: 316:796.332“1905-1921”(812.1)

**ALISSONEY DOS REIS DINIZ**

**ENTRE *SPORTMENS* E VAGABUNDOS: Uma História Social do futebol em São Luís  
(1905-1921)**

Monografia apresentada ao Curso de História  
Universidade Estadual do Maranhão para  
obtenção de grau de licenciatura em História.  
Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro  
Silva

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva (Orientador)

---

Prof. Dr. Antônio Evaldo Almeida Barros (1º Membro)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo (2º Membro)

*O futebol é um reino da liberdade  
humana exercida ao ar livre*  
Antonio Gramsci

## AGRADECIMENTOS

O caminho trilhado até aqui não foi fácil. Vários percalços, desafios que pareciam intransponíveis, enfim diversos empecilhos que temos que enfrentar na vida acadêmica. Nesse caminho, temos a sorte de encontrar pessoas que nos ajudam e seguram a nossa mão, nos momentos de dificuldade, seja com a amizade, seja na bar e até mesmo com um sorriso num dia não tão feliz. No fim desse ciclo, que é a graduação, gostaria de agradecer nominalmente a todos que trilharam esse caminho comigo e de alguma forma contribuíram comigo. Caso tenha esquecido de alguém peço desculpas de antemão.

Primeiramente agradeço a minha mãe, Arilene, a mulher da minha vida. Uma mulher batalhadora, guerreira, meu alicerce, minha vida, meu tudo. Sem você nada daquilo que conquistei seria possível, pois foi você que até aqui me ajudou. Agradeço também aos tios Ademir, Mané Gato, Marcos, Vicente e minha tia Dina, Chico. Todos vocês foram parte da minha formação tanto acadêmica quanto humana.

Agradeço ao meu primo José Adson, pelas conversas e o companheirismo. Você não é somente um primo, és um verdadeiro irmão.

Gostaria de demonstrar meu apreço pelos professores que passei, que me ensinaram a beleza e o rigor da História. Em especial ao meu orientador Fábio Henrique, ao professor Isaac Giribet Bernat do qual sou grande admirador. A professora Helidacy e a Alan Kardec que sempre parou para ouvir e questionar a que pés andava a minha monografia.

Gostaria de demonstrar minha gratidão aos meus amigos da PROGEP que sempre me incentivaram e me jogaram pra cima. Agradeço a Silmara, Daiana, Narlon, Joaquim, Danilo, Núbia, Diogo, Professor Rômulo, Professor Célio Gama, o Anderson que além da amizade me presentou com o clássico O Negro no Futebol Brasileiro de Mário Filho. Sou muito grato também a Susanne parceira de todas as horas a quem não me canso de conversar nem por um segundo, pois a cada conversação um novo aprendizado, uma nova experiência.

Expresso minha gratidão também aos amigos do curso de História da UEMA. A Reylton Rosa Reis, a quem me indicou as fontes necessárias para a minha pesquisa, a sua ajuda e disponibilidade é sempre de grande valia, sinto-me orgulhoso em ser seu amigo, sou um grande admirador do teu trabalho. Aos meus amigos de todas as horas Rafael Sousa Ramos, Rodrigo de Azevedo, Liana Rayssa, pessoas com quem dividi maior parte do meu tempo na UEMA, pessoas com que compartilhei segredos, alegrias, a vocês vai a minha eterna gratidão por tudo.

Agradeço também a Osmarina, Ana Paula, Sther, Klenilson, Elizeni, Débora Liz, Gabriel, Ney, Juliana, Luan, Noé.

Agradeço especialmente a Janice que durante uma tarde inteira sentou ao meu lado me ajudando na correção de meus erros, num esforço de auxiliar o próximo que me comoveu bastante.

Reconheço a contribuição de Paulo Freire, grande companheiro e poeta.

Agradeço a João Carlos, o famoso Bibi, pessoa que me ajudou muito nesta empreitada, sou muito grato a você.

Não posso me esquecer de Ricardo, o homem que me acolheu como um pai no curso de História. A Clodomir, amigo do peito. Joanderson, com quem compartilhei muitos momentos engraçados.

Agradeço a minha namorada Emanuelle Sá que teve muita paciência comigo em todos os momentos e nos momentos que mais precisei se fez presente com um carinho ou uma palavra de conforto.

Não poderia deixar de agradecer a Instituição UEMA como um todo, desde o corpo de funcionários aos docentes, e pela estrutura disponibiliza.

Por fim, agradeço a Deus que até aqui tem me sustentado e protegido.

## RESUMO

Este estudo se propõe a analisar a introdução do futebol na cidade de São Luís - MA através da História Social, entendendo o mesmo como um fenômeno mundial que se alastrou por todo o globo a partir de sua difusão através do advento do capitalismo. Desde sua prática na prática na Inglaterra, o futebol é desenvolvido e praticado sob o espectro do elitismo. Ao ser introduzido em terras brasileiras, o elitismo se configura como uma característica marcante do esporte. Dessa maneira, nos propusemos a analisar a sociedade maranhense no início do século XX através da ótica futebolística buscando compreender como o elitismo se desenvolve em solo ludovicense através das relações de sociabilidade. Além disso, procuramos analisar a popularização do esporte entre as camadas populares da sociedade ludovicense a partir do futebol jogado na rua e suas relações com os clubes oficiais da cidade. Para isso faz-se necessário compreender as relações do *high society* de São Luís com o jogo de bola nas ruas da cidade praticado por populares. Finalizamos com a importância das rivalidades clubísticas no processo de popularização do esporte entre todas as classes.

**Palavras-chave:** Futebol, História Social, elitismo, camadas populares.



## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the introduction of soccer in the city of. Through social history, understanding it as a worldwide phenomenon that spread throughout the globe from its diffusion through the advent of capitalism. Since its practice in England, football has been developed and practiced under the spectrum of elitism. When introduced to Brazilian lands, elitism is a striking feature of the sport. Thus, we proposed to analyze the society of Maranhão at the beginning of the twentieth century through the soccer optics seeking to understand how elitism develops in Ludovicense soil through relations of sociability. In addition, we seek to analyze the popularization of sport among the popular strata of Ludovicense society from street soccer and its relations with the official clubs of the city. For this it is necessary to understand the relations of the high society of São Luís with the ball game in the streets of the city practiced by popular. We conclude with the importance of club rivalries in the process of popularization of sport among all classes.

**Keywords:** Soccer, Social History, Elitism, Popular layers.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: CONJECTURAS EM TORNO DO FUTEBOL BRASILEIRO .....</b>	<b>15</b>
1.1 O futebol ganha o Brasil .....	22
<b>CAPÍTULO 2: CONTEXTUALIZANDO A CIDADE: SÃO LUÍS NO INÍCIO SÉCULO XX. .31</b>	
2.1 Nhozinho Santos, o Introdutor Maranhense. ....	34
2.2 Primeiro tempo: da introdução do futebol a decadência – Os primeiros passos do futebol no Maranhão.....	37
<b>CAPÍTULO 3: SEGUNDO TEMPO: ENTRE SPORTMENS E VAGABUNDOS – A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM SÃO LUÍS.....</b>	<b>51</b>
3.1 As rivalidades entre F.A.C e Luso-Brasileiro .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>89</b>
<b>FONTES E REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>91</b>

;

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o futebol se configurou e se configura como o esporte mais popular do país. Entretanto, se compararmos com outras temáticas no âmbito acadêmico, especificamente nos cursos de História, não foi dada a relevância merecida para tal esporte, já que este é um fenômeno mundial. Somente a partir das últimas décadas que este esporte vem despertando interesses dos historiadores. Esse interesse fica explícito no crescente número de pesquisas relacionadas ao esporte a partir de diferentes prismas como ocupação do espaço urbano, sociedade, lazer, identidade entre outros.

A respeito da produção historiográfica sobre o futebol, o esporte se encontra ainda pouco pensado no ambiente acadêmico, se comparado a outras temáticas, sendo os seus principais pesquisadores os estudiosos dos núcleos de Educação Física e Jornalistas. Entretanto, nas últimas três décadas cresceu vertiginosamente o número de pesquisas relacionadas ao tema, incluindo grandes pesquisadores a respeito do futebol com uma perspectiva da ciência Histórica, podemos citar Flavio de Campos, Hilário Franco Junior, Bernardo Buarque de Hollanda, Luiz Henrique de Toledo, Euclides de Freitas Couto, entre outros.

Temos também obras clássicas sobre o tema como: *O Negro no Futebol Brasileiro*<sup>1</sup> de Mário Filho; *Futebol ao Sol e à Sombra*<sup>2</sup> de Eduardo Galeano. Sobre o esporte no Maranhão a obra clássica que se configura sobre a análise do futebol é escrita por Djard Ramos Martins intitulada *Esporte: um mergulho no tempo*<sup>3</sup>, além da grande contribuição do Historiador Claunísio de Amorim Carvalho com sua obra *Terra, Grama e Paralelepípedos – Os primeiros tempos do futebol em São Luís*.<sup>4</sup>

Entretanto, as ciências sociais durante muito tempo não dedicou, muito esforço ao estudo do esporte em si, sendo nas últimas décadas o início dos estudos voltado ao tema. Hoje em dia, contamos com uma quantidade considerável de trabalhos produzidos a respeito do tema em âmbito nacional. Podemos destacar obras que nos permitem pensar o futebol sob a ótica da História, problematizando o tema a partir das relações sociais e cultural, como as obras: *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*<sup>5</sup> de Hilário Franco Júnior; *FootballMania – Uma*

<sup>1</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

<sup>2</sup> GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Eric Napamuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2004

<sup>3</sup> MARTINS, Djard Ramos. *Esporte: Um Mergulho no Tempo*. São Luís, 1989.

<sup>4</sup> CARVALHO, Claunísio Amorim. *Terra, grama e paralelepípedos: os primórdios tempos do futebol em São Luís (1906-1930)*. São Luís: Café & Lápis, 2009.

<sup>5</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

*História Social do Futebol no Rio de Janeiro*<sup>6</sup> de Leonardo Affonso de Miranda Pereira; *Veneno Remédio, O Futebol e o Brasil*<sup>7</sup> de José Miguel Wisnik. Entretanto, no âmbito regional, o futebol ainda têm um longo caminho a percorrer. Diante de tudo apresentado acima, se faz necessário o uso do futebol como objeto de estudo das ciências sociais, por este apresentar inúmeras maneiras de abordagem em torno do tema. Contudo, nas últimas décadas vem sendo produzido um grande número de obras e centro de estudos sobre o assunto. “O futebol como objeto era visto com certa desconfiança, mas virou definitivamente objeto de estudo histórico”.<sup>8</sup>

Nesse caso, o futebol pode ser considerado um objeto de estudo bastante revelador, pois este se mostra na sociedade brasileira como um importante núcleo de observação social, visto que o futebol é um símbolo cultural partilhado por diversos grupos sociais e também formador de nossa identidade enquanto brasileiros.

Por estas razões, o futebol brasileiro deve ser estudado de forma profunda e ampla, e tentar entendê-lo sob uma ótica de relação entre diferentes setores da sociedade, como o diálogo e conflito entre os diferentes grupos, pois as amplas praças esportivas onde esse esporte é jogado podem ser entendidas como locais de relação sociais, sendo um microcosmo da sociedade em que está inserida.

Dessa forma, no primeiro capítulo antes de entender o caso maranhense, primeiramente buscamos entender o caso inglês, posteriormente o caso de algumas regiões do Brasil. Isso se faz necessário devido ao câmbio cultural entre Brasil e Inglaterra durante a Segunda Revolução Industrial, pois entendemos que o alastramento do futebol enquanto um fenômeno é produto do capitalismo.

No segundo capítulo, ao abordar São Luís, a preocupação inicial é entender tais perspectivas de análise desde a criação das primeiras agremiações esportivas, que ocorrem a partir de 1907, focando nos contextos social e cultural próprio da cidade, sempre analisando o quadro social, investigando os times que nascem no interior da elite de São Luís, como F.A.C e sua relação com a elite de São Luís.

No terceiro capítulo buscamos discutir a popularização do jogo em relação às camadas populares, além dos fatores que levaram a alastrar o jogo para as praças e ruas.

O recorte temporal definido atribui-se à introdução do futebol em São Luís se dá em meados de 1906, com Nhozinho Santos fundando o Fabril Athletic Club. Posteriormente há

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)* / Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas. São Paulo. 1998.

<sup>7</sup> WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

<sup>8</sup> CARVALHO, Ibid, p.15

uma crise no setor têxtil que afeta o clube esportivo e o mesmo acaba se diluindo e deixa de existir por volta de 1912, voltando as suas atividades em 1915. Durante o hiato deixado pelo F.A.C o esporte passa a ser jogado nas escolas da elite. Com o retorno do F.A.C há uma impulsão na prática do jogo entre as elites e os menos abastados, devido a diversos fatores que aqui serão explicados. Dessa forma, a partir de 1916 há o que podemos chamar de massificação do futebol. Contudo é nas décadas de 20 são criados os clubes de maior expressão das periferias, além do aumento do jogo de bola na rua que incomodava as elites.

Para esse estudo foi necessário uma vasta pesquisa nos jornais que eram produzidos pela elite e circulavam nesse meio, sempre tentando buscar em seus registros, não só a elite, mas também os sujeitos silenciados. Há várias vantagens de se trabalhar com os jornais como fonte documental, a periodicidade, ou seja, o jornal como arquivo do cotidiano registrando a memória do dia – a – dia, permitindo o estabelecimento de uma cronologia; a disposição espacial de informação possibilitando a inserção do fato dentro de um contexto mais amplo, entre os outros fatores que compõe a realidade.<sup>9</sup> Devido a essas vantagens:

[...] cabe ao historiador fazer reviver personagens e episódios do passado, procurando entendê-los na sua época, ou seja, captando transformações dos homens no tempo. Essa constatação permite afirmar que a imprensa oferece amplas possibilidades para o estudo da história porque nela fica registrada a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos, o que permite o historiador compreender como viveram os indivíduos de outras épocas, não só os ‘ilustres’, mas também os sujeitos anônimos.<sup>10</sup>

O trabalho em questão está alicerçado nos estudos dos campos da História Social. Nossa pesquisa tem enfoque nas relações sociais a partir do futebol e ao compartilhamento de um mesmo símbolo cultural por grupos sociais distintos, sob análise dos conflitos e consensos sociais que ocorrem em torno do futebol. Segundo aponta Barros<sup>11</sup>, Hobsbawm, entende por história social como aquela que dá voz a sujeitos “subalternizados”, ou seja, a história social busca destacar uma análise vista de “baixo”, a partir das relações das classes. Nessa mesma linha de pensamento encontra-se Thompson que afirma:

<sup>9</sup> ZICMAN, Renée B. *Historia através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. Projeto *História*, São Paulo, v.4, 1985. p. 90

<sup>10</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador*. In *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas. 2015, p. 115, grifo do autor.

<sup>11</sup> BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *Sujeitos, identidades e práticas num tempo de festas: Algumas questões teórico-analíticas e possibilidades interpretativas*. Campinas, Unicamp, 2008 (Mimeo).

Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações nas relações humanas [...] a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica [...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses diferem (e geralmente se opõem dos seus).<sup>12</sup>

Portanto, para Thompson, a classe não é, ela acontece. Os indivíduos só se entendem como classe a partir de uma experiência conjunta e só são classe quando se articulam, ou entram em conflito com outro grupo. Nesse sentido, analisaremos sobre esse prisma de observação os conflitos, a organização e os consensos entre elites e camadas populares em torno do futebol.

---

<sup>12</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. I: a árvore da liberdade. 1ª edição [1987]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 9-10.

## CAPÍTULO 1: CONJECTURAS EM TORNO DO FUTEBOL BRASILEIRO

No Brasil, temos o futebol como atividade esportiva mais praticada, assistida e comentada. Se observamos atentamente o cotidiano do povo brasileiro é notório sua ligação com esse esporte e as paixões desenvolvidas pelo povo junto das agremiações esportivas do país que visam a prática dessa modalidade. Nesse sentido, é válido afirmar que a partir do século XX é impossível separar a História do Brasil do processo histórico e social promovido pelo fenômeno futebolístico. Concordando com Franco Júnior “Ninguém nega, sem dúvida, o lugar de destaque que o futebol ocupa no mundo contemporâneo.”<sup>13</sup>

A partir dessas primeiras observações é evidente a importância de se ter o futebol como um objeto de estudo sério, que proporciona um maior entendimento do Brasil. Sendo assim, o futebol, “é pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil”<sup>14</sup>.

Analisar os primórdios da prática do futebol no Brasil, se configura como um árduo exercício de prescatação de fontes e de suporte bibliográfico, sendo este um objeto de estudo bastante complexo. Há duas principais problemáticas que o historiador que se delimita sobre o tema necessita sempre estar atento. A primeira delas é a separação entre *football association*, *football*, *rugby* e o *football* (futebol americano). A segunda, o cuidado ao tomar conclusões apriorísticas a respeito da introdução do futebol, pois o esporte citado foi introduzido em diferentes regiões do Brasil por diferentes sujeitos, geralmente patrícios da alta sociedade, sendo um fenômeno delimitado em cada região brasileira e não um fenômeno desenvolvido em um centro que posteriormente foi se espalhando para as demais regiões.

Para isso faz-se necessário situar o processo de desenvolvimento desse jogo na Inglaterra. Não pretendendo nos aprofundar demais na temática, contudo a compreensão do “jogo de bola” em sua “pátria mãe”, nos auxiliam a elucidar algumas especificidades brasileiras.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> FRANCO JUNIOR, op. cit. p. 14

<sup>14</sup> GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p.9.

<sup>15</sup> Não almejamos aqui, fazer nenhuma implicação ao “ídolo das origens”, expressão cunhada por Marc Bloch (2002, p. 60) que pretendemos é compreender o contexto histórico, cultural e social ingleses em que o futebol é gestado, assim como o desenvolvimento a partir de seu quadro geográfico e histórico, para elucidar questões tipicamente brasileiras a partir da introdução do esporte no Brasil. É notório a forte influência cultural britânica em fins do século XIX no Brasil. O estreitamento das relações comerciais entre os países propiciava esse trânsito cultural. É por conta dessas relações que é de grande valia o estudo no futebol na Inglaterra.

É durante o período da Segunda Revolução Industrial Inglesa que o futebol ganha seus traços oficiais, baseados em regras, costumes, leis. Até então não havia uma padronização entre as Universidades que praticavam o esporte, causando assim grandes confusões durante a prática do jogo, pois cada Universidade possuía um código de regras distintas.<sup>16</sup>

No ano de 1848, na Universidade de Cambridge em Londres, houve uma reunião entre quatorze escolas para a padronização das regras do *football*. Foi a partir daí que se estabeleceu que as partidas seriam jogadas entre onze jogadores em cada equipe, num campo correspondente a 120 x 60 jardas<sup>17</sup>. Era assim o ensaio da unificação das regras a partir dos ajustes das particularidades de cada instituição.

Foi então que no ano de 1863, que onze representantes de escolas e clubes reuniram-se em *Freemanson's Tavern*, em Londres, para a criação de um comitê que unificasse as regras<sup>18</sup>. E foi a partir da revisão das regras de Cambridge e das conciliações das outras organizações presentes que nasceu a *Football Association*, dotado de características ímpares e quatorze regras próprias.

Com isso, vale destacar que a padronização das regras conjuntamente com o desenvolvimento do esporte no século XIX efetivaram uma importante mudança de comportamento, pois com o advento do capitalismo gerado pela Revolução Industrial, são inseridas nos esportes as lógicas competitivas. A violência, brutalidade, “selvageria” dos antigos jogos agora passavam a ser limitadas, estabelecendo a igualdade de oportunidades entre seus participantes. Para Hilário Franco Júnior:

[..] aqueles que regulamentaram o futebol tiveram na política e na cultura da época o modelo inspirador para o novo esporte. Cada regra e sua posterior mudança, assim como as transformações no modo de jogar, não resultaram de decisões arbitrárias de poucas pessoas, eram expressões condensadas e em outro registro de eventos significativos da Inglaterra contemporânea.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Na Inglaterra encontramos várias referências a jogos com bola, acredita-se que esses jogos influenciaram diversas outras modalidades lúdicas que tinham como característica comum o uso da bola, como é o caso do *rugby* e do *football*. No século XIX as Universidades Inglesas passaram a introduzir os esportes em seus sistemas educacionais. Os estudantes eram os que mais praticavam os esportes, seja como recreação ou nas aulas de educação física. Contudo, muitas Universidades tinham em suas agendas o jogo do *football* e apesar de sua nomenclatura comum as regras eram díspares de localidade para localidade, não havia uma padronização. Tipo de bola, tamanho do campo, número de jogadores, uso das mãos, penalidades eram elementos que diferenciavam-se no regulamento de cada Universidade. Para que pudesse se desenvolver e não causar tumulto durante os jogos entre as instituições de ensino, era necessário estabelecer regras comuns. Daí a importância e a necessidade de ainda no século XIX essas Universidades buscarem unificar as regras.

<sup>17</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 59

<sup>18</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit. p. 28.

<sup>19</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit. p. 28, 29.



Isto posto, é a partir dessas catorze regras básicas que o *football association*<sup>20</sup> ganha o território inglês e posteriormente o globo terrestre. O futebol se torna uma febre na Inglaterra arrebatando as camadas populares e menos abastadas para a prática lúdica desse esporte. A respeito disso escreve Hilário Franco Júnior:

Praticado inicialmente por indivíduos da classe média alta, fundadores do Football Association, logo o esporte ganhou o interior da Inglaterra e atraiu a classe média baixa e mesmo o operariado. Na década de 1870 surgiram clubes de empresas siderúrgicas (por exemplo, o West Ham), ferroviárias (caso do Manchester United) e armamentistas (como o Arsenal). No começo da década seguinte o futebol passou a ser praticado nas escolas públicas, frequentadas por indivíduos oriundos das classes pobres [...].<sup>21</sup>

Em vista disso, podemos discorrer que o futebol enquanto um jogo moderno, regado, com normas e com características unificadas foi gestado no seio de uma alta casta burguesa da Inglaterra por meio das instituições escolares, portanto, o elitismo é uma marca inicial do futebol moderno.

Ao analisar a importância da educação formal e dos esportes na formação da alta classe média inglesa Hobsbawm aponta que “o esporte era considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do gentleman britânico burguês treinado em escola pública.”<sup>22</sup>

Posteriormente, o futebol passa a ser praticado nas camadas menos abastadas da sociedade inglesa. Concordando ainda com Hobsbawm “no final do século XIX o futebol passou a se tornar símbolo da nova classe operária industrial inglesa que já se tornara um símbolo de identificação da classe ao se apropriar culturalmente do esporte”.<sup>23</sup> De acordo com essas observações aventa Nicolau Sevcenko sobre a popularização do futebol no contexto inglês:

Um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão de sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais. O fenômeno além de interessante é bastante revelador, tanto das características

---

<sup>20</sup> A *football association* é a mais antiga entidade regulamentadora do futebol moderno, ela nasceu da reunião entre essas onze escolas. A Football Association atualmente gerencia o campeonato inglês da Primeira Divisão, chamada de Premier League. No século XIX devido o nome da Instituição ser Football Association, a mesma nomenclatura passou usado para denominar o futebol moderno. É muito comum encontrarmos nas páginas dos jornais da época referências a “um match de football association”. Portanto, a partir daqui não utilizaremos esse nome para nos referirmos a Instituição, mas sim ao jogo.

<sup>21</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit. p. 34.

<sup>22</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988. p. 163

<sup>23</sup> HOBBSAWM apud SOARES, 2014, p. 33

mais atrativas deste esporte, quanto do ambiente peculiar criado pelo crescimento acelerado das cidades em processo de industrialização. [...]

Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. [...] Era quando se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County; Glaslow Celtics e o Glaslow Rangers; ou em Londres, qualquer partida que se confrontassem os arquirrivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace.

Essas misteriosas e para sempre inconciliáveis divisões ocorriam por diferentes motivos, ora opondo católicos contra protestantes, irlandeses ou gauleses contra anglo-saxões, trabalhadores especializados contra não especializados, residentes antigos da cidade contra imigrantes recentes e o que mais se imaginar, muitas vezes várias dessas razões agindo ao mesmo tempo. Mas o fato notável era como a massa da população trabalhadora se via toda envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol. [...]

Assim num curtíssimo intervalo de tempo, o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa, e em breve, conquistaria o mundo inteiro.<sup>24</sup>

Sendo assim, concordamos que o advento futebol não pode ser separado de seu quadro geográfico (Inglaterra) e do seu quadro histórico (Revolução Industrial)<sup>25</sup> já que o futebol moderno é um fenômeno universal que só foi possível através da Revolução Industrial Inglesa, pois durante a ampliação dos mercados externos da Inglaterra, expandindo seu comércio de maneira internacional, os britânicos levam consigo seus aspectos culturais, sendo o futebol um símbolo cultural que está inserido na dinâmica de expansão do imperialismo da Inglaterra.

Com essa expansão do Imperialismo inglês na década 1880 o futebol se espalha nos países do velho continente. Começam a aparecer clubes destinados a prática desse esporte em nações como Holanda, Rússia, França, Dinamarca, Itália, Suíça e Espanha que levou em 1886 a criação da *International Football Association Board* com o intuito de padronizar o jogo nos países em que este se espalhava. Diferentemente do caso inglês, onde o futebol já servia como uma identidade da classe operária, esses países limitavam o futebol a círculos sociais bastante restritos como jovens estudantes e técnicos especializados nas companhias inglesas e é justamente com esse caráter elitista que muitos jovens da América do Sul entram em contato com o jogo.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP. São Paulo, v.22, 1994. p. 35.

<sup>25</sup> FRANCO JUNIOR, Op. Cit. p. 25.

<sup>26</sup> PEREIRA op. cit. p. 18

É com essa lógica que o futebol é introduzido no Brasil e com isso ganha um caráter de modernidade, do novo, tendo em vista que para os brasileiros em fins do século XIX tudo que correspondia a Europa possuía ar de moderno, principalmente se o produto vinha da Inglaterra ou França. Desta forma, o futebol configura-se também como uma moda europeia que foi apropriada pelos brasileiros. Como afirma Roberto Damatta:

O futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, pois, mais do que um simples “jogo”, estava na lista das coisas moderníssimas: era um “esporte”. Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização. Nos primeiros anos dos séculos, portanto no momento de sua aparição no cenário brasileiro, o futebol foi um jogo de elite. Um esporte praticado por jovens filhos de industriais que por ele se apaixonaram na Inglaterra, onde tinha, ido a estudo ou negócios.<sup>27</sup>

Ademais, devido estas problemáticas cabe aqui algumas considerações a respeito da introdução e o crescimento do futebol no Brasil, pois este está intrinsecamente ligado as relações entre Brasil e Inglaterra. Há basicamente três maneiras que pudemos constatar a respeito do início dessa prática esportiva nas terras brasileiras. A primeira por meio de mercadores ingleses que jogavam esse novo e moderno jogo nas cidades brasileiras em seu momento de lazer. A segunda através do ensino dos colégios católicos que tinham nos seus programas educacionais jogos que fazem menção ao futebol moderno. A terceira por intermédio de jovens das mais classes abastadas no Brasil que viajavam para o exterior, geralmente para estudar nas Universidades, e no retorno à sua pátria traziam consigo o hábito do esporte.

Hobsbawm aponta que o esporte praticado nas escolas europeias representaram a tentativa da criação de linhas de classes que as separassem das massas se configurando como um instrumento de formação de padrões de comportamentos e valores comuns, aliás tornou-se o mais conveniente e universal critério para a determinação da estratificação social.<sup>28</sup>

O terceiro comportamento elencado aqui é muito comum na maioria das regiões do Brasil podemos citar alguns “introdutores”: Charles Miller em São Paulo, Oscar Cox no Rio de Janeiro, Nhozinho Santos no Maranhão, José Silveira no Ceará, Victor Serpa em Minas Gerais. Enfim a lista é grande. E é por conta disso que o futebol brasileiro não pode ser

<sup>27</sup> DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. *Revista USP*. São Paulo, v.22, 1994. p. 11

<sup>28</sup> HOBBSBAWN, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 301.

explicado em sua totalidade a partir de um ponto de vista unilateral. Sua inserção em uma região ou estado específico do Brasil não é suficiente para difundir esse esporte para as demais regiões. Por conta disso faz-se necessário um breve histórico da prática dessa modalidade esportiva.

É bastante difundido a atribuição da introdução do futebol no Brasil através do paulistano Charles William Miller, filho de um escocês radicado no Brasil. Miller realizou seus estudos na Inglaterra e ao retornar para o Brasil, em 1894 trouxe consigo dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e o desejo de expandir o esporte bretão entre os brasileiros. Ele conseguiu agrupar uma quantidade de pessoas para a prática do *football association* e passou a realizar treinos na Várzea do Carmo. Em 14 de Abril de 1895, conseguiu organizar e realizar a primeira partida oficial entre as instituições São Paulo Athletic Club e São Paulo Railway Company, sendo ambos os times compostos por rapazes brasileiros e ingleses.<sup>29</sup> A viagem de Charles Miller à Inglaterra é fruto de um *modus operandi* das elites brasileiras, que tinham por hábito enviar seus jovens filhos para a Europa, a fim de aprimorar sua formação educacional.<sup>30</sup>

Charles Miller, nasceu em São Paulo, em 24 de Novembro de 1974, filho de John Miller e Carlota Alexandrina Fox Miller. John Miller era escocês, Carlota, por sua vez, era brasileira, entretanto, filha de ingleses.<sup>31</sup>

Com isso é válido dizer que sendo Miller um sujeito que fazia parte da elite paulistana, o futebol é introduzido no Brasil, através das elites. No final do século XIX e início do século XX não se vendiam artigos esportivos no Brasil, estes eram encomendados da Inglaterra via firmas nacionais<sup>32</sup>.

Esta classe social do Brasil Republicano era a que possuía os aparelhos necessários para a prática do esporte, por meio desse intercâmbio cultural que o comercio inglês propiciava, por isso as elites brasileiras despendiam gastos tanto nos materiais utilizados nas partidas, nos campos gramados, quanto nos conhecimentos das regras e as nomenclaturas inglesas.<sup>33</sup> Fazendo o futebol brasileiro um esporte restrito ao *high society*.

Porém, antes de Miller introduzir o *football association* em São Paulo, registros afirmam que um jogo semelhante a este já se encontrava em prática nas terras brasileiras. “O jogo de bola” é comumente referenciado a partir da presença de marinheiros ingleses dos navios

---

<sup>29</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. op. cit. p. 60.

<sup>30</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o Jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – 2008. P. 110

<sup>31</sup> GUTERMAN, Marcos, op. cit, p. 13.

<sup>32</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 144

<sup>33</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário, op. cit, p. 62, 63.

mercantes que aproveitavam para jogar partidas nas praias brasileiras, por volta de 1864. Faz-se também referência ao Colégio São Luís de Itu, em São Paulo, que por volta de 1880, tinha o *football association* como uma das atividades esportivas desempenhadas pelos alunos por inspiração dos padres irmãos Robert e William Godding.<sup>34</sup> Para Hilário Franco Júnior, outros colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, exercitavam-se com o futebol desde 1880. E no Colégio São Luís de Itu os jovens da elite disputavam um jogo semelhante ao *football association*, chamado de “bate bolão”<sup>35</sup>.

Há ainda registros da prática do *football association* em 1875 no Rio de Janeiro por empregados de empresas inglesas como forma de passar o tempo ocioso<sup>36</sup>. Ou até mesmo de uma partida realizada em 1878, em frente à residência da Princesa Isabel<sup>37</sup>, hoje Palácio Guanabara.<sup>38</sup> Em São Paulo, há registros da prática do esporte bretão em Jundiaí, por volta de 1882 através da iniciativa do inglês Mr. Hugh, que possuía alto cargo na São Paulo Railway.<sup>39</sup> Apesar destas colocações, Charles Miller segue considerado “o pai do futebol no Brasil”, ainda assim salientamos que no Brasil não há um “pai do futebol” e sim diversos introdutores. A partir de elencados esses fatos concordamos com Hilário Franco Júnior:

[...] Estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas.<sup>40</sup>

E nesse sentido seguimos a linha desse trabalho, compreendendo os bojos sociais que o futebol percorre a partir de um processo extremamente complexo, residindo a análise nas suas significações e ressignificações que cada classe social faz desse símbolo cultural e define para si sua própria forma de se relacionar enquanto classe, enquanto sujeitos históricos. Para tanto é preciso estudá-lo para além das classes dominantes.

O processo de inserção do futebol através desses jovens provenientes da elite brasileira, não bastam para explicar a difusão do futebol no Brasil, esse processo faz parte de algo de maior magnitude, pois a justificativa do futebol através da elite não dá conta de esclarecer sua difusão na sociedade brasileira como um todo. A respeito disso prossegue Wilson

<sup>34</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 141

<sup>35</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário, op. Cit, p. 62

<sup>36</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. P. 141

<sup>37</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário, op. cit, p. 62

<sup>38</sup> Atualmente Sede Oficial do Governo do Estado do Rio de Janeiro

<sup>39</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. P. 141

<sup>40</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit. p. 62

Gambetta “uma atividade cultural importada só se incorpora quando a sociedade receptora decodifica e atribui sentido social a sua simbologia, para praticantes e espectadores, ainda que seja através ressignificações.”<sup>41</sup>

Por conseguinte, faz-se necessário explorar de maneira ampla o futebol brasileiro para além do eixo do Sudeste, dando voz a regiões onde o esporte citado também é muito popular e bastante praticado, se configurando assim num estudo do Futebol no Brasil e não o estudo do Futebol em uma região determinada do Brasil.

### 1.1 O futebol ganha o Brasil

Como descrito anteriormente há inúmeros registros da prática do *football association* em São Paulo que antecedem o retorno de Charles Miller ao Brasil com os instrumentos necessários para a prática desse esporte. Contudo, nos delimitaremos a discutir a introdução do futebol em São Paulo a partir da volta de Miller e sua contribuição para a prática do futebol entre seus congêneres.

Charles Miller<sup>42</sup> saiu do Brasil com dez anos de idade para realizar seus estudos na *Banister Court Schooll* em Southampton<sup>43</sup>. A sua família que dispunha da cultura inglesa, o enviou a Europa para que ele pudesse formar-se e administrar os negócios da família em São Paulo, havia com isso uma característica exibicionista entre os ricos imigrantes (geralmente ingleses) e a aristocracia local.<sup>44</sup> Na Inglaterra, conheceu o *football association* e passou a praticá-lo como “center forward” na equipe do Condado de Hampshire.<sup>45</sup>

Miller retorna em 1894 com os instrumentos necessários para o jogo de futebol. No período ele já era associado junto com seu pai no São Paulo Athletic Club (SPAC). Ele divulgou o moderno esporte entre seus pares nesse club que tinha grande número de pessoas pertencente a colônia inglesa no Brasil.<sup>46</sup>

---

<sup>41</sup> GAMBETTA, Wilson Roberto. *A bola rolou - O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese (Pós – Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013. p. 124

<sup>42</sup> O sujeito histórico Charles Miller é uma figura interessante de ser analisada. Filho de um escocês com uma brasileira de pais ingleses, Miller aparece descrito nos registros documentais como uma ora inglês, outra brasileiro, e as vezes como uma espécie de sujeito híbrido. Isso se dá por conta da complexidade desse sujeito. Pois possuía descendência familiar inglesa, sua formação toda se deu na Inglaterra, todavia seu nascimento foi em terras brasileiras. Dessa maneira Charles Miller entre sujeitos da sua mesma época aparece definido de diferentes formas.

<sup>43</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 142

<sup>44</sup> GUTERMAN, Marcos. op. cit. p. 14

<sup>45</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 142

<sup>46</sup> GAMBETTA, Wilson Roberto. op. cit. p. 8

Enquanto não conseguia formar duas onzenas necessárias para a prática do jogo, os ingleses do SPAC exercitavam-se com o jogo do bate bola na Chácara Dulley.<sup>47</sup> A chácara pertencia ao engenheiro americano Charles D. Dulley que foi responsável por liderar a construção da ferrovia Rio – São Paulo aberta em 1877.<sup>48</sup> Posteriormente em 1895, Charles Miller consegue organizar aquela que é considerada a primeira partida oficial de futebol no Brasil. Partida esta organizada na Várzea do Carmo onde foram utilizadas as regras oficiais do *football association*.<sup>49</sup>

O jogo realizado em abril de 1895 reunia dois times formados por servidores das empresas inglesas que prestavam serviço no Brasil. De um lado um time composto por funcionários da *São Paulo Gas Company (The Gas Works Team)* e do outro o *São Paulo Railway Team*.<sup>50</sup>

Além das iniciativas orquestradas por Charles Miller e seus companheiros do SPAC, iniciou-se em São Paulo, em abril 1898, por intermédio dos estudantes do College Mackenzie de São Paulo a prática do futebol com a criação da Associação Athética Mackenzie College. Os alunos dessa Instituição em sua maioria eram membros da comunidade alemã de São Paulo.<sup>51</sup> Posteriormente, foram fundados o Sport Club Germania (clube também oriundo do alunado da Mackenzie); o Sport Club Internacional (Clube com o objetivo de integrar sócios de diversas nacionalidades) e também o Club Atlético Paulistano. Esses clubes tinham como clientela os imigrantes da alta casta das colônias estrangeiras e a elite cafeeira. Já nos primeiros anos do século XX, surgiram no interior paulista associações destinadas a prática do futebol, eram os casos do Sport Club Savoia (1900) em Sorocaba e da Associação Atlhética Ponte Preta (1900).<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 142

<sup>48</sup> GUTERMAN, Marcos. op. cit. p. 16

<sup>49</sup> GAMBETTA, Wilson Roberto. op. cit. p. 121

<sup>50</sup> Essa partida é lembrada como o ato inaugurador do futebol no Brasil. Entretanto como já demonstramos anteriormente, já existia relatos do jogo de bola no Brasil anterior a essa partida. Para saber mais sobre os jogos de futebol praticado no Brasil antes de Charles Miller, recomendamos a leitura da obra de José Moraes dos Santos Neto Visão de jogo: Primórdios do futebol no Brasil que ao analisar o futebol no Brasil defende a tese de que esse esporte se popularizou entre operários através de ex- alunos de colégios jesuítas, antes mesmo de ser desenvolvido em círculo fechado entre os ingleses e elite cafeeira de São Paulo. Contudo, não deixamos de salientar há outras vertentes historiográficas que defendem que o jogo de bola de acordo com as regras oficiais inglesas foi introduzido com o retorno de Miller ao Brasil. Apesar da insistência de pesquisadores como Djard Ramos Martins que afirma que o *football association* foi introduzido no Brasil a partir do Colégio São Luís de Itu. O que deve ficar claro ao leitor é que defendemos que não introdutor e sim introdutores. Contudo a discussão a respeito dessas análises dos primórdios do futebol são bastante válidas.

<sup>51</sup> STREAPCO. João Paulo França. “Cego é aquele que só vê a bola”. *O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C (1894-1942)*. Dissertação (Pós – Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010. p. 14.

<sup>52</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 144

A partir daí surgem as primeiras formas de organização de competições entre os clubes de São Paulo. É criado em 1902 a Liga Paulista de Football, organização esta que era formada por equipes de jovens burgueses da elite paulista ou estrangeira. Assim, com a criação da Liga Paulista de Football, as diretrizes dos clubes paulistas passam a obedecer a lógica que se identificavam como herdeiros do futebol inglês relacionando-se também à lógica excludente da política nacional. Pois, concomitante a isso o futebol converte-se em um novo item da modernidade europeia não podendo faltar aos anseios das elites brasileiras devendo ser praticado por sujeitos de iguais condições social e racial.<sup>53</sup>

Paralelo a esse movimento excludente em São Paulo, a juventude não pertencente a burguesia paulistana começou a se organizar, formando um movimento em que articulavam-se como um futebol praticado pela periferia da sociedade paulista, espalhando-se pela capital de São Paulo em campos “inadequados”. Esse movimento deu origem ao futebol de várzea, sendo um futebol não oficial, já que este não seguia as regras do amadorismo e do cavalheirismo pregado pela alta sociedade. Devido a essa apropriação do futebol pelas camadas populares o poder público paulista tentou impedir o crescimento desse movimento paralelo através de vias legais.<sup>54</sup>

Para o poder público paulistanos, nos primeiros anos do século XX, somente algumas praças esportivas estavam aptas a receber jogos para o divertimento de sua população (leia-se elite), sendo eles o pátio de algumas escolas da elite paulistana, o Velódromo Municipal, a sede do SPAC e o Parque Antártica Paulista.<sup>55</sup>

Esses espaços eram frequentados pela alta sociedade paulistana com o intuito de assistir ou praticar os jogos de futebol que cada vez mais ia crescendo na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, outros espaços iam sendo frequentados pelas camadas menos abastadas com o mesmo propósito. Um desses espaços, a Várzea do Carmo, curiosamente foi o local inicial das práticas do esporte pelos paulistas incrementadas através de jovens burgueses e filhos de estrangeiros, não obstante já no início do século XX ela passa a ser frequentada justamente por essas camadas populares.

Denota-se que na capital paulista existiam dois movimentos díspares que encontravam nas suas relações conflituosas a síntese daquilo seria a massificação do futebol posteriormente<sup>56</sup>. De acordo Hilário Franco Júnior:

---

<sup>53</sup> FRANCO JUNIOR, op.cit. p. 63.

<sup>54</sup> STREAPCO, op. cit. p. 15, 16

<sup>55</sup> STREAPCO, op. cit. p. 17

<sup>56</sup> A massificação ou popularização do futebol também está bastante atrelada a questão do amadorismo x profissionalismo. Durante a introdução sua introdução o futebol é jogado de maneira amadora, apesar de nos



Os poderes da República eram verdadeiros clubes da elite que procuravam bloquear a participação popular.

Isso não impediu, contudo, o desenvolvimento de uma segunda tendência: que o pretense Éden do amadorismo fosse conspurcado pelo interesse das camadas médias e subalternas. As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modelo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava pelos subúrbios proletários.<sup>57</sup>

No Rio de Janeiro, a introdução do futebol é atribuída a figura de Oscar Cox. Ele realizou seus estudos na Suíça no Colégio La Villa de Lausanne, onde aprendeu a prática do futebol. No seu retorno ao Brasil, em 1896, traz consigo os apetrechos necessários para jogar futebol no Rio de Janeiro.<sup>58</sup> Cox que era filho de ingleses se filia ao Payssandu Cricket Club, fundado em 1882 por membros da colônia inglesa no Rio. Paralelo ao Payssandu, o futebol era praticado também no Rio Cricket and Athletic Association. Portanto, a colônia inglesa “carioca” jogavam entre si um futebol de caráter restrito aos seus associados.<sup>59</sup>

Nesse período, Cox e seus companheiros se esforçam para que o futebol ganhe um caráter independente que sobrepujassem os limites dos times formados nas colônias inglesas. Então, em 1901, eles conseguem armar um jogo entre jovens brasileiros e os membros do Rio Cricket, partida realizada em 22 de Setembro.<sup>60</sup> No time brasileiro estavam presentes: Clyto Portela, Victor Etchegaray, Walter, Shuback, Mário Frias, Oscar Cox, Mac Noegely, Júlio de Moraes, Luís Nóbrega e Félix Frias.<sup>61</sup> Tem-se consolidado na história essa partida como o “marco fundador” do futebol no Rio de Janeiro.<sup>62</sup>

---

grandes centros (leia-se Europa) já se ter uma organização bem sólida de futebol profissional. Já na década de 1910, já podemos notar no Brasil alguns traços de amadorismo marrom (jogadores que eram pagos pelos clubes para jogar). Essa questão é muito combatida pelas elites que faziam do futebol um esporte amador, pois acreditavam que a profissionalização do futebol acabaria com os valores fidalgos, o cavalheirismo, as normas de conduta que estavam atreladas a prática amadora do esporte. Todavia o amadorismo marrom, fez com que as camadas populares da sociedade brasileira vissem no futebol uma possibilidade de ascensão social, contribuindo também para a formação de clubes ligados a periferia e assim a maior popularização desse esporte dentro de meios sociais que até pouco tempo eram restritos a tal prática.

<sup>57</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit. p. 63, 64

<sup>58</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 145

<sup>59</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 14, 15

<sup>60</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 15

<sup>61</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 146

<sup>62</sup> É interessante perceber que o Brasil está repleto de “mitos fundadores” em torno do futebol, cada mito com seu marco temporal, sua figura de “maior importância”, seu primeiro jogo. Esses mitos estão cristalizados mesmo após a verificação de práticas futebolísticas anteriores a ele. Fica aqui registrado que estudar esses mitos no campo da História Comparada resultaria num importante estudo que nos ajudaria a compreender o futebol brasileiro a partir

A partir daí o futebol passa a se desenvolver nos seios dessa juventude rica carioca, educada nos colégios europeus. Porém, apesar do entusiasmo desses jovens, o futebol não era muito noticiado, nem era visto como digno de nota entre os contemporâneos de Oscar Cox, pouca era a assistência que acompanhava os jogos. Porém, os cariocas realizaram novos empreendimentos que aos poucos ganhavam os periódicos locais.<sup>63</sup>

Consequentemente, os esportistas cariocas procuraram buscar em São Paulo o estímulo necessário para o aperfeiçoamento do futebol. E em 1901, foi acertado uma série de jogos entre Rio e São Paulo que se realizaram nos dias 19 e 20 de Outubro.<sup>64</sup> Apesar do futebol paulista ser visto como superior, os jogos terminaram em 1 a 1 e 2 a 2, o que fez os jovens *sportmens* cariocas se animarem com o feito.<sup>65</sup> Esses jogos interestaduais tiveram a assistência de distintas famílias<sup>66</sup>, marcando assim o caráter elitista e restrito que o futebol configurava em seus primórdios. Dessa maneira, os primeiros times brasileiros nascem em meio ao mundo aristocrático.<sup>67</sup>

Esse intercâmbio entre Rio e São Paulo fez com que o futebol carioca ganhasse um fôlego maior e assim temos no ano de 1902 a criação de novos clubes que objetivavam a prática do futebol, como o Rio Football Club e o Fluminense Football Club, este último com os incentivos de Cox.<sup>68</sup>

Entre os anos de 1902 e 1904 o Fluminense passa a disputar partidas contra Rio Football Club e o Payssandu Football Club. Essas partidas passaram paulatinamente a ser frequentadas pela mais seleta sociedade carioca de onde era bem marcante a presença das moças mais finas. Esse interesse surge pelo grande número de brasileiros que passam a se associar no clube, já não sendo até então um jogo restrito a clubes ingleses.<sup>69</sup>

No ano de 1903, são criados no Rio o Athletic Foot- Ball Club, o Andaray e o São Cristóvão. No ano de 1904 são fundados o Bangu Athletic Club, o Botafogo e o América Football Club. Com o grande número de clubes foi então criada, em 1905, a Liga Metropolitana

---

de uma nova óptica. A pesquisa é possível pela grande quantidade de fontes e de trabalhos feitos pautados na História Regional. Portanto, deixo aqui o meu registro aos historiadores interessados na temática e que a queiram estudar.

<sup>63</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 16

<sup>64</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 147

<sup>65</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 16

<sup>66</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 17

<sup>67</sup> GUTERMAN, Marcos, op. cit. p. 26

<sup>68</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 17

<sup>69</sup> FERNANDEZ, Renato Lanna. FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Tese (Mestrado em História, políticas e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2010. p. 33, 34

a qual pertencia os clubes da elite carioca.<sup>70</sup> Isto posto, os clubes se relacionavam entre si de maneira cordial, não se considerando adversários, mas imprimindo a marca do cavalheirismo<sup>71</sup>. Essa marca era muito importante para a lógica elitista, fazendo do futebol um esporte fidalgo.

Mesmo se definindo a partir dos clubes das elite, iam surgindo nos subúrbios cariocas uma grande quantidade de agremiações que reinventavam a lógica elitista de clubes propagadas por clubes como o Fluminense. Aparecendo na maior parte das vezes através do incentivo das famílias de destaque que habitavam os subúrbios cariocas, reelaborando em sua lógica própria a definição do futebol como um marco de diferenciador.<sup>72</sup>

Apesar da marca elitista do futebol carioca, nota-se o interesse pelo esporte das classes populares do Rio de Janeiro que em antítese as cadeiras seletas para a “juventude granfina” e as excelentíssimas famílias, compareciam ao campos de futebol, crianças e jovens negros mal vestidos demonstrando seu interesse pelo jogo, assistindo do lado de fora dos campos aquele esporte que vinha se desenvolvendo na sociedade carioca.<sup>73</sup>

Ao longo do início do século XX, os clubes vão se alargando para as mais distintas classes sociais do Rio de Janeiro. Esse grande número de clubes faz com que sejam criadas diversas Ligas de futebol, entretanto nenhuma consegue sobrepujar o prestígio da Liga Metropolitana. Aliás, tal liga, consegue já em 1907, definir os rumos do futebol no Rio de Janeiro, tentando definir regras e condutas para ser adotadas por todos os *sportmens*, com o objetivo de delimitar o perfil de seus participantes, não permitindo em seus clubes filiados pessoas de cor ou trabalhadores manuais.<sup>74</sup>

Entretanto, a criação de clubes ligados as fábricas fez surgir uma nova lógica, a aceitação de operários entre os sócios dos clubes ligados a empresas. Talvez o caso mais famoso seja o do Bangu Athletic Club, financiada pela Companhia Progresso Industrial do Brasil.

O Bangu, criado por estrangeiros, teve em seu início a não aceitação da criação do clube por parte dos diretores da Companhia, não obstante João Ferrer, administrador da empresa, apoiou a iniciativa por ver positivamente a criação de uma agremiação na empresa.<sup>75</sup>

Por estar em uma localidade distante do centro urbano do Rio de Janeiro, o Bangu passa a ter em seus quadros de sócios operários, chefes e trabalhadores estrangeiros. Mesmo

---

<sup>70</sup> MARTINS, Djard Ramos. Op. Cit. p. 147

<sup>71</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 52

<sup>72</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 54

<sup>73</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 55

<sup>74</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 63

<sup>75</sup> FERNANDEZ, Renato Lanna. op. cit. p. 3

sendo dirigido por imigrantes ingleses o clube passa a aceitar sócios das mais distintas origens.<sup>76</sup>  
De acordo com Waldenyr Caldas ao analisar o Bangu:

O privilégio de ser escolhido criaria uma nova categoria profissional de operário que, a partir de agora, chamaremos de “operário-jogador”. Eles formariam a “elite operária do futebol” e teriam algumas regalias por isso: passariam a fazer um trabalho mais leve, para que sua energia se concentrasse também no futebol. Nos dias de treino poderiam deixar o serviço mais cedo. Quase sempre os operários-jogadores eram mais rapidamente promovidos. Em suma, eles eram discretamente protegidos pela diretoria da empresa. O contato mais informal no campo de futebol com os altos funcionários ingleses poderia se converter também numa vantagem a mais.<sup>77</sup>

Como dito antes, as regras da Liga Metropolitana não aceitava dos seus clubes filiados a participação de negros e trabalhadores manuais, com o intuito de manter o futebol um esporte entre classes sociais homogêneas, da alta sociedade carioca. Com essa regra o Bangu, clube filiado à Liga Metropolitana, tornava-se alvo fácil. Essa lógica excludente, evidenciava claramente o objetivo da Liga, evitar os jogadores e clubes indesejáveis.<sup>78</sup>

Então em 1907, o Bangu negou-se a aceitar tal demanda da Liga e contra essa medida sua diretoria decidiu retirar o clube sob protesto.<sup>79</sup> O que fica evidente é que o futebol carioca passa por constantes ressignificações, perpassando pela elite se difundindo através dos clubes da periferia e participação ativa do negro, mesmo com as imposições contrárias tomadas através de discursos e práticas pela Liga Metropolitana. De acordo com Hilário Franco Júnior:

Diante do crescente prestígio do futebol popular, órgãos da imprensa brasileira passaram a denegrir aquilo que classificavam como práticas selvagens dos “canelas negras”, em nada comparáveis aos aristocráticos gestos dos *sportsmen*. [...] Selvagens, bárbaros, inferiores eram denominações proferidas por integrantes das elites brasileiras [...] A desqualificação era o campo privilegiado no qual a população brasileira era definida por sua elite. Os jogadores do futebol popular não escapavam a esse tipo de avaliação.<sup>80</sup>

No Rio Grande do Sul, especificamente em Porto Alegre, o futebol é incentivado por intermédio de Oscar Canteiro. No dia 06 de Setembro de 1903, no trapiche Loyd o futebol

<sup>76</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 65

<sup>77</sup> CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro*. Revista USP. São Paulo, v.22, 1994. p. 43.

<sup>78</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit. p. 66

<sup>79</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário, op. cit, p. 67

<sup>80</sup> FRANCO JUNIOR, op. cit. p. 65, grifo do autor

desembarca em Porto Alegre. Vindo através do Sport Club Rio Grande.<sup>81</sup> Clube esse fundado em 1900 e já praticava futebol desde o seu primeiro ano de criação.<sup>82</sup> É então através do convite dos clubes esportivos porto alegrenses que o Sport Club Rio Grande chega com o futebol em solo porto – alegrense.<sup>83</sup>

O futebol foi adotado na capital do Rio Grande do Sul com a fundação de dois clubes, o primeiro o *Fuss - Ball Club Porto Alegre* e Grêmio *Foot-Ball Porto-Alegrense*.<sup>84</sup> Portanto o futebol porto – alegrense desenvolve-se em meio a sociedade dividida entre desportistas de origem teuta, uma elite ávida pelos *sports* modernos, e as camadas populares.<sup>85</sup>

Inicialmente o futebol não foi incorporado na sociedade porto- alegrense devido ao forte “associativismo teuto”.<sup>86</sup> Somente em 1909 que o futebol caiu no gosto de Porto- Alegre com a criação do *Sport Club* Internacional, fundado por uma camada privilegiada da sociedade porto – alegrense, sendo essa nova sociedade identificada com a elite da capital.<sup>87</sup> A partir daí surgem também clubes dedicados a operários, estudantes, clubes que estavam intrinsecamente ligados as camadas populares.<sup>88</sup>

Na Bahia, Ceará e Pará o futebol passa pela mesma lógica elitista. A lógica da alta sociedade excludente se revela nos mais diferentes Estados brasileiros. É de fundamental importância ressaltar que ao estudar o início do futebol no Brasil devemos levar em consideração a região, o local, a cidade.

Não podemos incorrer no erro da experiência de certo lugar determinar a História e o contexto do processo de introdução de outros. Por estas razões, discordamos das interpretações que levam Charles Miller, Oscar Cox ou Mr. Hugh como introdutores do futebol no Brasil, como se das suas experiências, em suas respectivas cidades decorressem e influenciassem todas as regiões brasileiras.

Entretanto, entendemos que eles são parte de um todo. A compreensão de suas iniciativas nos auxiliam a entender esse processo. Os jovens introdutores estão espalhados por todo Brasil e fazem parte de uma complexa rede. Nesse sentido, a História do Futebol Brasileiro está para além de um centro esportivo desenvolvido, está também na periferia da História.

---

<sup>81</sup> SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Dissertação (Mestrado) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

<sup>82</sup> SOARES, Ricardo Santos. op. cit. p. 27

<sup>83</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit p. 42

<sup>84</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit p. 43

<sup>85</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit p. 41

<sup>86</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit. p. 152

<sup>87</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit. p. 68

<sup>88</sup> SOARES, Ricardo Santos. op cit. p. 85

O que fica evidente é que cada região ou estado brasileiro há seu “mito fundador” do futebol. Contudo, os fatos aqui elencados servem para uma melhor compreensão do caso maranhense, vale destacar que não queremos aqui realocar lógicas de uma localidade para explicar situações próprias de outra.

A escolha de aqui analisarmos o futebol em outros estados tem o objetivo de abranger o estudo futebol para além do eixo Rio - São Paulo de demonstrando os diversos introdutores do esporte e além disso a ressignificação dessa cultura em diferentes meios sociais, ademais nos faz refletir a respeito das relações de conflitos e acordos nas diferentes camadas sociais a partir de cada localidade através de suas particularidades. É válido afirmar que, mesmo inserido em âmbito elitista, as classes populares buscavam “driblar” essas imposições feitas de forma até mesmo legal para inserirem-se na prática do esporte inglês.

## **CAPÍTULO 2: CONTEXTUALIZANDO A CIDADE: SÃO LUÍS NO INÍCIO SÉCULO XX.**

Seguindo as observações levantadas no capítulo anterior, a introdução do futebol no Maranhão, especificamente na cidade de São Luís, não pode estar dissociada do seu quadro histórico (As relações comerciais diretas da Inglaterra, a modernização e urbanização da cidade) do seu quadro geográfico (a ocupação do centro urbano).

Para entender as lógicas que norteiam a criação dos primeiros clubes maranhenses e suas ligações diretas com as elites locais devemos compreender as transformações ocorridas na cidade no início do século XX, pois os clubes esportivos são produtos da lógica da modernização almejada por essas elites locais.

No início do nascente século XX, as elites ludovicenses vislumbram a necessidade de modernizar-se. Esse desejo já se fazia presente desde o século passado. As elites políticas enfrentavam uma intensa dicotomia, modernizar-se sem perder o tradicionalismo. Essa marca rege o início do Maranhão na Nova República.

Nesse contexto, São Luís tinha o desafio de seguir o exemplo da capital do Brasil, o Rio de Janeiro, que se modernizava importando costumes e artigos europeus sob o símbolo de modernidade. Estavam ainda presentes na vida ludovicense os ares franceses. A influência parisiense era muito forte, a inglesa agia concomitante, são muitos os anúncios nos jornais da época a respeito dos artigos de consumo do exterior e lojas de produtos ingleses ou tendências de modas vindos da Europa. São Luís por ser uma cidade portuária tinha contato direto com os produtos culturais ingleses.

A cidade de São Luís carregava consigo o título da Nova Atenas, título esse muito importante para um seleto grupo da elite. Toda essa modernização devia ser feita a “moda maranhense”. Restavam resquícios bastante presentes da monarquia escravista de outrora, mas o intuito de modernizar a cidade se fazia necessário.

Nesse sentido, as elites dirigentes de São Luís começam a inserir no seu centro urbano novos espaços de vivência e sociabilidade a exemplo disso podemos citar os cinemas, teatros, passeios, os bondes, os clubes sociais, o início da utilização da luz elétrica<sup>89</sup> e até mesmo o desejo da criação da Ferrovia ligando São Luís a Caxias sob a justificativa de alavancar a

---

<sup>89</sup> No início do século XX a luz elétrica é utilizada em poucos lugares de São Luís, apenas algumas instituições a utilizavam como o caso do Fabril Athletic Club que em 1908 instala a luz elétrica em suas dependências, entretanto só em 1918 por iniciativa de Clodomir Cardoso que se instala em São Luís a luz elétrica de maneira definitiva, mas como de costuma por ser um item muito novo, essa iluminação ficou

produção da indústria têxtil maranhense que não conseguia ser escoada devida ao baixo volume de água nos rios.

Sobre essa produção têxtil devemos lembrar que com a abolição da escravidão em 1888, a indústria têxtil maranhense passa por uma considerável crise. Pois, com a utilização da mão de obra escrava, os ingleses passam impor uma nova lógica trabalhista no Brasil a partir dos trabalhadores assalariados, nesse sentido, a lógica do trabalho maranhense passa por uma mudança drástica. O modelo agroexportador é substituído pelo modelo da Indústria Têxtil com a criação de grandes fábricas do ramo têxtil. Para Lacroix “Outros tantos “barões” venderam suas propriedades por valores inferiores ao que valiam, contribuindo, em pequena proporção, para o estabelecimento do parque fabril de São Luís, especialmente em fábricas têxteis.”<sup>90</sup>

Entre essas fábricas podemos elencar: a Companhia de Manutenção e Tecidos Cãnhamo, a Companhia Fabril Maranhense – Santa Isabel, Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil. Com a criação dessas fábricas a cidade de São Luís começa a crescer horizontalmente devido as comunidades periféricas que começam a se instalar nos arredores dessas fábricas. De acordo com Antonia da Silva Mota:

Ao longo do tempo, o estabelecimento fabril ao longo do tempo passou a aglutinar uma população de trabalhadores (homens, mulheres e crianças), ocupando o seu entorno com construções rústicas. Importante ressaltar que não se tratava de operários no modelo europeu, aqueles desprovidos de terra e instrumentos de produção. No caso dos trabalhadores das manufaturas maranhenses, as informações coletadas dão conta de que se viravam utilizando seu saber tradicional e se adaptavam aos novos afazeres, tentando amearhar sua sobrevivência. Então, faziam roça pros lados do Bacanga, na outra margem do rio; colhiam frutas na Vila de Vinhais; faziam carvão nos arredores da ilha, que usavam para seu consumo doméstico e vendiam o excedente aos moradores do centro da cidade. Os homens pescavam nos rios Anil e Bacanga, assim como todos possuíam e cultivavam estreitos laços parentais com populações que viviam na Baixada maranhense, região próxima no continente, onde produziam farinha de mandioca, frutas, caça etc. Portanto, o trabalho nas fábricas dos arredores de São Luís era mais uma das alternativas de sustento das populações de menor renda, descendente das populações escravizadas e marginalizadas.<sup>91</sup>

Com isso, seguindo o panorama da cidade de São Luís nos primórdios do século XX, as elites locais passam a reformular suas práticas de diferenciação social com a criação de

---

<sup>90</sup> LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. *A Campanha da Produção*. São Luís, Associação Comercial do Maranhão, 2004. p. 17.

<sup>91</sup> MOTA, Antonia da Silva. *Fábrica Martins Irmão & Cia: trajetória fabril na dinâmica urbana de São Luís* / Antonia da Silva Mota, Ulisses Pernambucano. (Orgs.). -São Luís: Edufma, 2014. p. 58.



inúmeras Instituições a quem tinha acesso somente os “granfinos”. A respeito dessas novas diretrizes que São Luís viria a seguir discorre Pamela Araújo Pinto:

[...] O Maranhão passa por transformações, sendo o século XX, cenário da vivência nostálgica da Atenas Brasileira. O fim da escravatura e a evidente decadência financeira freiam as glórias do passado. Intelectuais insurgem a esta fase criando a Academia Maranhense de Letras (1908), o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (1926) e tantos outros fóruns de debate. No início do século passado são fundados os primeiros cursos superiores: as faculdades de Direito (1918), Farmácia e Odontologia, ambas em 1922. As notícias passaram a circular em jornais como O Globo, O Norte, Folha do Povo, O Combate, Jornal do Povo, A Pacotilha, Imparcial, Diário da Manhã, Correio do Nordeste e Jornal Pequeno, com perfil editorial mais ameno que os jornais da primeira fase, mas politicamente comprometido como os periódicos de outrora.<sup>92</sup>

Isto significa dizer que a cidade de São Luís e sua sociedade, exclusivamente as elites, passavam por um clima de efervescência cultural pautados nas influências europeias. Entretanto, a respeito dessa lógica moderna pondera Anna Carolina Vieira Cavalcante Medeiros:

Mas o que fascinava também causava espanto, desconfiança, temor pelo desconhecido. A modernidade era a estampa-mor de jornais, que funcionam como um termômetro em que não se verifica apenas a recepção pela imprensa, mas também da população consumidora desse meio de comunicação. Mas, essa modernidade não se encontrava em seu estado de pureza, viria misturada com a tradicionalidade que acompanhava aquela sociedade até então, e nenhuma mudança de tamanha proporção seria absorvida com tamanha rapidez pelos modernos, ainda mais quando elementos do passado serviam para afirmar o quanto a sociedade estava ligada ao moderno, não devendo, portanto, haver a total revolução e destruição como a modernidade sugere.<sup>93</sup>

Dessa forma, mesmo com as mudanças que viriam a afetar a sociedade com os ares modernos, a aceitação parcial da participação de “novos” atores na dinâmica do trabalho, não houveram mudanças significativas na lógica elitista, visto que mesmo com os ares da Nova

<sup>92</sup> PINTO, Pâmela Araújo. *Jornal O Imparcial: o embrião do fotojornalismo maranhense*. REVISTA CAMBIASSU Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 0102-3853 São Luís - MA, Vol. XVII – N° 3 - Janeiro a Dezembro de 2007. p. 81.

<sup>93</sup> MEDEIROS, Anna Carolina Vieira Cavalcante. *O lazer da fina flor da sociedade ludovicense: um estudo sobre a sociabilidade das elites clubísticas no período da Belle Époque (1889 – 1930)* – São Luís, 2014. p. 24.

República ainda se respirava os ares das oligarquias, deste modo, com a mudança de governo do Império para a República há a manutenção do poder por parte dessas elites locais.

É neste clima do novo, das tendências europeias e dos parques fabris e do poder concentrado pelas grandes famílias de outrora que o futebol é introduzido em São Luís, através de Nhozinho Santos, figura semelhante aquelas elencadas no capítulo anterior. É mais um introdutor do futebol no Brasil, essa figura se analisada com cuidado, por si só, diz muito da sociedade ludovicense da época estudada.

## 2.1 Nhozinho Santos, o Introdutor Maranhense.

No ano de 1871 chega, ao Maranhão, na capital São Luís, o jovem português Crispim Alves dos Santos. Ele e seu irmão, João Alves dos Santos instalam no centro da urbe uma casa comercial destinada a venda de artigos explorando o ramos dos tecidos<sup>94</sup>. Vale ressaltar que durante esse tempo o Maranhão tinha como principal fonte de renda a produção da manufatura do algodão. Em consequência da quebra econômica com a abolição da escravidão e o novo modelo industrial que começou a ser introduzido no Maranhão, Crispim começou a investir na indústria.

Dessa maneira, em 1891, Crispim em parceria com Carlos Ferreira Coelho, Apolinário Jansen e Candido Ribeiro iniciam o projeto que mais tarde seria conhecido como Fábrica Santa Isabel vincula diretamente a Companhia Fabril Maranhense. A fábrica é inaugurada em 1893 dispondo no seu patrimônio 160 teares, uma quantidade de terras considerável que se prolongavam até Rio Bacanga, seis prédios, sendo quatro situados na Rua Oswaldo Cruz e dois na rua Senador João Pedro.<sup>95</sup>

Crispim Alves dos Santos passa a administrar a fábrica em 1896 se tornando um dos maiores industriais do Maranhão. Já no final de 1898 a fábrica dispunha de “capital realizado de 1.700 contos, 450 teares, 600 operários, produzindo riscado e domésticos de algodão.”<sup>96</sup>

Ademais produzia-se também naquele recinto fio branco, tinto e casimira de algodão. Posteriormente Crispim se torna o único proprietário do estabelecimento.<sup>97</sup> Além de

<sup>94</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 252

<sup>95</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 253, 254

<sup>96</sup> DOURADO, José Ribamar. *A indústria do Maranhão: um novo ciclo* / José Ribamar Dourado, Roberto Guimarães Boclin – Brasília: IEL, 2008.

<sup>97</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 254

grande industrial, Crispim também se torna vice cônsul de Portugal e da Colômbia, diretor do Banco Comercial do Maranhão, foi mesário da Santa Casa da Misericórdia e Procurador Geral.<sup>98</sup>

Em 1905, acontece o falecimento de Crispim Alves, nessa época tinha seis filhos, e os negócios da família passam a ser gerenciados por sua família. A administração, então, fica por conta de Joaquim Francisco dos Santos e Joaquim Moreira Alves dos Santos, mais conhecido como Nhozinho Santos.<sup>99</sup>



Figura 01: Companhia Fabril Maranhense, onde funcionava a Fábrica Santa Isabel  
Fonte: CUNHA, Gaudencio (1908), Álbum do Maranhão 1908, p. 113

Nhozinho Santos tinha grande interesse nos negócios de seu falecido pai e herda o patrimônio construído. Antes de seu pai falecer, o jovem Nhozinho Santos, viaja para a Inglaterra no intuito de se educar conforme os padrões europeus. Ele estuda nas cidades de Liverpool e em Southampton<sup>100</sup> e nestas cidades além de aumentar seus conhecimentos a respeito da indústria têxtil, se torna um praticante do esporte que já arrebatava a população inglesa, o futebol.

Na sua volta ele começa a praticar o esporte bretão em terras maranhenses. O futebol é introduzido em São Luís, como já dissemos antes, quão símbolo da modernidade, Nhozinho se analisarmos bem é um ávido introdutor de tudo aquilo que era moderno, sua empresa dispunha de grande quantidade de equipamentos e capital, a ele também é creditado a aquisição do primeiro carro no Maranhão, o uso da luz elétrica e o cinema fixo. Sobre o automóvel discorre Maria das Graças do Nascimento Prazeres:

Em 1908 chega o primeiro automóvel ao Maranhão. O veículo foi fabricado na França e importando por Joaquim Moreira Alves dos Santos, mais conhecido pelos ludovicenses como Nhozinho Santos. O automóvel era um

<sup>98</sup> MARTINS, Djard Ramos. op. cit. p. 255

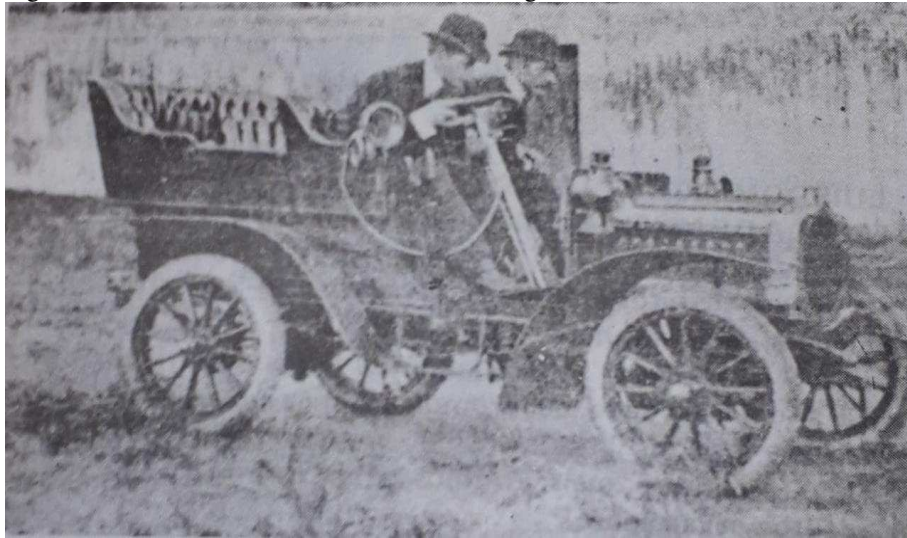
<sup>99</sup> MARTINS, Djard Ramos, op. cit. p. 254

<sup>100</sup> Curiosamente Charles Miller também conheceu o futebol na cidade de Southampton.

De Dion Bouton<sup>18</sup> que vinha sendo produzido desde 1899 com quatro assentos, um cilindro e seis HP de potência. Apesar de a potência do motor não permitir evoluções em alta velocidade, a máquina francesa chegava a São Luís espalhando euforia e espanto todas as vezes que percorria os logradouros da cidade.<sup>101</sup>

Podemos concluir que o automóvel, por si só, de tão novo que era causava espanto na sociedade maranhense, mesmo já sendo conhecido em outras cidades. São Luís não possuía grandes avenidas e ver o carro passar com toda barulheira e fumaça se constituía uma atração só.

Figura 02: Nhozinho Santos conduzindo seu Peugeot



Fonte: MARTINS, Dejard Ramos (1989). p. 265

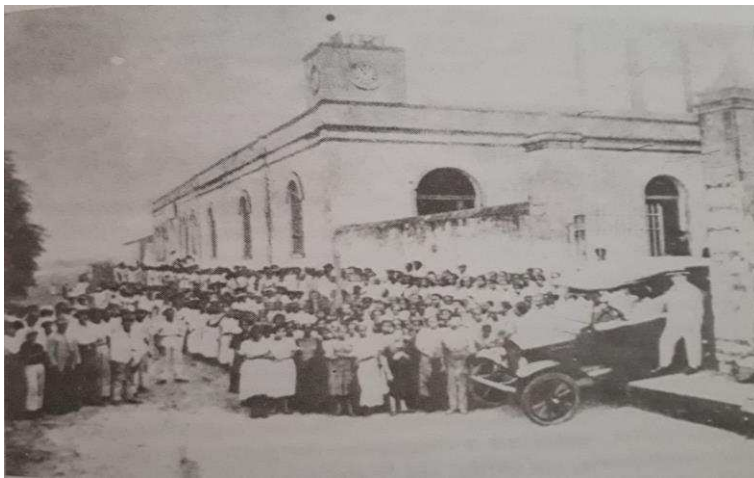
Podemos dizer que Nhozinho Santos representa, sobretudo, um modo de pensar das elites maranhenses introduzindo no cotidiano da cidade as modas europeias, o que fazia ser um elemento diferenciador, com isso, seu empório moderno e esses elementos trazidos por ele fazem com que esse indivíduo se torne um sujeito ilustre na sociedade ludovicense, muito respeitado entre seus pares.

Outrossim, dissonante dos ventos modernos introduzidos pela elite, podemos notar nas imagens a grande presença de homens e mulheres negros que trabalhavam nas fábricas. Como dissemos anteriormente não se assemelham aos proletariados organizados que já se fazia presente na Europa, mas sim descendentes de ex-escravos que tiravam seus sustentos no chão de fábrica do Parque Fabril.

<sup>101</sup> PRAZERES, Maria das Graças do Nascimento. *UMA RUA...UMROMANCE...UMACIDADE...HISTÓRIA, LITERATURA E MODERNIDADE EM SÃO LUÍS (MA) NO ROMANCE RUA DO SOLDE ORÍGENES LESSA*. VI Simposio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí –UFPI Teresina-PIISBN: 978-85-98711-10-2. p.7

Como veremos posteriormente, Nhozinho Santos traz o futebol diretamente da Inglaterra para as terras gonçalvinas, fundando em 1905 o Fabril Athletic Club, foi denominado assim, pois surgiu a partir da Fábrica de Tecidos Santa Isabel, coordenada por Nhozinho Santos e apesar da grande presença negra na fábrica, o futebol, no início do século XX em São Luís, é praticado em círculo fechado entre as elites da sociedade maranhense e ocupantes dos altos cargos da fábrica, geralmente ingleses, logo, o divertimento esportivo, em seus primórdios, acontece como uma verdadeira festa da aristocracia maranhense.

Figura 03: Nhozinho Santos em frente a Fábrica Santa Isabel com seu automóvel e os trabalhadores da fábrica.



Fonte: MARTINS, Dejard Ramos (1989). p. 251

## 2.2 Primeiro tempo: da introdução do futebol a decadência – Os primeiros passos do futebol no Maranhão.

Em 1905, ao retornar da cidade de Liverpool, chega em São Luís o jovem Joaquim Alves Moreira dos Santos, mais conhecido entre seus contemporâneos como Nhozinho Santos. Na suas bagagens trazia consigo todos os materiais necessários para a prática do *football association* e outras modalidades como *cricket*, *lawn tennis*, além dos conhecimentos adquiridos na Europa a respeito da produção industrial têxtil. Seu intento era de criar um clube esportivo na cidade de São Luís para o divertimento e socialização das “boas famílias ludovicence”. Na época já existiam outros clubes com esse intuito como o Clube Euterpe Maranhense, fundado em 1904 voltado para o bilhar francês.

Em seu retorno Nhozinho Santos pretendia incentivar a prática dos esportes a céu aberto coisa que já era muito comum na Europa. Então naquele ano ele reuniu, em sua residência na Rua Grande, amigos, familiares, ingleses influentes e convidados especiais para

tratar sobre a implementação do clube e do *football association* em São Luís. De acordo com Dejard Martins:

Naquele final de ano de 1905, debatiam as primeiras providências, além dos irmãos Nhozinho, Totó e Maneco, John Shipton, Jonh Moond, Ernest Dobler, ingleses empregados na boot Steamchip Co Ld – Mala Real Inglesa –Botho & Co. Ld, Izidoro Aguiar, Edmundo Fernandes, Afonso Gandra, José Ramos Bastos, Antero Novaes, Carlos Neves, Antero Serejo e outros mais. Ficou estabelecido, por iniciativa de Santos que, na vasta área da fábrica, seria localizado o campo para a prática do futebol. Seriam sacrificadas algumas árvores para ensejar as dimensões reclamadas para a praça de esporte.<sup>102</sup>

Com isso, em 1906, nasce o Fabril Athletic Club, mais conhecido como F.A.C clube destinado a prática esportiva sendo o principal evento os *matches* de *football*, sendo sua sede localizada na Rua Grande, nº 220. No início não foi possível formar duas onzenas, os jogos apesar de seguir as regras não possuíam padrão de tempo podendo uma partida durar 25 minutos de dois tempos e se os participantes quisessem continuar jogando, estendia-se o tempo por mais alguns minutos. O F.A.C contava com a presença de dois *teams* internos: o *Black and White* e *Red and White*.<sup>103</sup>

Como vimos antes, na Fábrica Santa Isabel existia uma grande presença de pessoas negras oriundos das camadas populares da cidade e mesmo com o campo nos arredores da fábrica a essas pessoas não era permitida a prática desse nobre esporte. Isto posto, ficando restrito aos ingleses de alto cargo na Santa Isabel e outras companhias, pessoas pertencentes as elites. Contudo, por trabalharem muito próximos ao campo esses sujeitos populares transitavam e olhavam com curiosidade aquele prática até então estranha.

Apesar dos incentivos de Nhozinho, os esportes a céu aberto, especialmente o futebol não era bem visto na imprensa local. O jornal A Pacotilha escreve:

O brilhante chronista que, sob o pseudonymo de Dr. Ox, occupa uma vez por semana a primeira columna do organ parisiense «Le Matin» com apreciadas chronicas sobre medicina e hygiene, tratou nos últimos dias do mez de agosto dos perigos o inconvenientes que decorrem do abuso do «Sport». [...] Já ha alguns annos, na época dos primeiros ardores sportivos, julgaram os médicos cumprir seu dever, dando um grito de alarma. Nos lyceus, transformados em

<sup>102</sup> MARTINS, op. cit. p. 284

<sup>103</sup> Preto e branco e vermelho e branco, eram denominados dessa forma devido as cores dos equipamentos de cada time. O uso da língua inglesa pode ser lido como elemento diferenciador, sendo uma marca as nomenclaturas, pois se vemos de acordo com as elites da época falar inglês é ser civilizado. *Matches, football, fouls, ball, referee, half – time, off – side, scratch, field, team, goal*, entre outros são alguns exemplos que encontramos nos jornais estudados.

campos de luta, os triumphos não compensavam o número de moléstias, e chegou-se mesmo a temer que esse esfalfamento gymnastico não tivesse outro resultado que substituir o exgottamento intelectual pelo exgottamento physico. Nos rapazes, em periodo de crescimento, o abuso dos exercícius violentos nunca deixa de provocar perturbações geraes e locaes que podem, com o tempo, crear lesões permanentes - O coração, principalmente, nessa idade supporta mi l efeitos de um trabalho excessivo, pois, é a época em que se faz um trabalho de adaptação entre a força do coração e o orgamnismo em via de desenvolvi mento. Rompe-se logo o equilíbrio instavel. Tem-se visto em uma corrida a pé ou depois de um match de **football**, meninos de 12 a 15 annos cahirem sem respiração e sem voz, arquejantes e exgottados, apresentando durante muitas horas todos os signaes da dilatação aguda do coração. [...]os inglezes, e principalmente os norte-americanos, que levam ao furor o seu enthusiasmo pelos exercícius violentos, e nelles desenvolvem uma energia que vae até á feracidade, já estão se preocupando com o perigo dos sports athleticos. É sobretudo contra o «**football**» que se tem levando os protestos dos médicos. O dr. Elliot declara que em cinco jogadores de «**foot-ball**» há sempre uma victima de accidente sério. O dr. Redfield calcula que o «**foot-ball**» tende a tornar-se um jogo mais mortifero que no anno de 1905 o número de mortos e feridos por elle causadas foi superior ao das mortes na marinha do Mikado durante a ultima guerra. Finalmente os drs. Nichols e Smith estabeleceram que no anno de 1905 o «**foot ball**» occasionou 145 accidentes e traumatismos entre os alunos da universidade de Harward. Não se trata de pequeno arranhões ou contusões, curáveis com applicações de agua fria. Foram fracturas e luxações minto serias, variadas e graves; fracturas de clavícula, Da costellas, da tibia, do punho, dos ossos da mão e do pé e até da columna vertebral, luxações do hombro, de clavícula e das vertebraes; não entram naquella lista as entorses, rupturas de musculos, narizes orelhas machucadas e conmoções cerebraes.<sup>104</sup>

Apesar das considerações, o jornal faz confusão do *football association* com o futebol americano. Em Harvard e Oxford eram praticados o popular futebol americano, jogo que tem como característica muitos contatos físicos e encontrões. O jornal cita o caso inglês entretanto cita estudos realizados nos Estados Unidos. Esse equívoco e confusão entre os dois jogos ocorre várias vezes nos periódicos brasileiros.

A discussão a respeito dos jogos tidos como violentos aparece também em âmbito nacional. Na Bahia, no ano de 1904, em sua tese de doutorado o Dr. Álvaro Reis dizia que “a cultura física não podia chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim da ruína do corpo.”<sup>105</sup>

Enfim, apesar da resistência da imprensa e de alguns membros da comunidade científica, o futebol se desenvolve em São Luís, sendo em 1907 o ano do crescimento vertiginoso do F.A.C. atraindo para dentro de suas dependências o high society ludovicense que paulatinamente ia se associando ao novel clube. Para Claunísio de Amorim Carvalho:

<sup>104</sup> A Pacotilha, 17/10/1906, grifo nosso, p. 1

<sup>105</sup> PEREIRA, op. cit., p. 57.

Com o aprimoramento das técnicas, o melhor conhecimento das regras do jogo e o condicionamento físico, bem como a aquisição de materiais esportivos, importados da Inglaterra, os times internos do FAC puderam vir à tona, para, em 1907, protagonizar a inauguração oficial do clube e disputas memoráveis entre rivais nascidos na mesma casa.<sup>106</sup>

Começam então as repercussões das experiências futebolísticas na cidade em torno do F.A.C. Os jornais passam a anunciar seus jogos e suas tardes de lazer. No F.A.C jogava-se cricket e tênis, cabo de guerra, entretanto o evento principal eram os *matches de football* seguido de festanças, bailes e saraus. Eram realizados eventos com a presença de um grande número de moças da “mais fina categoria” que não praticavam o esporte, mas assistiam os jogos animadamente. Sobre o espaço da mulher no Maranhão Republicano, analisa Tatiane da Silva Sales:

A cidade com seu fascínio urbano foi caracterizada como um espaço em que o consumo definiria as relações sociais, e a figura feminina, de certa forma, foi revista para melhor enquadramento nesse espaço. Sendo assim, acabava por tornar-se também objeto de consumo, idealizada não apenas para o lar, mas também para espaços públicos diversos, desde que adequados e vigiados como, por exemplo, salões, teatros, butikues, menos na política.<sup>107</sup>

O relato da presença feminina é descrito exaustivamente, isso fazia com que os jovens rapazes da alta sociedade, se atraíssem cada vez mais para se associar ao club tornando assim além de um espaço de sociabilidade, um espaço de flerte.

Este esperançoso club executou, hontem, na sua sede, diversas partidas de lawn-tennis e uma de foot-ball. Honraram os exercícios com a sua presença, algumas gentis senhoritas da nossa sociedade, o que muito concorreu para que os jogadores estivessem animadissimos. Formaram-se partidos, tendo algumas senhoritas se declarado favoráveis aos encarnados e outras aos de bonets pretos. As seis horas e meia arriou-se o pavilhão, terminando, assim, os jogos. Reinava a maior alegria entre todos os presentes.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> CARVALHO, op. cit. p. 32.

<sup>107</sup> SALES, Tatiane da Silva. *A mulher e a Educação Feminina em São Luís na Primeira República*. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p. 281.

<sup>108</sup> A PACOTILHA, 4 de Abril de 1907, p. 1



Apesar de aos poucos o esporte ir ganhando a elite local, Nhozinho Santos ainda sentia que o futebol ainda não era bem visto pela imprensa e faz questão de esclarecer as dúvidas e receios em torno do jogo escrevendo na Pacotilha:

Li no vosso jornal de 30 de julho (indo, uma noticia a respeito do jogo do «Foot-Ball» que, dizeis, acaba de ser prohibido pela Universidade da Columbia, nos Estados Unidos.

A vossa noticia é de desanimar aquelles que se queiram dedicar a pratica daquelle jogo, hoje em moda por todo o mundo. É preciso, pois, dizer algo em defeza do «Foot-Ball» que entre nós, já conta alguns adeptos. Em primeiro lugar, aquella proibição restringio se apenas aos Universitários da Columbia; uma medida de disciplina, com certeza.

Além disso há — «Jogo de Foot Ball» e jogo de «Foot Ball» nos E. Unidos o que os Norte Americanos praticam com o nome de «Foot Ball» não é mais que uma lucta barbara de murros e pontapes; resolvem por essa forma, rivalidades e ódios antigos entre Clubs e Collegios.

Dahi as medidas extremas tomadas ultimamente pelas Universidades, a quem a policia americana responsabilisou pelas constantes mutilações havidas durante os grandes «malchs»

De resto, todos conhecemos a mania dos americanos, em se salientar em tudo. Haja vista o que acaba de succeder por ocasião das festas de 4 de Julho, data da independência americana: durante a exhibição dos fogos de artificio (que fogos!) em New York, nada menos de 461 pessoas ficaram feridas e duas renderam logo a alma ao Creador. Não ha Sport que dispense methodo ao ser posto em pratica. Os desastres occorridos nos Estados Unidos, de que trata a vossa local, devem ser atribuídas aos americanos e não ao «Foot Ball».

Agradecido pela publicação destas linhas, sou vosso leitor,

J.M;

do F. A. Club.

S, Luiz, 1 de Agosto de 1907<sup>109</sup>

Ainda assim, no cenário das letras, o contato de um grande intelectual maranhense com o *football* carioca faz com que o jogo ganhe impulso em São Luís. Em 1907, Arthur Azevedo assiste pela primeira vez uma partida de futebol em um jogo da Liga Metropolitana. No Rio de Janeiro o futebol já se encontrava bastante “desenvolvido”, já haviam inúmeros clubes e a Liga Metropolitana contava com duas divisões que eram utilizadas para separar os clubes mais elitistas daqueles que possuíam estrutura não condizentes com a primeira divisão. Essa separação é um sintoma da sociedade classista carioca que utilizava o futebol como instrumento de separação social, estando inserido na lógica daquela sociedade. Arthur relata que a “melhor porção da humanidade” estava presente, fazendo assim referência a elite carioca

---

<sup>109</sup> A PACOTILHA, 01/08/1907, p.1

que ali se encontrava, além de creditar ao futebol a primazia de se ser um exercício físico de primeira ordem. Sobre a sua primeira experiência futebolística nos relata Arthur:

Só no ultimo domingo — vejam como estou atrasado! — travei relações com o «foot-ball» e fiquei sabendo o que isso é.

Não vão agora pensar que figurei nalgum team, com a minha idade e este corpanzil, seria absurdo e ridículo. Quero dizer que fiz a minha estréia de espectador de um match de «football».

Comquanto eu não entendesse nada daquillo, passei uma hora divertidissima. O local do club, na rua Guanabara, foi bem escolhido. O prado é extenso e largo, a archibancada elegante e a paisagem deliciosa. [...] Accresse ainda que a melhor porção da humanidade estava dignamente representada na festa e havia na archibancada outro match, mas esse de toilettes e chapeos. [...]

Entretanto, o que desde já posso fazer, é recommendar o «foot-ball» a todos os pais que desejem ter filhos vigorosos e sadios, embora estes se arrisquem a levar, de vez em quando, uma pancada ou a dar um trambolhão, que não podem, aliás, ter sérias consequências.

Eu, na minha ignorância sportiva, tinha tal ou qual prevenção com o «foot ball», porque, illudido pela própria denominação do jogo, suppunha que os jogadores só pudessem fazer uso dos pés; não ha tal. Apenas as mãos são interditas, elles utilizam os hombros, a cabeça, as costas, o ventre, se for preciso, e isso constitue um exercício physico de primeira ordem. Todos os rapazes que jogaram eram musculosos e ágeis. Uns rapagões!

O dizer que o exercício dos músculos concorre para a elevação moral do indivíduo, é uma chapa que deve ser conservada para a reprodução, e, por isso, a reproduzo aqui. Os homens fortes são os melhores; é entre os débeis que se encontra maior dose de mysantropia, inveja e azedume.

Entretanto, os pais devem reflectir que a educação intelectual deve acompanhar a do corpo; um homem physicamente forte, sem cultura de espirito, não faz no mundo outra coisa senão abusar da sua força. O sport é uma bella coisa, comtanto que não absorva completamente o indivíduo e não sacrifique o resto.

Dizem-me que o foot-ball» foi introduzido no Rio de Janeiro por um grupo de moços inglezes.

Beneméritos moços!

Fosse eu governo, e dava-lhes

Um prêmio.

A. A<sup>110</sup>

Com o fato de uma figura expoente da sociedade maranhense e ainda uma personalidade de projeção nacional ter se posto tão a favor da prática do futebol, o esporte vai sendo aceito gradualmente em São Luís. A Pacotilha vendo esse apoio de uma figura tão respeitada destaca que entre os ludovicenses há um clube destinando a prática do futebol, no caso, O F.A.C.

---

<sup>110</sup> A PACOTILHA, 12/07/1907, p. 1

Chamamos a atenção dos leitores para a interessante «Palestra» do nosso illustre conterrâneo Arthur Azevedo, hoje transcripta do «Paiz».

Representa ella um incentivo em favor dos exercícios phisicos tão necessários à educação nacional.

Entre nós já existe um club que se entrega com prazer ás partidas do foot-ball. O que se torna precizo é que esse club se desenvolva e que outros gêneros de exercícios o completem.

À mocidade maranhense, com especialidade, este assumpto interessa sobremaneira.<sup>111</sup>

Nhozinho Santos não media esforços para propagar entre seus párias a prática do futebol, incentivando, fazendo eventos para a seleta sociedade maranhense, entretanto mesmo com o F.A.C criado, o clube não dispunha de Estatuto, e não possuía cargos administrativos como um clube de fato deve ter. Seu regulamento é providenciado e sua primeira comissão é formada por “Presidente: Joaquim Moreira Alves dos Santos, Vice – presidente: João Victor Pereira Neto, Primeiro Secretário: João B. Moraes Rêgo Junior. Tesoureiro: Joaquim Ribeiro Lopes Silva. Diretor de Esportes: Jasper Moon.”<sup>112</sup>

Com as questões burocráticas solucionadas o F.A.C decide inaugurar oficialmente em 27 de Outubro de 1907. Uma grande festa foi preparada, e nos jornais divulgavam a preparação para esse grande evento para que a alta casta de São Luís se fizesse ali presente. No dia da inauguração decorreram jogos de concurso de encilhamento, cabo de guerra e por fim houve a tão esperada partida de futebol. Descreve a Pacotilha:

Como previramos, foi uma festa de extraordinário brilho a inauguração official, hontem, do Athletic Club.

Desde as 2 horas da tarde que os bondes despejavam, à porta da sede do Club, grande numero de convidados, entre os quaes se achava representado o que a sociedade maranhense possuio de mais selecto.

O edificio do Athletic, bizarramente ornamentado com os próprios aparelhos empregados nos diferentes jogos, dispostos, com graça e distincção, por entre profusão de flores naturaes, apresentava magnífico aspecto. E, transbordando do edificio pelos logares destinados aos jogos, estendia-se, por toda a parle, galhardo e vistozo embandeiramento.

Não havia archibancadas; mas, em torno do ground, dispostas, pitorescamente, em varios grupos, à sombra das arvores, estavam collocadas numerosas capeiras, ocupadas, quazi todas, por senhoras e senhoritas, cujas toilettes, de cores variegadas, davam um tom de alacridade ao bello festival.

Diversas charangas, acomodadas tambem aqui e ali, sob as arvores, completavam, com os seus accordes muzicaes, a vida e animação de que estava cheio todo aquelle vasto recinto.

Havia um pouco de sol ainda, supportavel, porém, sem fadiga.

<sup>111</sup> A PACOTILHA, 12/07/1907, p. 1

<sup>112</sup> MARTINS, op. cit. p. 291

Bufetes improvisados nas proximidades do ground, bem convenientemente instalados na sede do edifício, serviam ao publico.

O programma organizado foi cumprido com a pontualidade compatível com as ceremonias de uma instalação.<sup>113</sup>

A inauguração oficial do clube se tornou um grande evento na cidade, os bondes cheios de pessoas da aristocracia maranhense, estavam ali presentes a “nata da sociedade maranhense.” Deste modo, o evento tinha que ser a altura de quem frequentava arranjos florais foram dispostos, o edifício foi ornamentado. Vemos então que o clube é destinado somente para um grupo pequeno da grande sociedade maranhense. Participar ou assistir uma partida de futebol era um privilégio de pessoas selecionadas.

Durante a inauguração o jogo de futebol terminou em 2 a 0 para os *Red and White* sobre os *Black and White*. No fim da partida, os capitães trocaram cumprimentos e foram oferecidos ramalhetes como prêmio da pugna realizada naquele dia. Destacando assim, uma importante marca do futebol em seus primórdios, o cavalheirismo entre seus participantes. Assim, “os jogadores eram verdadeiros *gentlemen*, cavalheiros, nobres. A relação entre clubes e *sportmens* devia ser feita de gentilezas, como ditavam as normas do espírito cavalheiresco.”<sup>114</sup>

Paulatinamente, o jogo de futebol vai se tornando um referencial das famílias mais elegantes da cidade que faziam do futebol um elemento importante do seu cotidiano, tornando o F.A.C, além de um clube esportivo, um verdadeiro salão de festa, onde homens e mulheres da mesma camada social pudessem compartilhar vivências e experiências. Assim, o F.A.C, “tornou-se o ponto de encontro da elite ludovicense, com eventos sociais, culturais e esportivos. Festas dançantes e competições esportivas de todos os tipos marcavam a presença do clube tricolor fabrilense naqueles primeiros tempos.”<sup>115</sup>



Figura 04: Nhozinho Santos ao lado das equipes internas do F.A.C *Black and White* *Red and White*  
Fonte: MARTINS, Dejard Ramos (1989), p. 297

<sup>113</sup> A PACOTILHA, 28/10/1907, p. 1

<sup>114</sup> CARVALHO, op. cit. p. 50

<sup>115</sup> CARVALHO op. cit. p. 33

No ano de 1907, na sede do F.A.C é realizado exercícios e um jogo de futebol pelos Aprendizes de Marinheiro<sup>116</sup> e a partir daí continuam a praticar o futebol com certa frequência, além de exercícios de tiros<sup>117</sup>. Os aprendizes de marinheiros faziam parte das forças armadas, mas seu bojo social era composto por indivíduos pertencentes camadas pobres da sociedade. Em um estudo realizado por Silvia Capanema de Almeida<sup>118</sup>, são analisados diversas fichas de identificação dos aprendizes de marinheiro em todo o Brasil. O estudo revela que de 250 fichas analisadas, 141 pessoas se declaravam pardos, correspondendo a 56,4% do total; 50 se declaravam branca correspondendo a 20%; 29 pessoas se declaravam preta, correspondendo a 11,6%; 26 pessoas se declaravam morena, correspondendo a 10,4%; “branco corado” 3 pessoas, correspondendo a 1,2%; parda clara 1 pessoa, correspondendo a 0,40% do total. E Silvia segue:

Tendo em vista os dados acima, o que chama nossa atenção em primeiro lugar é o grande número de indivíduos identificados como pardos, em detrimento dos identificados como de "cor preta", em terceira posição. Torna-se, portanto, importante pensar nos sentidos dessas categorias. Estudos mostram que, nos últimos anos da escravidão e no pós-abolição, os termos “preto” e “pardo” aparecem nos registros como formas que mais dizem respeito ao contexto e representações sociais num determinado espaço e momento do que à tipologia racial propriamente dita. Assim, são termos que deslizam conforme as situações. O termo “pardo”, antes de significar algum grau de mestiçagem, representava uma relativização quanto à origem do cativo ou, muitas vezes, era empregado como uma forma de eufemismo.<sup>119</sup>

Se no âmbito macro (Brasil) havia tal projeção do número de negros, podemos supor que no Maranhão não podia ser diferente. Com isso, temos pela primeira vez em São Luís, o futebol como prática de pessoas das camadas populares e em âmbito elitista sendo aceita pela alta casta. Entretanto permitir que esses sujeitos praticassem o esporte não se configurava como uma contradição da lógica elitista e estruturalista da separação social vigente. Nesse ponto, Claunísio de Amorim nos dá uma grande contribuição ao afirmar “o caso dos Aprendizes Marinheiro pode ser destacado como elemento de resistência, de um time composto de jogadores pobres, mas que pertencia a uma Força Armada, portanto, elitista no sentido jurídico e pela sua oficialidade.”<sup>120</sup>

---

<sup>116</sup> A pacotilha, 11/12/1907, p.1

<sup>117</sup> Em 1908 o F.A.C sofre uma alteração no seu estatuto inserindo em seu rol de esportes o tiro esportivo, esses tiros era ministrado por oficiais da Escola de Aprendizes que desde 1907 realizava jogos de futebol no F.A.C

<sup>118</sup> ALMEIDA, Silvia Capanema P. Vidas de marinheiro no Brasil Republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. *Antíteses*, v. 3, n. esp, dez. 2010. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. p. 93

<sup>119</sup> ALMEIDA, op.cit. p. 93.

<sup>120</sup> CARVALHO, op. cit. p. 81.

Sendo assim, os jogadores dos Aprendizes Marinheiros estavam aptos a prática esportiva, por pertencerem a uma instituição importante, onde era oferecido educação regular, os aprendizes de marinheiro obedeciam as normas do cavalheirismo. Estar numa instituição oficial era também um elemento diferenciador dos demais. Simbolicamente para a alta sociedade, aqueles jovens estavam aptos a prática e sociabilidade de um clube esportivo do porte do F.A.C. Diferente dos trabalhadores da fábrica a eles estava restrito apenas o labor na fábrica.

Essa “parceria” do F.A.C com a Escola de Aprendizes Marinheiros pode ser lido como um meio das elites dirigentes do F.A.C não perder seus sócios para os quartéis. Sendo assim, “para os membros da elite que perderiam uma parte de suas regalias nos quartéis, apresentando-se para cumprimento do serviço militar, era uma incrível oportunidade, e ainda havia a possibilidade desses instruídos de tiro serem dispensados em um primeiro momento”<sup>121</sup>

O F.A.C. como clube esportivo e social que era primava ao ofertar à sociedade maranhense excelentes festas durante o período momesco. Em fevereiro de 1908, registra-se uma grande festa a fantasia, onde estariam aptos a entrar aqueles que estivessem “decentemente vestidos”. Essa prática se constitui como uma maneira de barrar a presença de pessoas indesejadas pela elite. Os convites para tal festança devia ser adquiridos na sede do clube, entretanto a Comissão organizada para gerir o evento tinha permissão de barrar “pessoas suspeitas de não se portarem decentemente.” No evento seria utilizado a iluminação elétrica, item bastante oneroso, entretanto deveras moderno. Antecedendo o baile seria disputados “concursos gaiatos” além de um *match de football*, a cereja do bolo<sup>122</sup>. O evento correu bem, contou com muita gente presente, comparecendo grande número de senhoritas<sup>123</sup>.

O ano de 1908 chega com o advento de dois novos clubes na cidade, o Maranhense Football Club e o Derby Club, além de uma agremiação esportiva voltada ao futebol na cidade de Viana chamada “Vianense Football Club.”<sup>124</sup>

Sendo o Maranhense FC composto por jovens comerciantes da cidade de São Luís, o clube era destinado a prática exclusiva do *football association*. Agora as partidas passariam a ser disputadas por clubes distintos, diferente de antes quando só havia um clube (F.A.C) com dois times internos. Uma partida foi registrada em março de 1908 entre o Derby Club e Maranhense FC:

---

<sup>121</sup> MEDEIROS, op. cit. p. 60.

<sup>122</sup> A Pacotilha, 21/02/1908, p. 3

<sup>123</sup> A Pacotilha, 24/02/1908, p. 1

<sup>124</sup> A Pacotilha, 15/09/1908, p. 1 – Esse se configura como o primeiro registro que encontramos da introdução do futebol no interior do Estado

Realizou-se ontem a 1ª partida entre o «Dérby Club» e o «Maranhense Foot Ball Club». Saindo este vencedor por 3 goals.

O team do Derby não fez goal algum.

A partida foi jogada no campo do «Maranhense», que foi desafiado pelo Derby para outra partida no próximo domingo.<sup>125</sup>

Sobre o Maranhense FC escreve A Pacotilha, marcando o intercâmbio dos apetrechos necessários vindo diretamente da Inglaterra, pois na época não existia comércio especializado para artigos esportivos. Além de imprimir um caráter de diferenciação ao exprimir que o Maranhense foi organizado por um distinto grupo de rapazes:

Maranhense Foot-ball Club

Teremos, em breve, oportunidade de assistir à inauguração de um novo club sportivo, sob o título acima, recentemente organizado por um grupo de distinctos rapazes.

Os seus apetrechos acabam de chegar pelo «Gregory», constando-nos adoptar o club as cores verde e branca, para o seu team.

O novo club terá em breve de enfrentar os valentes footballers do F. A. Club, o que será motivo para rejubilarem-se os *habitués* do apreciado jogo<sup>126</sup>.

Além do Maranhense FC, o F.A.C trouxe novos uniformes de tecido de lã diretamente da Inglaterra no mesmo navio (Gregory). Ademais, reformou suas instalações devido as chuvas torrenciais que caem no início dos anos em São Luís e por esse motivo as partidas no F.A.C tiveram de ser suspensas até maio daquele ano<sup>127</sup>.

O esforço de alavancar o futebol em São Luís era tanto que o F.A.C resolve criar *teams* infantis<sup>128</sup>. Com a criação dos times infantis, João da Ega, escreve um artigo acalorado na Pacotilha, se mostrando muito animado com a tal iniciativa, jubilando com louvor essa empreitada do F.A.C e fazendo crítica ferrenha as instituições de ensino de São Luís, que segundo ele, deixam a desejar no incentivo à educação física, sendo os maranhenses uma raça de anêmicos e raquíticos que com o advento do esporte se tornaria robustos e fortes<sup>129</sup>.

Com dois novos clubes na cidade, a elite maranhense ia ganhando aos poucos, novos espaços de vivência e lazer. Entretanto, os clubes não disputavam a hegemonia do futebol entre si, mas sim concorriam juntos para a disseminação do esporte entre as elites

<sup>125</sup> A Pacotilha, 15/04/1908, p. 1

<sup>126</sup> Ibidem, 15/04/1908, p. 1

<sup>127</sup> A Pacotilha, 15/04/1908, p. 1

<sup>128</sup> A Pacotilha, 08/06/1908, p. 1

<sup>129</sup> A Pacotilha, 02/06/1908, p. 1

locais. O marco simbólico dessa união é o evento do aniversário do Fabril. A festa reuniu o F.A.C, o Maranhense F.C e os times internos da Escola de Aprendizes Marinheiros para uma tarde de futebol e noite de festa como era de costume entre a alta sociedade. Relata a Pacotilha:

Foi enormemente animada a festa hontem havida nessa importante associação de sports.

Compareceu grande número de famílias da nossa melhor sociedade, ficando repleto todo o espaço reservado a assistência.

O clube comrnemorou o 2º anniversario da sua fundação, conseguindo proporcionar uma festa encantadora aos seus associados e aos apreciadores do foot-ball e demais exercícios sportivos [...]

Fazemos votos para que o F. A. Club continue a proporcionar-nos sempre festas como a de hontem.<sup>130</sup>

Assim, ia se desenvolvendo o futebol em São Luís, contudo as sucessivas contendas entre os clubes do Maranhense FC e F.A.C foi gerando uma espécie de rivalidade clubística. Os jogos agora eram disputados com mais violência, encontrões eram muito comuns. Esse comportamento ao ver dos *sportmans* não condizia com a conduta cavalheiresca, pois desrespeitava as regras do amadorismo. Em um jogo realizado entre esses dois clubes o cronista da Pacotilha observa:

Seria bom que, em breve, vissemos os dois Clubes empenhados em nova lucta, pois difícil é conhecer a qual cabe a primazia, em face do rezultado, quasi nullo, obtido em três matchs successivos em que os temos visto empenhados.

Também nos relevem chamar a atenção de ambos para os empurrões tão a miudo uzados pelos jogadores e que ainda podem dar lugar a algum facto lamentavel.

O foot-ball não necessita de tantas encontroadas, que fazem perder ao jogo toda a sua graça, mais parecendo haver empenho em vencer, pondo fora de combate os contendores.

Igualmente nos parece inútil o recurso, freqüentemente adoptado por alguns jogadores, de lançarem a bola para fora do campo.<sup>131</sup>

Ainda em 1909, foi realizado o primeiro torneio de futebol em São Luís envolvendo o F.A.C e o Maranhense, torneio este que teve uma característica bem peculiar. Desde o mês de abril, os clubes divulgavam o torneio e solicitavam que os *sportmens* associados aos clubes

---

<sup>130</sup> A Pacotilha, 1908, p.1

<sup>131</sup> A Pacotilha, 02/02/1909, p.1



se inscrevessem estando abertas 48 vagas. Preenchidas as vagas, os participantes foram divididos entre 8 times com 6 jogadores cada, não seguindo as regras do *football association*. A final do torneio foi disputada entre Team H contra o Team B, com vitória do último por “2 a 1”.<sup>132</sup>

Com o torneio tendo um sucesso relativo, ainda ano de 1909 os dois clubes começam a entrar gradualmente em um processo de decadência. São convocadas várias reuniões no Maranhense FC, entretanto vão adiando-se por falta de quórum. Um sintoma claro desse processo no Fabril foi a realização do aniversário do F.A.C “sem eventos esportivos.”<sup>133</sup>

Em 1910 há cisões no F.A.C e dessa querela surge um novo clube o Rio Branco que realiza naquele ano algumas disputas voltadas para as excelentíssimas famílias. Naquele ano novos jogos contra o Maranhense FC seriam disputados estando presentes, em 4 de Abril de 1910, na comemoração do aniversário do barão de Rio Branco o “Presidente Luís Domingues, do Intendente Municipal Mariano Lisbôa, do Capitão dos Portos Fiusa Junior, do Tenente Coronel Abílio de Noronha e do Capitão Tenente Franco Caldas.”<sup>134</sup>

No período de 1910-1911, a indústria têxtil maranhense passa por uma profunda crise fazendo com que o F.A.C pouco a pouco vai se esvaindo e os sócios deixando de pagar as mensalidades. Como medida “em Agosto de 1911, de uma vez só, foram eliminados 81 sócios em atrasos com mais de dois meses.”<sup>135</sup>

Com essa crise, o F.A.C encerra suas atividades por volta de 1912, entretanto o futebol ainda respira nas instituições de educação. O esporte bretão começa a ser praticado em organizações como a Escola de Aprendizes Artificies, Atheniense Esporte Club<sup>136</sup>, alunos do liceu, além do Colégio São Francisco de Pádua (Marista) que desde 1913 se jogava “com muita regularidade matches de football.”<sup>137</sup> Assim sendo, essa introdução do futebol nas instituições

---

<sup>132</sup> A Pacotilha 17/05/1909, p.1

<sup>133</sup> A Pacotilha 18/10/1909, p.1

<sup>134</sup> MARTINS, op. cit. p. 317

<sup>135</sup> MARTINS, op. cit. p. 327

<sup>136</sup> Claunísio de Amorim (2009, p. 65) ao pesquisar o jornal A Pacotilha revela que o ano de 1912 foi muito importante do ponto de vista cultural por marcar o tricentenário da cidade de São Luís, contudo em matéria de futebol o conteúdo foi escasso e o referido jornal não publicou nada a respeito do jogo. Concordamos com Claunísio, entretanto ao realizar nossas pesquisas no mesmo jornal encontramos no final daquele ano o registro de sete partidas realizadas pelo Atheniense Esporte Club entre seus dois times internos, sendo eles os *teams* Theodoro Jardim e Belfort Vieira. Ainda que o clube citado realizasse partidas no ano de 1912, sua inauguração oficial só se deu no ano de 1913. Salientamos que as atividades realizadas por esse clube de futebol são os únicos registros que encontramos do jogo em São Luís no ano 1912 apontando para uma decadência da prática do jogo, sendo o principal motivo a crise no F.A.C que até então era o clube mais importante da cidade. Ademais o nome do clube do clube, por si só, nos indica um caráter diferenciador, ser ateniense era ser superior, revivendo um passado de grandes expoentes das letras que o Maranhão gestou, nas palavras de Lourdes Lacroix (2002, p. 77) “uma fantasia da singularidade.”

<sup>137</sup> O Labor, 15/05/1913

de ensino vai paulatinamente contribuindo para que o esporte não deixe de ser praticado, para isso os alunos dessas instituições que atendiam o high society local “promoveram sessões, usando as próprias salas de aula, estimulados pelos mestres. Graças a esses reuniões surgiram os quadros do Brasil F. Clube, do São Luís F. Clube, do Maranhão Esporte Clube e do Aliança F. Clube”<sup>138</sup>. De acordo com Claunísio Amorim:

O impulso dado por estes jovens, [...] serviu de injeção de ânimo para que pessoas ligadas a Companhia Fabril ponderassem a ideia de recriar um clube de futebol. Foi então que ressurgiu o novo F.A.C, agora Football Athletic Club, para manter a sigla, isto pelo mês de novembro de 1915 [...] A reinauguração porém só se deu em 29 de janeiro de 1916.<sup>139</sup>

Apesar de todos os contratemplos enfrentados pelo F.A.C, o futebol em São Luís volta a ser praticado progressivamente, ganhando força no ano de 1915 com as atividades realizadas por clubes como o Franco-Alemão (também conhecido como Internacional FC), o São Luís FC<sup>140</sup> e a volta do F.A.C. Algumas partidas são realizadas, sendo muitas delas entre times infantis, atraindo a atenção da população, contando com grande assistência feminina.

O Franco-Alemão contava com dois times internos, o francês e o alemão que usavam em seus uniformes as cores das bandeiras das respectivas nações. Vale salientar que nesse período ocorre a Primeira Guerra Mundial na Europa e ambos países encontram-se em lados contrários tornando a partida entre ambas as equipes uma guerra simbólica.

Então, dessa maneira se desenvolveu os primórdios do futebol em São Luís. Originado a partir de clubes elitistas, se constituindo em verdadeiras festas onde os principais consumidores estavam no high society, contando muitas vezes com a presença de pessoas ilustres a apreciar uma partida de futebol. Posteriormente, introduzido nas escolas voltadas para a educação de jovens que também faziam parte do mesmo grupo social ao mesmo tempo que promovia partidas entre times infantis contando com grande presença das moças da nossa “melhor sociedade.”

---

<sup>138</sup> MARTINS, op. cit. p. 328

<sup>139</sup> CARVALHO, op. cit. p. 37

<sup>140</sup> O São Luís FC foi um clube criado pelos alunos do Colégio São Francisco de Paula (Colégio Marista). De acordo com Claunísio de Amorim (2009, p. 48) sua fundação deu-se por meados de 1914

### **CAPÍTULO 3: SEGUNDO TEMPO: ENTRE SPORTMENS E VAGABUNDOS - A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM SÃO LUÍS.**

Como observamos nas análises anteriores, o “pontapé inicial” do futebol em São Luís é dado com a criação do Fabril Athletic Club. Apesar de passar por uma crise no setor têxtil e também sofrer de querelas internas, o F.A.C é fechado por volta de 1912 e posteriormente reerguido pelos seus sócios em meados de 1915. Sendo assim, desde suas origens, o F.A.C inseriu no seio da altas castas ludovicenses a lógica elitista do esporte bretão, e dessa forma os clubes nascidos posteriores a ele, nesse mesmo período, assumem a mesma marca, sobretudo os clubes idealizados pelas elites e para as elites, pois os clubes maranhenses em seus primórdios, assumem para si as experiências e ressignificam em seu meio o elitismo vivido no F. A. C.

Com o retorno do F.A.C às atividades desportivas no Maranhão, inicia-se um novo processo de fortalecimento do futebol em São Luís, aliás o principal clube maranhense estava de volta e com isso um novo ânimo se fez presente entre aqueles que apreciavam o esporte bretão. Agora o clube de Nhozinho Santos se chamava não mais Fabril, mas sim Football Athletic Club, a partir do seu retorno “o F.A.C passou a ter 245 sócios<sup>141</sup>.” Ainda assim esse fortalecimento do futebol maranhense se via também nas páginas dos jornais. A partir de 1916, o jornal A Pacotilha passa a noticiar com mais ênfase as práticas de futebol e atividades dos clubes em nossa cidade através da coluna “Pelo Esporte”. O nome da coluna é elucidativo, demonstrando agora uma “militância” esportiva pela via dos periódicos<sup>142</sup>.

Todavia, um novo clube também surge em cena, o Onze Maranhense. Fundado em 1916, esse clube é gestado a partir de Gentil Silva e alguns dissidentes do Guarani, antigo clube do mesmo. O Onze necessitando de um terreno para as práticas esportivas de seus associados envia uma petição ao Intendente Municipal:

Foram favoravelmente despachadas as petições encaminhadas ao Dr. Intendente Municipal e ao Sr. Diretor das obras do porto, relativamente à permissão para ser demarcado o *field* do "O Onze Maranhense", ao Baluarte. Já estão quasi concluídos os serviços de adaptação, e amanhã, das sete horas a diante, haverá *training* entre os *players* dos primeiro e segundo *teams*. Pedese a comparencia de todos os jogadores para o bom resultado que advirá do jogo científico, passes, combinações, etc, sem os quaes não serão organizados

<sup>141</sup> MARTINS, op. cit., 1989. p.331.

<sup>142</sup> A partir de 1916, diferente dos anos anteriores (1910-1914), não há mais escassez de fontes referentes ao futebol no jornal A Pacotilha, o jornal passa a relatar as atividades esportivas, festivas e aspectos burocráticos dos clubes maranhenses com mais detalhes e com constante frequência.

*teams* homogêneos, capazes de defrontar-se em futuro próximo com outras equipes de *football*.<sup>143</sup> [...]

Com o logradouro acertado o Onze maranhense passaria a jogar ali no Baluarte (Avenida Beira-Mar) suas disputas com os clubes locais. Para Dejord Martins,<sup>144</sup> o principal fator da popularização do futebol em São Luís nas camadas populares está atrelada ao Onze Maranhense e ao seu campo no Baluarte, segundo ele:

Foi, sem qualquer sombra de dúvida, Gentil Silva o responsável pela popularização do futebol em terra maranhense, no momento que, deixando as hostes do F.A.C., achou oportuno desenvolver a prática do apreciado esporte aos olhos do povo, servindo-se para tanto do “Onze Maranhense F. Clube”, num campo que, de princípio não possuía cercas<sup>145</sup>.

Com um campo sem cerca, num terreno aberto, o Onze Maranhense possibilitou que outros sujeitos além das elites pudessem ao menos observar mais de perto aquele curioso jogo durante os treinos e *matches* realizados ali. Campo este que “afluía muita gente, incluindo garotos pobres e curiosos<sup>146</sup>.”

Claunísio de Amorim Carvalho<sup>147</sup> ao analisar os escritos de Dejord Martins a respeito de Gentil Silva e o Onze Maranhense afirma que é possível que Martins tenha se validado dos escritos do cronista Nonnato Massom, na série Pequena história do futebol maranhense publicado em 1957 no Jornal Pequeno. Para Massom:

Gentil Silva, no ano seguinte, mais uma vez, chefio um movimento no sentido de fazer futebol para o grande público, dando vulgarização, entre nós, ao “jogo da bola”. Fundou, então o Onze Maranhense Futebol Clube, reunindo, em suas fileiras, jovens empregados dos comércios e rapazes dos subúrbios. Era ele, além de presidente, o técnico-instrutor do grupo<sup>148</sup>.

Podemos afirmar que de fato o Baluarte, por ser um campo sem limitações e a ideologia mais aberta a novos sujeitos empregada pelo Onze Maranhense, possibilitou uma maior aproximação do futebol com as camadas menos abastadas da sociedade de São Luís, mas

<sup>143</sup> A PACOTILHA, 22/01/1916, p. 1.

<sup>144</sup> MARTINS, op. cit., 1989. p.331.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 332.

<sup>146</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 74.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>148</sup> MASSOM apud CARVALHO, 2009, p. 75.

o Onze Maranhense possuía em seu seio um comportamento de cunho elitista, até mesmo por estar inserido nessa lógica. Dessa forma, trazia consigo membros da elite e reproduzia em seu meio o caráter diferenciador e elitista imprimido desde a origem do futebol no Maranhão.

Um exemplo de como o clube demonstrava esse comportamento é a organização de um passeio automobilístico reservado aos sócios,<sup>149</sup> uma excursão de barco também reservado aos sócios, que deveriam comparecer devidamente uniformizados, à praia da Ponta D'areia onde seria praticado o *football* e o *lawn tennis*.<sup>150</sup> Sabemos que por ser um clube, o objetivo do Onze além da prática esportiva era o da sociabilidade, por essa razão não se aceitavam nos seus passeios pessoas de fora, apenas sócios eram permitidos, entretanto itens como automóvel se configurava como algo muito oneroso, onde apenas pessoas ricas tinham a possibilidade de possuí-las.

Além disso, o Onze Maranhense não permitia que ninguém participasse dos treinos do clube ou dos jogos no Baluarte se não fosse sócio ou tivesse autorização prévia da Diretoria,<sup>151</sup> todavia era comum o campo ser cedido para realização de partidas entre outros clubes. Isso mostra que só podiam utilizar o campo do Onze pessoas que partilhassem o status de *sportmens*.

Dessarte, os jogos do Onze Maranhense era muito frequentado pelo *high society*, sempre conferindo grande apreço pela presença de gentis patrícias.<sup>152</sup> O Onze também cobrava uma joia para admissão de novos sócios no valor de 20 mil réis<sup>153</sup>, para se ter uma noção, de acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira<sup>154</sup> o Fluminense Football Club do Rio de Janeiro, um dos clubes mais elitistas da época, cobrava de joia de admissão o valor de 25 mil réis.

Num jogo realizado entre os clubes Onze e Football Athletic Club, em 18 de Setembro de 1916, cujo resultado foi um empate de 2 a 2, houve um incidente entre um espectador e um jogador, ferindo as regras do cavalheirismo defendido pelos *sportmens*, dessa forma discorre A Pacotilha:

[...] Para que tais espetáculos sejam praticados em presença duma multidão, em maioria composta de senhoras e cavalheiros de nossa melhor sociedade seja preciso que estivesse acima duma boa educação a vantagem da vitória em

---

<sup>149</sup> A Pacotilha, 26/02/1916, p. 4

<sup>150</sup> A Pacotilha, 03/06/1916, p. 1

<sup>151</sup> A Pacotilha, 08/07/1916, p. 4

<sup>152</sup> A Pacotilha, 08/08/1916, p. 4

<sup>153</sup> A Pacotilha, 31/10/1916, p. 1

<sup>154</sup> PEREIRA, op. cit., 1998, p.59.

tais torneios; que não são mais que um agradável passa tempo, e util, quando visando os seus fins<sup>155</sup>.

Ademais, numa partida entre o Onze e Eleven no Baluarte, o clube dispôs de cadeiras a beira do gramado com o intuito de oferece-las as excelentíssimas famílias que compareciam aos seus jogos<sup>156</sup> onde no jogo “foi grande a concorrência de famílias e sportmen ao campo<sup>157</sup> [...]”. Outrossim, o Onze Maranhense pedia que “às pessoas estranhas ao clube, a fineza de se absterem de tomar parte nos treinos, sem permissão<sup>158</sup>.”

Apesar de todas essas observações acima, não há dúvidas que o Baluarte promoveu o contato do futebol com as massas populares. Devido seu caráter aberto pessoas que não estavam inseridas na elites podiam apreciar o esporte bretão, já que o clube não cobrava ingresso em seus jogos. Logo, o que queremos deixar claro é que mesmo entendendo o Onze Maranhense e o Baluarte se configuram como um dos fatores de popularização do esporte em São Luís, o clube de Gentil Silva não ficou alheio a lógica elitista, classicista e excludente da sociedade maranhense, sendo assim reproduziam a sua maneira o futebol e o clube como elemento de distinção social.

Claunísio de Amorim Carvalho<sup>159</sup> aponta alguns outros fatores que contribuíram para a popularização do futebol nas camadas populares, entre elas estão a ação de importantes instituições que permitiam que o futebol fosse praticado pelos setores menos abastados, entre elas, a Escola de Aprendizes de Marinheiros e a Igreja Católica.

Sobre o público alvo que atendia a Escola de Aprendizes de Marinheiros, ele explica: “é de se cogitar que muitos desses garotos frequentavam a Escola, desde 1907, tenham levado o espírito e as técnicas do jogo de bolas para as ruas, ensinando-os aos seus colegas, contribuindo para a disseminação do esporte nas diversas comunidades locais<sup>160</sup>.” Assim, ao jogar futebol nos campos dos clubes como o F.A.C, os jovens das forças armadas advindos das camadas menos abastadas inseriram o futebol nas periferias da cidade de São Luís levando a ser praticado por um novo público nas ruas e nas praças.

---

<sup>155</sup> A PACOTILHA, 19/10/1916, p. 1.

<sup>156</sup> A PACOTILHA, 21/10/1916, p.1.

<sup>157</sup> A PACOTILHA, 24/10/1916, p.1

<sup>158</sup> A PACOTILHA, 25/11/1916, p.1.

<sup>159</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 74.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 83.

A respeito do papel da Igreja Católica Carvalho aventa que “é fato que as próprias igrejas formavam equipes reunindo garotos da comunidade, alunos do catecismo, e a prática do esporte deveria ser alguma forma de disciplinamento do espírito por meio do corpo<sup>161</sup>.”

Dessa forma, entendendo melhor o contexto social e a lógica dos clubes, o termo popularização deve ser empregado com certo critério. A popularização do futebol em São Luís é um processo amplo, complexo não podendo ser encontrada explicação relegando a um fator ou outro, mas sim um conjunto de fatores que agem concomitantemente.

Sendo assim, temos duas “popularizações”: a popularização do futebol entre as elites e a popularização no seio das camadas populares. A popularização entre as elites se constitui de um esforço empregado desde Nhozinho Santos em 1907, podendo ver ainda nítidos esforços durante o período de 1910 a 1920, na introdução do futebol nas escolas da elite, no incentivo dos jornais, no estímulo da assistência das mulheres da alta sociedade, nos jogos inter-estaduais e nas rivalidades clubísticas. A popularização entre as camadas populares se configurou como um amplo processo de inserção do futebol através das instituições voltadas para esses setores como Escola de Aprendizes de Marinheiro, a Igreja Católica, além da influência do campo do Onze Maranhense na lógica de ocupação de novos espaços por esses setores. Além disso os jogos inter-estaduais realizados em São Luís contribuiu bastante para atrair pessoas pobres, grande era afluência do público nesses jogos e esses eventos era muito falado por todos, com isso o efeito nítido é o jogo de bola jogado nas ruas da cidade alvo de muita crítica da elite local e também a presença de negros vindos das camadas populares nos clubes já no início da década de 1920.

O futebol apesar de muito praticado em São Luís, ainda não era visto com bons olhos por alguns. Como podemos ver de acordo no relato de um senhor chamado João do Aquiri:

[...] Minha antipatia pelo foot-ball, não sei se sabe que não é de hoje. É um *bife* importuno e anti-tropical.

Os jogos físicos são uma necessidade, sobretudo para os franzinos filhos das cidades. O foot-ball, porém que só desenvolve o muque das pernas, o extenuante e acavalado foot-ball!

Malditas torcedoras! O diabo é que há entre elas uns palminhos de cara...  
[...]<sup>162</sup>

Mesmo com a resistência de algumas figuras, podemos perceber que a partir do ano de 1916 começam a ser aparecer inúmeros clubes na cidade de São Luís, clubes como: Aliança

---

<sup>161</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>162</sup> A PACOTILHA, 16/11/1916

FC (ex-liceista), Cabral FC, Barroso FC, União SC, Aprendizes de Marinheiros, Naval FC, São Luís FC (Marista), Maranhão SC (alunos do Instituto Maranhense), Ypiranga FC, Bangu FC (posteriormente Amazonas FC), Fluminense FC, Ateniense FC, Paisandú FC, São Paulo FC, Brazil Esporte Clube, Vasco da Gama, Eleven FC, Marcílio Dias, Liga Sportiva (formado por membros de clubes filiados a essa liga), Ubirajara, Paraná. América, Bragança SC, Flamengo, Santiago SC, Timbira, Panter SC (composto por artistas), além de clubes especialmente desenvolvidos para o jogo entre as crianças como o caso do Rheme Football Club, Infantil Football Club e outros mais. Entre as crianças do *high society* o jogo era muito recomendado e as partidas dos *teams* infantis é muito documentada. Com o objetivo de incentivar o jogo entre as crianças da elite, se recorria as palavras do Dr. Francisco Eiras que em uma reunião na Academia de Medicina do Rio de Janeiro proferiu que o *football association* pela sua pseudo violência, metodizada e disciplinada em excesso, desperta no coração juvenil a coragem o patriotismo e a energia de enfrentar qualquer inimigo.<sup>163</sup>

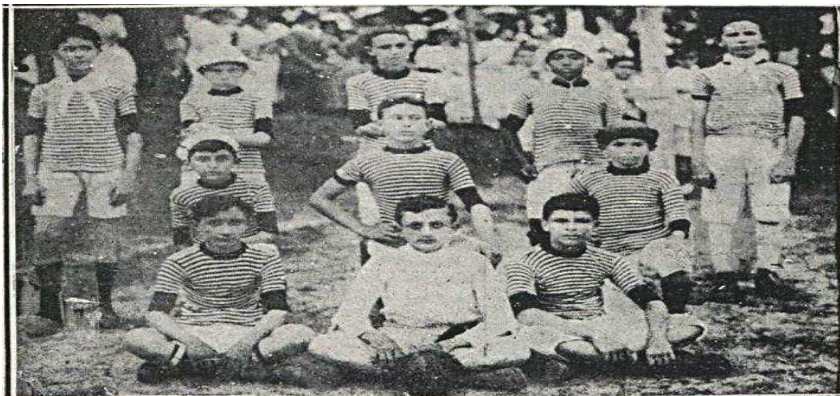


Figura 05: Team infantil Branco do F. A. Club, entre eles, ainda que solitário, um indivíduo negro.  
Fonte: Vida Sportiva (1918) Edição 64, p.20

Com tantos clubes na cidade e percebendo um novo mercado que se expandia na elite local, surge a loja Parisiense,<sup>164</sup> localizada na Rua Grande, próxima ao F.A.C. Dessa maneira, os artigos que antes eram encomendados por navios diretamente da Inglaterra, passavam a ser vendido em uma loja voltada somente para artigos esportivos.

Enfim, um grande número de partidas e festas foram realizadas por esses clubes em 1916, demonstrando que a cada dia o futebol ganhava mais força dentro da sociedade local. Muitos desses clubes não possuíam sedes nas regiões centrais da cidade. O Ubirajara, por exemplo, estava localizado na região do Anil, outros clubes pertenciam a Madre Deus, dentre outras localidades da cidade que ficavam afastadas do centro comercial e político de São Luís.

<sup>163</sup> A Pacotilha, 26/10/1916, p.1

<sup>164</sup> A Pacotilha, 20/03/1916, p. 4



Entretanto, os jogos realizados por esses clubes atraíam um certo público fino e tomavam para si o refinamento que foi construído pelos *sportmens* do F.A.C, fazendo assim, uma espécie de reelaboração do modelo classista.

Entretanto o F.A.C já não detinha a hegemonia do futebol em São Luís, apesar de muitos jogos desses clubes de menor expressão serem realizados no campo do F.A.C. Assim, o futebol ia se desenvolvendo e ganhando ânimo pela mocidade maranhense, rapazes e moças faziam do jogo um evento de lazer, o sucesso das novas agremiações entusiasmava o público e a crônica local dizia:

Nota-se atualmente, entre nós, um forte e feliz movimento em favor do sport. Bem vindo seja!

Todos nós devemos estar lembrados de que ja houve aqui, e nao há muitos anos, um periodo, e dos melhores, de entusiasmo sportivo. Todos nós trazemos gratas recordações e vivas saudades dos bons tempos do “Fabril”. Desta vez, ainda é o próprio “Fabril”, hoje “Football Athletic Club”, que, em bôa hora resurjido, pretende marcar, novamente, outra fase de entusiasmo e de dedicação pelo sport. Além desse, outros centros sportivos estão sendo inaugurados. Parabens, pois, a todos nós. São múltiplas as vantajens, inumeros os benefícios desse salutar movimento; todos nós bem os conhecemos.

Vêm a frente os que vem obter a nossa mocidade, pelo exercicio, pela cultura física, emfim. É o desenvolvimento, é a força, é a saúde. [...]<sup>165</sup>

Com todo esse ânimo em torno do futebol jogado aqui, surge a necessidade traduzir os termos ingleses utilizados nas pugnias. Ariel percebendo a dificuldade de alguns com as expressões estrangeiras e comparando com a riqueza da língua portuguesa, decide achar vocábulos que traduzisse os termos britânicos sem perder o sentido do jogo e seu significado, como podemos ver nesse registro em caráter bem pedagógico:

[...] Ocorre-me, agora, sugerir que igualmente se proceda em toda tecnologia dos esportes tão rebarbiva quanto intensa é a vernaculidade. Aos que desejam implantar os jogos estrangeiros entre nós, cuidadosos da formação de gerações tonificadas pelo regime da cultura física intensiva, é que me dirijo especialmente, lembrando-lhes que tais coisas nunca se radicarão em nossos hábitos enquanto não se começar pela linguagem a nacionalização do esporte.

Sobram motivos, de resto, para a introdução nas arenas de campeonato de um linguajar menos estranhos.

Não é o menos demonstrável o de que o povo, a massa dos espectadores não olha com benevolência para as complicadas e petreas denominações inglesas do *football*, por exemplo, as quais tem dificuldade de emitir. [...]

<sup>165</sup> A PACOTILHA, 19/02/1916, p.4.

Fala-se por aí em *team* ou *équipe*, quando o português tem a belíssima palavra “pujilo”, significando precisamente um troço de campeões e mil vezes mais expressiva do que o *team*, cujo significado é, literalmente “parelha”, aplicando-se a cavalos e asininos... O francês *équipe* é vagamente uma porção de coizas, entre as quais “guarnição”. Diz-se, outrossim, dos jogadores que guardam os flancos do *goal*, que são os *backs*. Ora, *back* em inglês é o equivalente da “retaguarda” portuguesa e, pois, os *backs* são “as retaguardas” de cada campo de contendores do jogo. [...]

Que dizer dos *halves*, que há quem enuncie como se tratasse dos Alves. Nem Alves, nem nada. “Metades” é o que são, isto é, jogadores do meio, os “centros” de cada grupo, ou, mais precisamente as “meias retaguardas”. [...]

O *forward*, semelhantemente, não é mais que uma “vanguarda” do jogo, e, todas reunidas, as suas “avançadas”. [...]

O *kick off* é a “saída” (o inglês diz “pontapé de ir para fora” ou “coice de ir para fora”); o *referee*, o fiscal, o juiz, o marcador, o “árbitro”, o que em suma regista os passes do jogo, e os detem quando exorbitam as regras os jogadores, de quem desnecessário é dizer *players*. O *goal* – a “meta”, bem propriamente para onde se dirige a bola. Os *goal keepers* – “os balisas”, os “guardas” da meta. Um *match* enfim é, mais epicamente, um “assalto”, em vernáculo.

De tudo isto se evidencia, não só o linguajar do *football* encontra vantajosa correspondência em português, mas ainda, eu não são os vocábulos ingleses nele usados termos rigorosamente técnicos. Não passam de palavras da linguagem comum, que não são privativas do esporte. [...] <sup>166</sup>

A partir dessas elucubrações os termos empregados nas crônicas esportivas passam a empregar cada vez mais palavras portuguesas ao abordar o caráter técnico do futebol. Ao invés de “*matches*”, “*teams*”, “*halves*” ou “*halves*”, agora é encontramos “pujilos”, “assalto”, “avançados” e toda sorte de sugestão indicada no registro acima, quebrando um pouco o caráter diferenciador dos termos em inglês. Essa mudança possibilitou que mais pessoas pudessem entender as regras e as terminologias empregadas num jogo de futebol, se configurando como um possível fator de popularização desse esporte. <sup>167</sup> Ainda no intuito de nacionalizar o jogo e traduzir os termos ingleses para português, Ariel vê na França um perfeito exemplo da possibilidade da introdução de palavras portuguesas para o futebol no Brasil, numa tentativa de defender tais mudanças escreve ele:

Lendo, com efeito, em folhas parizienses, a notícia do grande assalto de football, no qual os soldados do heroico 20º corpo de exercito francez, vindas da trincheira, onde se tinham exercitado no jogo de granadas com os alemães, se bateram contra, a Associação Esportiva Franceza, sendo organizador da luta o conhecido diario "Le Journal", depara-se-me que os vocábulos ingleses

<sup>166</sup> A PACOTILHA, 05/05/1916, p.1

<sup>167</sup> Essas alterações nos termos só se estende até o ano de 1917, sendo nesse mesmo ano o retorno do uso das palavras em inglês

foram, ha muito, substituído, no campo como na imprensa, por lídimas palavras francezas. Assim o que lá se diz é: *but, arriere, demis, avants, equipe*, etc.

Confrontando essas traduções francezas com as portuguezas que propuz, evidencia-se a perfeita correspondência de umas e outras, não só em relação ao inglez, como entre si.

E já agora os senhores cacologos não me poderão opor á idéa o seu "não serve", nem o seu "não deve". Não só serve, como póde e deve<sup>168</sup>.

Ainda no ano de 1916, começam a parecer os primeiros registros do jogo de bola nas ruas das cidades, sempre em tom de reclamação por estar perturbando a ordem pública ou avariando os sítios públicos da cidade, diferindo do apreço dedicado aos jogos entre os clubes. A motivação dos jovens garotos pobres, jogando nos logradouros públicos era tanta que o jornal A Pacotilha chama de “mania de football”, mesmo assim, considera que o ato praticado por esses garotos seja um caso de polícia, demonstrado claramente que o jogo de bola deveria ficar em círculos fechados, e escreve:

Chegou ao auge a mania do foot-ball entre a garotagem que por aí anda a encher as ruas de pernas.

Por quasi todas as ruas e praças vemos, diariamente, grupos de pequenos que, em linha de combate jogam o *foot-ball*, impedindo dessa maneira o tranzito, e não raro, dando bordoadas com a bola nos que passam, quando não acontece ir a mesma parar dentro das casas próximas, quebrando vidraças, deitando por terra jarros, tetéas é outras coisas.

Na praça da Alegria então já não se pode passar. O *foot ball* ali impera todos os dias e os que se arriscam a atravessar aquela via publica ficam sujeitos a levar pancadas de todo o geito e feitio. Pelo menos foi o que aconteceu, há dias, com uma senhora que por ali passava. A bola deu-lhe uma forte bordoadas na cabeça, tão forte que quasi a atira no chão. A policia bem podia tomar providencias sobre o assunto<sup>169</sup>.

A partir disso, podemos avaliar e afirmar que o futebol nas ruas já era uma realidade bem consolidada e que incomodava de certa forma. A juventude periférica que não possuía condições financeiras de se associar em um clube ia se interessando por esse esporte e o praticando a sua maneira no intuito de divertir e participar do animado jogo de futebol.

O futebol jogado nas ruas era “improvisado” praticavam a sua maneira as rígidas regras do *football association*, diferindo daquilo que defendia a nossa principal agremiação desportiva na época, o F.A.C. Com a criação do F.A.C, em 1907, foi introduzido no Maranhão

<sup>168</sup> A PACOTILHA, 08/12/1916, p.1.

<sup>169</sup> A PACOTILHA, 21/09/1916, p.1.

a classe dos *sportmens* e *sportwomens*, e foi com o F.A.C que os garotos da alta sociedade maranhense aprenderam a jogar futebol, e com ele foram inseridos na lógica do elitismo futebolístico. Mas o que significava ser um *sportman*? A respeito disso o Charles Clissold, vice-cônsul inglês e sócio do F.A.C, nos dá algumas informações:

[...] Hoje aplicamos *Sport* com imparcialidade em os campos dos jogos e a todas as nossas ações. O verdadeiro *Sportman* é aquele cavalheiro que gosta de ver igualdade em todos os atos, quer em jogos, quer em negócios. Por exemplo: dois molequinhos estão brigando na rua. O tal *sportman*, vendo esta luta, não interfere, enquanto as crianças são iguais, ou se o pequenito está dando no maior, todavia faz cessar a briga se o maior está dando no menor sem deixar ao menor "Fair Play" (Jogo Imparcial).

O *Sport* já reinou em nossa São Luiz do Maranhão e morreu por causa de questões de partidos, etc. Hoje está de novo entre nós por meio do F. A. Club, em cuja sede, todos os domingos, ha jogo de *Foot-Ball* e reunião de rapazes, todos de boa sociedade. Mesmo assim, nestes pequenos jogos ha discussões que nunca deveriam ocorrer. Afinal de contas estamos só jogando pela amor do *Sport* e o *Sportmanship* deveria guiar-nos em todas as nossas ações. O espirito de franqueza e cordialidade entre os sócios e, demais, entre os jogadores, deve prevalecer sempre. Devemos abafar as paixões, que só podem dar maus resultados e inconvenientes.

Devia existir, entre os jogadores e os seus simpatizados, a amizade, e todos nós devemos procurar meios para que o espirito do *Sport* seja mais rigorosamente instalado entre nós e no nosso club, para que tenha ele longa vida. A verdade é esta sem duvida: com a ajuda do nosso amigo *Sport*, o F. A. Club terá muitos anos de vida; mas se deixar de existir o *Sport*, para nascer a discórdia entre os sócios, então o destino do club será incerto, e volveremos, outra vez, para o passado, sem as nossas reuniões tão amistozas aos domingos: não teremos diversão, nem *Foot-Ball*.

Em conclusão: lembremo-nos todos, de que o *Sport* não é só diversão, mas, também serve a nossa cultura fizica e moral e, principalmente, a da mocidade que só pode lucrar pela sua reunião conosco.

Os grandes homens do mundo, todos, devem a sua prosperidade aos esforços, recreativos dos colejos onde educaram o caráter, moral e físicamente, nos campos de "*Foot-Ball*", "*Cricket*", "*Tennis*" etc.

Emfim o *Sport* é o nosso amigo e tem de ficar conosco; portanto, peço que os diretores e demais sócios e jogadores do F. A. Club abram os seus braços e comigo abracem para sempre o seu espirito de cordialidade. É bem certo que os nossos jogos não podem deixar de correr com animação e entusiasmo, mas as questões de brigas entusiásticas próprias do jogo devem morrer no campo, com o apito do "referee", ao termino do jogo; e todos, quer "*Blacks*", quer "*Reds*", devem estar prontos a apertar as mãos aos vencedores, porque disto têm nos dado prova no jogo já acabado. Bastando os nossos esforços nestas linhas, podemos alcançar muito e o jogo do nosso "*Foot-Ball*" será muito aperfeiçoado, e podemos ter esperanças de realizar nesta capital "*Foot-Ball*" como nos demais Estados do Brazil e no estrangeiro. Peço aos meus colegas leiam estas linhas e pensem bem, afim de podermos; juntos, trabalhar para bem do nosso querido club, e do *Sport*, em geral, nesta cidade<sup>170</sup>.

<sup>170</sup> A PACOTILHA, 03/02/1916, p. 1.

Para Dejjard Martins estas palavras de Clissold “era uma evidente demonstração de apreensão, porque mal tínhamos recomeçado a jogar futebol, no F. A. C., já os ânimos estavam acerbados, ameaçando o desenvolvimento do ‘esporte-rei’ em nova fase<sup>171</sup>.”

As palavras de Clissold, além de demonstrar preocupação, elucidam como se deve comportar um verdadeiro *sportman*, um bastião da cordialidade, da educação, da moral, um verdadeiro *gentlement*. Para Gambetta<sup>172</sup> “*gentlement* não pertencia as classes assalariadas, era um jovem burguês ou aristocrata, de educação refinada que contava com rendas suficientes na família para dispor de tempo livre e praticar vários tipos de esporte e lazer.” Dessa forma, aos sócios do F.A.C era esperado que seguissem de acordo com a conduta solicitada por Clissold e adotada entre seus congêneres, para isso o clube dispunha em seu estatuto uma “Comissão Disciplinar”<sup>173</sup> responsável pela eliminação ou ajuste de condutas dos sócios que não seguissem as “regras” do *sportmanship*. A lógica do *sportmanship* é um modelo de comportamento inglês cultivado no seio da elite dominante da Inglaterra. Sobre a introdução dessa lógica em outros países afirma Gambetta:

[...] Ao serem nativizadas em outros países elas passaram por inevitáveis processos de ressignificações, ainda que as regras do jogo estivessem preservadas.

A noção inglesa de *fair play*, apesar de pouco sistematizada, impunha aos competidores o respeito de certos princípios morais: ser leal com o adversário atacando voluntariamente as regras estabelecidas e evitando jogadas violentas; valorizar o oponente vencedor e ser generoso com o derrotado; praticar esportes de modo constante e diversificado apenas pelo lazer e amor às disputas, sem paixão pela vitória, sem interesses monetários, nem exibicionismos<sup>174</sup>.

Enfim, o futebol já era tão popular entre as elites locais que começou a cogitar a possibilidade de se realizar jogos inter – estaduais. Os *sportmens* maranhenses, no intuito de expandir os conhecimentos futebolísticos e socializar com clubes de outros centros, vêm a necessidade do contato com clubes dos Estados vizinhos, como Pará e Piauí. Além disso, esse contato faria com que mais jovens da elite local se interessassem por futebol, além de pessoas ligadas a Administração Pública, ou seja, figurões da política local. De acordo com Claunísio de Amorim Carvalho:

---

<sup>171</sup> MARTINS, 1989, p. 338

<sup>172</sup> GAMBETTA, op.cit., 2013. p. 168.

<sup>173</sup> MARTINS, op. cit. p. 350.

<sup>174</sup> GAMBETTA, 2013, p. 242, 243

Na partida entre os eventuais *teams* Inglês e Luso Brasileiro, marcada para 09 de novembro de 1913, estava escalado para entrar em campo o presidente de honra da Liga de Foot-ball Paraense, o sr. T. H. D., em visita a São Luís, talvez, esse o primeiro contato de um dirigente de outro Estado com o futebol maranhense. Entretanto, pode-se considerar eu um dos primeiros pontapés em direção a integração entre times do Maranhão e de outros estados parece ter sido dado quando os *sportmen* Ozias Correia, diretor do Parnahyba Foot-ball Club, de Parnaíba-PI, e Clóvis Serra, diretor do Clube do Remo, de Belém-PA, estiveram a passeio em São Luís, conforme noticiou A Pacotilha em 10 de Abril de 1916<sup>175</sup>.

Segundo Dejar Matins<sup>176</sup> os dirigentes do F.A.C tentaram acertar uma exibição pebolística, em São Luís contra o Flamengo do Rio de Janeiro no ano de 1915. A equipe carioca acabava de realizar partidas no Estado do Pará. Em vista disso, uma vinda ao Maranhão era possível devido à proximidade dos Estados e a rota marítima feita pelo rubro-negro carioca passar pelo porto de São Luís. Entretanto, o jogo não pôde ser realizado devido o horário de permanência do pacote em que a equipe estava embarcada não favorecer a realização da partida. Ainda em 1916, também houve um jogo realizado entre F.A.C e a armada do navio escola Benjamin Constant.<sup>177</sup>

Outra tentativa de aproximação com clubes de outro Estado ocorreu quando se cogitou um campeonato entre Maranhão e Piauí para a disputa de uma Taça. Para tal efeito cartas foram trocadas entre Acrisio Furtado, um dos mais dedicados *sportman* parnaibanos, e o vice-cônsul inglês Ernest Clissold.<sup>178</sup> Revelando a necessidade do Maranhão e Piauí se unirem em prol do futebol de ambos Estados, o artigo demonstra também a conveniência da criação de uma Liga Maranhense, coisa que já existia no Piauí. De acordo com Dejar Martins<sup>179</sup> “a cidade de Parnaíba era um grande centro desportivo.” E conclui afirmando que:

[...]Os parnaibanos organizaram-se a frente no futebol a frente dos maranhenses. Já em 1915, disputavam o primeiro campeonato regional, contando com a participação de seis clubes, entre eles, o Parnaíba Esporte Clube, que se sagraria campeão da cidade, conquistando o troféu eu recebeu denominação de “Ernest Clissold<sup>180</sup>”.

<sup>175</sup> CARVALHO, 2009, p.182.

<sup>176</sup> MARTINS, op. cit. p. 339.

<sup>177</sup> A pacotilha 07/10/1916, p. 4

<sup>178</sup> A Pacotilha 10/04/1916, p. 4

<sup>179</sup> MARTINS, op. cit. p. 349.

<sup>180</sup> MARTINS, 1989, p. 343

Sobre a possibilidade da criação do torneio inter-estadual, Ernest Clissold escreve um artigo apaixonado no jornal *A Pacotilha*, incluindo ainda o desejo da realização de um campeonato entre seleções de todos os Estados do Brasil, algo semelhante com o que já acontecia com o campeonato nacional de clubes que já era realidade na Inglaterra. Declarava ainda a aspiração de uma liga esportiva que abrangesse as Ligas de todos os Estados do Brasil.<sup>181</sup> Pronuncia-se Clissold:

[...]Hoje a marcha deste jogo tão valoroso vai tomando certo ponto entre nós de esperançoso incremento que não podemos deixar de estender as nossas mãos aos verdadeiros entusiastas e abraçando-os colocarmos o tão valente jogo firmemente entre nós.

Os nossos domingos e dias de festas são dias escuros que a chuva ou outras circunstancias, privam os diversos campos de Foot-Ball de se encher dos gritos de prazer dos lutadores e das pessoas, principalmente senhoritas, que vão assistir os matches. Nosso Foot-Ball está na sua infância, mas entre nós temos bons jogadores, dedicados mesmo, e, no meio deles, vejo meninos que já são bons players. [...]

Estão os nossos colegas, sportsmen do estado visinho - O Piauí - procurando os meios de um encontro com os nossos clubes, com a idéia de um campeonato para disputar a taça "Piauí-Maranhão".

Eu penso que os footballers maranhenses deviam acalentar a idéia e procurar fazer dela uma realidade. Os rapazes do Piauí, eu os conheço bem, são entusiasmados pelo jogo de Foot-Ball, eles como nós estão procurando o desinvoltamento do jogo. [...]

Melhor será que juntemos os nossos esforços, combatendo juntos, afim de conquistarmos a taça "Piauí-Maranhão", enquanto reina interesse entre o scratch superior do Piauí contra o scratch mais elevado do nosso querido estado.

Uma taça poderá ser o prêmio do scratch vencedor e medalhas ou bonets de campeonato a cada jogador que tiver a honra de combater pela vitória do seu estado no campo de Foot-Ball.

O campeonato, eu penso, deverá ser um ano jogado no Piauí e o outro no Maranhão. Este Foot-Ball interestadual não devia abafar o Foot-Ball e as ligas locais de cada estado; por exemplo: todos os jogadores devem treinar para chegar a um ponto de perfeição, afim de ver se seria escolhido o representante do seu estado na luta colossal quando os dois estados tivessem de se encontrar na luta do campeonato de Foot-Ball.

Daí, do encontro de jogadores entre Piauí e Maranhão, pode muito bem ficar culturado o Foot-Ball, este jogo valioso, pode mesmo ficar registrado como uma luta nacional e daí ficar organizada uma liga que abranjerá todos os estados do Brasil.

Colegas, cavalheiros e sportsmen, peço a todos vós que leveis adiante a idéia apresentada pelos valentes Foot-ballers piauienses e, entusiasmado, convido aos nossos valentes Foot-ballers que conquistem a taça. Estou pronto para fazer tudo que puder afim de estender o nosso querido jogo e ficarei satisfeito se os nossos players conquistarem a vitória para o Maranhão. [...]

---

<sup>181</sup> De acordo com Leonardo Pereira Miranda (1998, p.145) uma instituição com já existia, a Confederação Brasileira de Desportos, criada em 1916 e reconhecida pelo Congresso Sul-Americano de Football. A CBD, como era conhecida, inicialmente só possuía oito estados associados a ela, o Maranhão não era um deles.

Em conclusão, faço votos pela prosperidade do sport Maranhense e Piauíense dos clubs de ambos os estados e desejo que o espirito de boa Sportsmanship seja bom e sempre bem compreendido nas organizações esportivas<sup>182</sup>.

Mesmo desejosos de travar contendias inter-estaduais, os *sportmens* maranhenses alheios ao F.A.C possuíam certo receio dessas contendias. Como explica Dejarde Martins:

[...]alguns dirigentes combateram a ideia de Clissold. Dizia-se a prevalecer as sugestões de Clissold com as partidas Maranhão x Piauí, os nossos clubes ficariam desmotivados para prosseguirem nas contendias regionais. Isso poderia causar o esfacelamento das outras associações de nossa cidade, que não participassem desse intercambio<sup>183</sup>.

Entretanto, o F.A.C desejoso de participar das pugnas inter-estaduais, recebe o Clube do Remo do Pará. Ao clube maranhense ficou a tarefa de hospedar a delegação paraense e cobrir as despesas da equipe que contava com 15 pessoas. Ficou então combinado a realização de seis partidas, sendo elas realizadas nos dias 31, 1, 6 e 7 de janeiro de 1916.

O Remo era considerado um clube muito valoroso, pois tinham se batido diversas vezes contra o campeão do Rio de Janeiro, o Flamengo. Devido à grande estima e respeito pelos paraenses era necessário se fazer uma grande festa para a acolhida da equipe do Pará e para cobrir tais despesas o clube de Nhozinho Santos estava disposto a receber a ajuda espontânea de seus associados, além da cobrança das entradas no jogo.<sup>184</sup> De acordo com Claunísio de Amorim Carvalho<sup>185</sup> “o clube local organizador dos jogos, já havia franqueado as entradas para senhoras e crianças menores de dez anos, mas diante do grande dispêndio de bancar a estadia e a viagem da delegação paraense, tratou de voltar atrás na decisão.”

Dessa forma os ingressos cobrados para os jogos contra o Remo ficavam definidos assim: cavalheiros pagavam um mil réis; senhoras e senhoritas deviam pagar 500 réis; entrada franca para crianças menores de 10 anos e aos senhores sócios do clube.<sup>186</sup> O *sportmanship* e cordialidade era tão presente e tão ritualística que a recepção dos paraenses que chegaram em 30 de dezembro de 1916 foi registrada assim:

[...] O F. A. Club fez-lhes uma brilhante recepção. Compareceu, ao desembarque uma grande maioria dos seus sócios, tocando, à rampa de

<sup>182</sup> A PACOTILHA, 24/04/1916

<sup>183</sup> MARTINS, 1989, p. 343.

<sup>184</sup> O F.A.C já cobrava ingressos em seu jogos, desde seu retorno. Os ingressos cobrados eram cobrados para pessoas que não eram sócios do clube e custavam o valor de mil réis, preço equivalente a ir ao cinema ou assistir uma peça de teatro. Entretanto, a entrada era livre para senhoras e crianças e crianças.

<sup>185</sup> CARVALHO, 2009, p.183.



Palácio, a banda de musica dos Aprendizes Artifices. Foram a bordo recebe-los na lancha "Mero", e dirigiram-se depois, em automóveis e em bondes especiais, em franca cordialidade, para a sede do clube onde foi servido um *lunch*. [...] <sup>187</sup>

Em todas as partidas o F.A.C perdeu, sendo a goleada mais expressiva a de 6 a 0 ocorrido na primeira contenda entre os dois clubes. Percebendo a superioridade do futebol praticado no Estado vizinho a crônica especializada começa a demonstrar a necessidade de uma evolução desportiva no futebol praticado em solo maranhense.

Para essas partidas grande foi o público, tanto que após a primeira contenda, o F.A.C decidiu cobrar o ingresso no valor de mil réis a todos que quisessem assisti-la. Contudo, com a grande afluência ao campo do F.A.C, notou-se a presença de ilustres pessoas na plateia, além de populares, como no registro a seguir:

[...] Em torno a vasta arena, e no alto das barreiras, populares se coadunavam, ora animando com interesse seguido os nossos jogadores, ora recompensando com palmas as vitorias dos nossos hospedes.

Sob a talada rústica, que constitui a arquibancada orijinal, estava o escol da nossa sociedade. Infelizmente os hábitos a que estamos afeitos não permitiram ás nossas patrícias o imitarem as suas irmãs do sul, as torcedoras cariocas e paulistas, no magnifico e as vezes desbragado entusiasmo pelos partidos prediletos. Quantas, porem, não torciam "in petto", umas pela simpatia inata da cauza comum, outras talvez...

Distinguiamos, de passagem, na brilhante assistência da vice-consulesa da Grã-Bretanha, as sras. Carlos Teixeira (Georgina), senhoritas Beatriz e Violeta Veiga, Carmelita Belo [...] <sup>188</sup>

Sendo assim, no mesmo espaço de lazer, agora estavam presentes populares e o *high society*. Ocupavam o mesmo lugar, entretanto experienciavam o jogo de jeitos distintos e em locais distintos. Ao “escol da sociedade” estavam reservados os melhores assentos enquanto os populares aproveitavam o jogo fora das arquibancadas nas chamadas “geraes”, por conseguinte configurando o ambiente do campo como um espaço onde cada classe devia ocupar seu respectivo local, não havendo mistura das classes no mesmo espaço. Estavam juntos, entretanto separados.

A energia empregada nas paixões que iam surgindo diante das contendas, a forma de se relacionar com o jogo e o jeito como o experimentavam enquanto observadores por parte dos populares, causava um certo incômodo na elite presente nas contendas do inter-estadual.

<sup>187</sup> A PACOTILHA, 01/01/1917

<sup>188</sup> A PACOTILHA, 02/01/1917, p.1.

Para Claunísio de Carvalho<sup>189</sup> “A *élite* como se escrevia em bom francês, havia de ser poupada desses excessos, gritos, vaias ou confusões. Não pegava bem que atos considerados de pura má-educação fossem imputados à gente da ‘boa sociedade’.”

[...] O grosso publico não andou bem. Foi demaziado e contraproducente o louvor aos nossos players. Desestimulava e perturbava. Houve talvez, algumas manifestações excessivas da parte dessa platéia; eram inevitáveis, no caso. Da nossa elite, porem, nada partiu que pudesse desagradar os nossos hospedes. [...] <sup>190</sup>

Na estadia dos paraenses durante o período em que foi realizado o inter-estadual, o F.A.C não poupava esforço para a equipe visitante se sentir no mais perfeito clima da cordialidade e do cavalheirismo. Aliás, eram da mesma classe *sportmens*, eram iguais. De acordo com Dejard Martins “o Hotel Central – na época o melhor da cidade, uma das mais dignas hospedarias de São Luís, hospedou os visitantes<sup>191</sup>.”

Com isso, concordamos com Claunísio de Amorim Carvalho ao afirmar que “[...] entre tantas recepções, homenagens e banquetes dispensados ao Remo (1917), inclusive após várias derrotas para os remistas, os *sportmans* maranhenses se viam na obrigação de os tratarem a pão-de-ló<sup>192</sup>.” Com a temporada do Remo chegada ao fim “os laços entre *sportmen* de São Luís pareciam consolidados<sup>193</sup>.”

Laços esses que possibilitaram que o goleiro do Remo, Corinto, jogasse pelo F.A.C se associando ao clube. Segundo Dejard Martins (1989, p.369) “a presença de Corinto marcava o início da introdução do ‘amadorismo marrom’, uma figura que predominou, por muito tempo, em nosso futebol, antes da instituição do regime profissional no Maranhão.” O amadorismo marrom se configurava como um sistema, onde os clubes pagavam para alguns indivíduos uma determinada quantia para que esse utilizasse seus serviços futebolísticos em prol do clube que o “contratou”.<sup>194</sup> Claunísio de Amorim Carvalho supõe que “o FAC deve ter seduzido o jogador paraense com algum tipo de promessa, porque não era fácil um jogador deixar um clube, diga-

<sup>189</sup> CARVALHO, 2009, p.54.

<sup>190</sup> A PACOTILHA, 08/01/1917, p.1

<sup>191</sup>MARTINS, op. Cit., 1989, p. 363

<sup>192</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 50

<sup>193</sup> Ibidem, 2009, p.184

<sup>194</sup> A ideia do amadorismo marrom, primeira forma de “profissionalização” do futebol, foi muito combatida pela elite brasileira. Para eles o esporte devia ser jogado de maneira amadora, com a cordialidade dos *sportmens* e o gosto empregado nele. Assim, pagar alguém para jogar futebol para um determinado clube era um grave dano à lógica do *sportmanship*. Pois, com o amadorismo marrom, os jogadores não seriam mais *sportmens*, mas sim mercenários.

se de passagem, campeão, viajado, e também sua cidade e família, para morar em São Luís, sem nenhum demérito a esta cidade<sup>195</sup>.”

O Clube do Remo chegou a retornar a São Luís, entretanto, essa passagem ficou marcada por um comportamento peculiar dos esportistas maranhenses, como mostra o registro a seguir:

Convidada pela diretoria do F. A. Club para um *match* com seu 1º *team*, a delegação do Clube do Remo, do Pará, que, domingo último, passou em nosso porto, com destino ao Recife, onde vai, disputar a Taça do Tricentenário da revolução Pernambucana de 1817, veio à terra, verificando-se um encontro aquella duas facções.

Melhor fôra, entretanto, que tal jogo não se houvesse realizado. Porque o que assistimos no *field* do F. A. Club não foi partida séria nem simples treino. Enquanto a delegação apresentou em campo bem organizadas linhas, o que equivale a dizer a natta do *footballers* do Clube do Remo, os nossos jogadores escalados não compareceram em número completo, achando-se alguns com equipamentos pela metade...

Imagina-se o juízo que os paraenses irão fazendo desta terra e que recommendação para os nossos jogadores!

De quem a culpa?<sup>196</sup>

Ao não comparecer para o jogo com número de jogadores completo e equipamentos faltando, a equipe do F. A. C quebrava de certa forma o *modus operandi* do *sportmanship*. Com essa situação desastrosa escreve na Pacotilha, sob o pseudônimo de um *footballer*, um indivíduo indignado com o que vinha ocorrendo entre os *sportmens* da cidades e sua fúria revela a necessidade de criar uma Ligas no Maranhão, além de uma mudança de comportamento entre os rapazes praticantes do jogo.

Como é triste e pobre o esporte em nossa terra! Não sabem os nossos rapazes que é o esporte que muito concorre para o desenvolvimento e engrandecimento de um povo?

Pois bem, devem todos trabalhar com vontade e afinco para o desenvolvimento do esporte em nossa terra, que isto muito concorrerá também para o engrandecimento dela.

Vêde como os outros estados progridem, como se desenvolvem no esporte a ponto de mandarem as suas delegações, a fim de lutar pela conquista de troféus! Até pequenas cidades, no interior desses Estados, muito inferior ao Maranhão, possuem ligas de esporte que se acham filiadas à Liga Metropolitana do Rio, disputando, assim, anualmente, os seus campeonatos oficiais.

<sup>195</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 184

<sup>196</sup> A SEMANA, 11/03/1917, p.1

Aqui no norte mesmo, não é preciso ir muito longe, olhe para a cidade da Parnaíba, que possuem sua Liga da qual fazem parte oito clubes; as cidades de Santarém, Cametá e outras, no Pará, que também possuem as suas ligas; a cidade de Porto Velho no Estado do Amazonas. Enfim, todos os Estados trabalham para o desenvolvimento e pratica do esporte, e somente nós, maranhenses permanecemos inativos passando vergonhas.

Muito dos nossos rapazes só pensam em pandega, o que muito prejudica a saúde e desmoraliza a sociedade. Isso devemos abandonar e dedicarmo-nos ao esporte, com o que todos lucramos.

Ainda há dois dias um clube do Estado vizinho nos visitou e eis o desastre vergonhoso para nós: apanhamos até o céu da boca.

Hontem este mesmo club, trabalhando para a expansão e engrandecimento do esporte em seu Estado, nos vistou de passagem para Pernambuco. Convidamo-lo para terem um *match training* amistoso conosco. Os seus rapazes estavam convitos que tínhamos lucrado com a sua recente visita, porem que desilusões! Até nem aparecemos em campo. Será vergonha ou medo. Terão naturalmente dito eles....

É este o nosso desenvolvimento esportivo.

Amigos, companheiros, trabalhemos, levantemos sobre as nossas derrotas o pensamento enérgico de vencer e, de hoje em diante, dediquemo-nos com alma e coração ao esporte, praticando-o em horas disponíveis para a nossa honra e engrandecimento.

Fala-se da vinda, em breve, ao nosso Estado de um dos melhores, mais distintos, e simpáticos clubes do Estado vizinho.

Devemos preparar-nos para melhor figura fazermos. Possuímos elementos de alto valor e se trenarmos sempre, com vontade e dedicação muito havemos de salientar-nos e quem sabe? Poderemos mesmo adquerir com galhardia os louros da vitória.

Aí fica o nosso apelo, pois, para que trabalhemos conjuntamente e desde já reatem os treinos constantes para levantarmos ou antes damos uma vida nova, longa e honrosa, e cheia de glorias ao esporte de nossa terra.

Hip Hip hurrah!<sup>197</sup>

Com as experiências adquiridas das contendas contra os paraenses, as sucessivas solicitações da necessidade da criação da Liga em São Luís e o intuito de seguir o exemplo de outros Estados. Em 1917, começam a aparecer com mais concretude o interesse em se organizar a partir de uma instituição capaz de ser responsável por regulamentar, gerir e incentivar ainda mais o futebol no Maranhão. Então surge, naquele ano, a Liga Sportiva Maranhense. Ela aparece a partir do acordo entre os *sportmens* da capital maranhense, ficando a ela filiada os seguintes clubes: F. A. C, Onze, Ubirajara, Vasco da Gama, Brazil, Anilense, Bragança, Santiago e Luzo-Brasileiro. E seu conselho diretor foi definido, após eleição, da seguinte forma:

---

<sup>197</sup> A PACOTILHA, 19/03/1919, p. 4.

“Presidente, capitão-tenente, Artur Rego Meireles; vice-presidente, J. M. A. Santos; 1º secretário, Gentil Silva; 2º secretário, João Belfort; tezeiro, Jonas Hersen<sup>198</sup>.”

A criação da Liga, mesmo contando com grande entusiasmo inicial, não pareceu solucionar e engajar, a priori, a totalidade dos clubes da capital, ficando por muito tempo somente com seus nove afiliados como aponta Claunísio Carvalho “a euforia, entretanto, cedo parece ter dado lugar ao desânimo, porque seguidas reuniões tiveram de ser canceladas por falta de quórum.<sup>199</sup>”

Ainda assim, os clubes e seus filiados realizaram contendas e torneios organizados pela Liga. E a partir de tais contendas, surge um novo adversário que travaria divertidas contendas contra o F. A. C. Dessa vez um clube de longe, vindo da Vila do Anil, o Anilense. Evidenciando assim, a prática do jogo nos subúrbios de São Luís, entretanto mesmo se mantendo afastado do centro, os residentes do anil queriam se mostrar como sujeitos distintos e se diferiam dos moradores de determinadas “vilas vagabundas”. Sobre a Vila do Anil registra a Fita:

Era, antigamente o Anil, uma povoação apenas para nós conhecida através da carta geográfica do acadêmico Justo Jansen.

E agora o Anil já se nos tornou familiar pelas visitas constantes que lhe temos feito. [...]

Pois bem! Uma povoação apenas e, no entanto, o Anil pelo seu progresso material e intelectual, vale hoje mais do que muitas vilas vagabundas por aí, sem vida e sem esperança de progredir atoladas na inércia e na politiquice safada.

A gente do Anil trabalha. Há homens ali como o cel. Acrisio Tavares, cap. Antonio Silva, cap. Macrinio Jesus, major José Pinto de Souza e João Pedro d'Oliveira, todos estes devotados trabalhadores pela grandeza do belo e pitoresco povoado.

Assim, conta o Anil com excelentes melhoramentos.

E ainda, para melhor se tornar a vida domingueira ali um grupo de moços fundou o Anilense Foot-Ball Club, magnífico centro de cultura física, que se já tornou conhecido e temido nas nossas rodas esportivas pelo valor e bravura dos seus jogadores.

Disto há provas flagrantes, por isso que o Anilense já se tem batido com clubes desta capital e daqui levado os troféus da vitória.

É, portanto, um vitorioso e um forte. Daí a grande simpatia de que goza nesta cidade. [...]<sup>200</sup>

<sup>198</sup> A PACOTILHA, 28/10/1917, p. 1

<sup>199</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 147.

<sup>200</sup> A FITA, 07/10/1917, p. 3

O Anilense Football Club, nascido de militares da briososa, sendo um clube filiado à Liga Sportiva Maranhense e tendo os *sportmens* a comunhão entre seus pares, partidas contra o F. A. C foram arranjadas. O Anilense era considerado um time suburbano, mesmo com esse estigma não deixava de se fazer presente no Anil um certo sentimento de distinção desenvolvida naquela localidade. Militares, Comerciantes e até operários da Companhia de Tecidos do Anil presenciavam o campo do clube para ver os jogos realizados naquele bairro. Para a organização da partida foi adotada toda uma formalidade, com os times enviando e aceitando “nobrememente” um duelo entre as equipes.

Causou impressão sensacional no meio simpático aos esportes o desafio que fez, a brilhante coorte do “Anilense F. Club” aos players do valoroso time “Kaki”, do Fabril, para um match amistoso, que terá lugar no sábado, 28, no pitoresco arrabalde onde tem a sua sede o “Anilense”.

A estréia do “Kaki” continua, pois, a causar sucesso, como um dos fatos mais brilhantes da vida esportiva desta capital.

Lá estaremos no domingo, paralelo em luta com o club suburbano, já tão acreditado pela sua reconhecida bravura.

Eis a correspondência trocada entre os captains das duas sociedades:

Ilmo. Sr. Cotinho Pereira - M. D. *captain* geral do F. A. Club.

Tenho o sumo prazer de autorizado pela diretoria do "Anilense Foot-ball Club", propor-vos um *match* amistoso entre o nosso 1º team e o vosso valoroso "Kaki", ao dia 28 do corrente, no nosso *field*, ao Anil cabendo-vos a escolha do *sportman* que deverá atuar como *referee*. Certo que não recuzareis a minha proposta, confesso-me, desde já, muito grato.

Cordiais saudações

Kenard Tavares Silva, *captain-geral*

Ilmo. sr. Kenard Tavares Silva, digno *captain geral* do esforçado "Anilense Foot-ball Club" Cordiais saudações.

Tenho a comunicar-vos que fui autorizado pela diretoria do F. A. Club, a aceitar o desafio que fizeste em nome do 1º *team* do "Anilense F. Club" ao "Kaki", a efetuar-se no próximo dia 28 do corrente, às 4 horas no vosso *ground* no Anil.

Fica entretanto subtendido que, seja qual fôr o resultado obtido nesses *match*, nova disputa deverá realizar-se entre o vosso primeiro *team* e o "Kaki", nesta cidade, no campo do F. A. Club, deixando-vos a escolha do dia e hora para esse encontro. Agradecendo a liberdade que me destes na escolha de um *referee* para arbitrar esse match, apresento-vos o nome do conhecido *sportman* sr. Tarquinio Souza.

Grato pela honra com que distinguistes, e a nome do “Kaki”, que represento, subscrevo-me com toda a estima.

De Vmce.

Corintho Pereira,

*Captain* – geral<sup>201</sup>.

Para as partidas no Anil, mesmo sendo considerado longe, afluíam em algumas partidas um considerável número de pessoas, mesmo com a carência de transportes ao Anil. Para isso era necessário a locomoção até o local por meio dos bondes. Partidas entre o Kaki (um dos clubes internos do F.A.C) e o *Red* (um dos clubes internos do Anilense) foram feitas. A primeira partida foi vencida pelo Kaki no campo do Anil e após marcada uma revanche a segunda partida acaba em 3x2 para o *Red*, desta vez no campo do F.A.C.<sup>202</sup> No primeiro jogo, após cair uma chuva tornando impróprio e a formação de poças d'água, Claunísio de Amorim Carvalho analisa “um lameiro qualquer, eu se traduzisse em falta de higiene, poderia ser indício de incivildade<sup>203</sup>.”

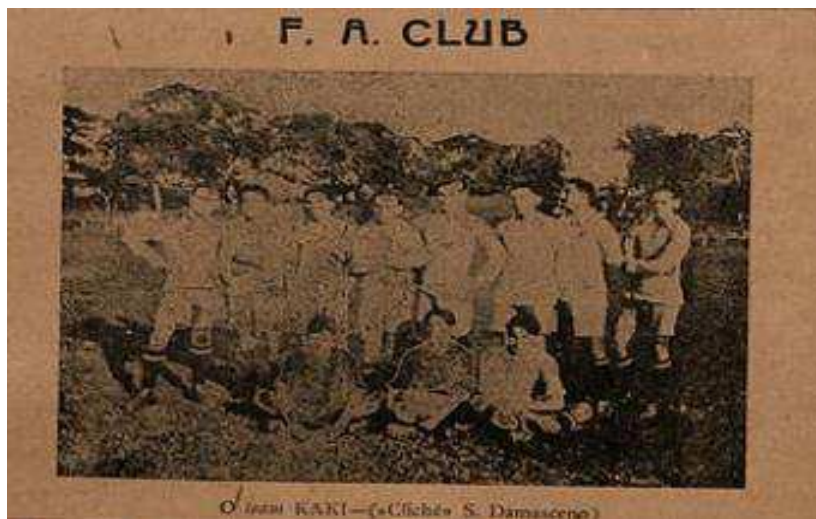


Figura 06: O *team* do Kaki  
Fonte: O Registo (1917),  
19/08/1917, p. 3

Após a realização dessas partidas e apesar de filiado a Liga Sportiva Maranhense, o F.A.C, cada vez mais, parecia se fechar dentro de seus muros, passando a organizar torneios internos entre seus times, talvez devido ao fato de se considerarem unanimidade em São Luís. Afirmavam que na capital só possuíamos “um clube organizado – o Fabril”.<sup>204</sup> Entretanto, o torneio teve de ser interrompido, pois havia a possibilidade de disputar um torneio inter-estadual entre Maranhão Piauí –Pará, onde disputariam os times de Internacional, da cidade de Parnaíba-PI, Paysandú-PA e o F. A. C. Com tal pugna no porvir, o F.A.C realizou diversos treinos afim de evitar que derrotas semelhantes às sofridas contra o Clube do Remo fossem evitadas e para

<sup>201</sup> A PACOTILHA, 24/06/1917, p.1.

<sup>202</sup> A Fita, 12/07/1917, p. 4.

<sup>203</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 63.

<sup>204</sup> A Pacotilha, 23/11/1917, p.1

isso fez-se presentes em alguns treinos, o ilustre *sportmen* paraense Leônidas Castro.<sup>205</sup> As entradas foram cobradas no valor de mil réis para o grande público e dois mil réis para as arquibancadas, local definido para os figurões da sociedade ludovicense.

A primeira partida do torneio foi realizada no dia 23 de dezembro de 1917, entre F.A.C e Payssandú, terminando com o placar de 7 a 0 para os paraenses. “Desde cedo, bondes especiais começaram a trafegar, repletos, conduzindo inúmeras pessoas”<sup>206</sup> Sobre o público “assistência podia ser computada em mais de três mil pessoas.”<sup>207</sup> Mostrando o grande interesse pelo futebol por parte da sociedade maranhense e a popularização demarcando um sintoma da popularização. O jogo também foi marcado pela presença do Dr. Raul Pereira e do tenente Bessa Cunha, representando o governo do Estado.<sup>208</sup>



Figura 07: Acima o time do F.A.C e embaixo o time do Payssandú em partida que terminou 2 a 2  
Fonte: Vida Sportiva (1918), Edição 54, p. 18

A segunda partida terminou em 2x2 para o clube Payssandu que ficou marcada pela invasão do campo, por parte dos que ali estavam presente, devido não concordar com as marcações do árbitro.<sup>209</sup> O que deixou se “verificou um desgosto muito natural um desgosto muito natural, pela incontestavelmente censurável invasão do campo, por alguns espectadores descontentes com o referee de domingo.”<sup>210</sup>

<sup>205</sup> A Pacotilha, 29/11/1917, p. 4; Leonidas Castro foi o responsável pela criação do Paissandú. Atualmente o Estadio do da Curuzu, carrega oficialmente nome de Leonidas Sodré Castro.

<sup>206</sup> A Pacotilha 24/12/1917, p. 1

<sup>207</sup> A Pacotilha 24/12/1917, p. 1

<sup>208</sup> A Pacotilha, 24/12/1917, p. 1

<sup>209</sup> A Pacotilha, 26/12/1917, p. 4

<sup>210</sup> A Pacotilha, 28/12/1917, p. 4



O sexto *macth* realizado entre F.A.C e Internacional-PI, contou com a presença estimada de três mil pessoas. Dentre o qual o cronista, Xiz, faz questão de destacar a presença de “um selecto conjunto de famílias e gentis senhorinhas.”<sup>211</sup> O jogo terminou com o resultado de 8 a 2 para os maranhenses. O Internacional também chegou a perder de 9 a 0 e de 15 a 0 para os paraenses. E por fim, a última partida ficou marcada por uma derrota de 4 a 1 do F.A.C para o Internacional.

Finalizado o torneio a delegação paraense “levou quase todas as taças disputadas: Psilander, Tintura Preciosa, Lauro Sodré, Empregados do Comércio e Medalha da Imprensa<sup>212</sup>.” Pelo torneio, o F.A.C conquistou a Taça Urbano Santos disputada na partida contra o Internacional. A entrega da taça contou com a presença do Vice-Presidente da República, Urbano Santos que ficou incumbido de entregar a taça a pedido da diretoria do F.A.C.<sup>213</sup>

O torneio foi marcado por muita festividade, foram realizados passeios de automóveis pelos *sportmens*, *soirées* dançantes. Entretanto, nem tudo foram flores, como aventa Claunísio de Amorim:

O evento também marcou a desgastante cisão entre o *sportman* Leônidas Castro (ligado ao Payssandu) e a diretoria do FAC, com bate-boca na imprensa, sendo o primeiro, inclusive enterrado simbolicamente em passeata pelas ruas da cidade [...] Essa polêmica talvez tenha sido causa ou efeito do seguinte problema: no dia 10 de janeiro de 1918, a Pacotilha publicou que a comissão do FAC destinada a entregar as taças ao Payssandu se desobrigou dessa incumbência, não obstante o próprio Payssandu ter entregue uma taça ao clube anfitrião<sup>214</sup>.”

Contudo essas rusgas entre os clubes já aparecem desde a invasão do campo por parte das torcidas, saiu na imprensa paraense que os jogadores do Payssandu haviam sofrido agressões por parte da assistência, o que a imprensa maranhense tratou de discordar veementemente.<sup>215</sup>

Enfim, a realização desse torneio fez com que uma grande quantidade de pessoas tivessem contato com o futebol. O registro de duas partidas em que se estimavam três mil espectadores é um fator claro de como o futebol começava a ganhar interesse maior de novos sujeitos, já que agora o campo do F.A.C poderia ser acessado mediante o pagamento de

<sup>211</sup> A Pacotilha, 07/01/1918, p. 1

<sup>212</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 185.

<sup>213</sup> A Pacotilha, 26/01/1918, p.1

<sup>214</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 185

<sup>215</sup> A Pacotilha, 28/12/1917, p. 4

ingresso. Entretanto, durante um dos jogos realizados entre Payssandu contra o Internacional, registrou-se um fato interessante, não tendo condições de pagar ingressos, pessoas trepavam em árvores afim de ver e vivenciar as práticas que ali estavam sendo postas, como podemos perceber no registro a seguir:

[...] Desde cedo, bondes em grande número começaram a trafegar, despejando continuamente, no portão do simpatizado clube da rua Osvaldo Cruz, verdadeiros magotes de gente. Além disto, nessa rua, no trecho compreendido entre o parque Urbano Santos e o F. A. C., o povo descia era verdadeira romaria, ansioso por assistir ao encontro de ontem, entre duas facções estranhas ao nosso estado. De tal sorte que às 16 horas todas as dependências do F. A. C. abarrotavam já de gente: arquibancadas, onde se destacavam elegantes senhoritas e senhoras, lados do campo, barreira... e até havia gente trepada em árvores. [...]<sup>216</sup>

A partir dessas disputas, começam a surgir novos clubes, novas dinâmicas no nosso futebol. A euforia causada pelo torneio, que foi registrado o nascimento de um clube chamado Paisandú F. Club, localizado no bairro da Madre Deus, provavelmente em homenagem ao clube paraense.<sup>217</sup> Ainda assim é nesse período que se registra a maior quantidade de clubes sendo informados diariamente nos jornais. Mesmo que alguns fossem efêmeros, as suas aparições nos fazem crer que o futebol ia paulatinamente ganhando forças e se tornando um dos divertimentos preferidos entre os maranhenses, seja de qualquer classe. Claunísio de Amorim consegue compilar um grande número de clubes entre 1917-1920, sendo eles:

**1917:** Floriano SC, Botafogo FC, Atlântico, Anilense FC, Riachuelo FC, Artífices, São Pedro, Gráfico SC, Andaraí SC, Havano DC, Trombeta SC, Califórnia SC, Caxias SC. **1918:** Militar, Maranhenses, Fluminense SC, Neófitos, Paulistano FC, Fênix FC, Saldanha, São Cristóvão AC, Western SC, Invencível, Piahuy (do Colégio S. Vicente de Paula), 47 FC. **1919:** Spartano FC, (da Escola Normal Primária), Primavera SC, João Rêgo FC, Atenas EC, Guanabara, Clube Atlético Maranhense, Tupy AC, Democrata FC, Oriente FC, Railway SC, Cruz Vermelha, Faculdade de Direito, Bateria FC. **1920:** Cruzeiro FC, Mignon FC, Aimoré, Camboense FC, Gato Preto FC, Colombo SC, Hercules FC, Rio Negro FC, SC 15 de Novembro, São Jorge FC, Nacional, Banco do Brasil, 24.º BC (antigo 48 de Caçadores); Marcílio Dias FC, Santos Dumont SC, Helene SC<sup>218</sup>.

<sup>216</sup> A PACOTILHA, 02/01/1918, p.4

<sup>217</sup> A Pacotilha, 24/01/1917, p. 1

<sup>218</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 132, grifo do autor.

Conseguimos ainda computar, além desses, os clubes: Adrede Football Club<sup>219</sup> e o Aquidaban Football Club.<sup>220</sup> Além da capital, nas cidades do interior do Maranhão o futebol começa a ser praticado, e notícias das experiências futebolísticas do continente se fazem presentes nas páginas dos jornais da capital. Futebol se alastra para além das fronteiras de São Luís, cruzando os mares da ilha, se inserindo na lógica das cidades. O futebol é praticado por clubes locais do interior e em dias festivos de Santo<sup>221</sup> se nota o exercício desse jogo fazendo parte das festividades das cidades. Clauníso de Amorim Carvalho registra alguns clubes do interior que foram criados entre o final da década de 1910 e início de 1920:

**Anajatuba:** clubes locais; **Araióses:** Fenix SC; Axixá: Atheniense SC; **Barra do Corda:** Cordino SC; Cantanhede: Cantanhede SC; **Caxias:** fundação de uma liga, Nazaré SC; Coroatá: União, Santa Cruz SC; **Grajaú:** Santa Cruz e Grajahú SC; **Iguatú:** Iguatu FC; **Itapecuru:** um time; **Miritiba** (atual Humberto de Campos): Beiramar FC, (de Primeira Cruz, hoje município); **Morros:** Santos Dumont SC; **Pastos Bons:** Athenas Brasileira FC; **Pedreiras:** Pedreirense FC, Mearim FC, União Sportiva Pedreirense; **Penalva:** Penalvense; **Pinheiro:** America Football Club, Guarani SC; **Rosário:** Rosariense, Brasil, Vitoria, Guarany; **São Bento:** Sambentuense, Tupan, Rio Negro, São Christovam e Tupy; **Timon:** Timon SC; **Viana:** times locais, Aliança SC, SC Democrata e São Francisco<sup>222</sup>.

Conseguimos identificar ainda a criação do Babassú Football Club da cidade de Pirapemas.<sup>223</sup> Mas nem só de clubes se fazia o futebol, com o avançar da popularização do esporte, a população de São Luís começa a praticar o jogo de bola nas ruas.

Os jogos eram disputados em praça pública geralmente por garotos pobres que viam no esporte uma possibilidade de lazer. O futebol ganhava cada vez mais praticantes que o jogavam para além das praças esportivas convencionais, jogavam na rua, na praças, na praia. Para alguns da elite loca ver homens e mulheres pobres em momento de diversão os enervava tanto que utilizavam as páginas de jornais como instrumento de sua descarga de desgosto por conta das práticas esportivas dos pobres.

Entretanto, o futebol já era um símbolo cultural compartilhado por diversos grupos sociais. Com o crescimento dos clubes da elite, sua popularidade e o incentivo para que esportes diversos fossem praticados, as camadas populares assumem para si os discursos elitistas e passam a incorporar essas lógicas a partir de sua realidade ressignificando-as. Nesse sentido, o

<sup>219</sup> A Pacotilha, 20/11/1917, p. 1

<sup>220</sup> A Pacotilha, 25/12/1917, p. 4

<sup>221</sup> A exemplo disso houve a realização de um jogo entre os *teams* Pau D'arco e Tucum na cidade de Rosário em comemoração aas festividades católicas. (A Pacotilha, 23/10/1918, p.1)

<sup>222</sup> CARVALHO, op. Cit., 2009, p. 132, grifo do autor.

<sup>223</sup> A Pacotilha ,14/01/1919, p. 1

futebol na rua não seguia os padrões preteridos pelo *sportmanship*, na rua ele seguia lógicas próprias. Com isso, não tendo um campo de dimensão regular de acordo com as regras do *football association*, se jogava bola num terreno baldio, numa praça ou qualquer lugar que fosse. Ao perceber os discursos empregados pelas elites de São Luís àqueles praticavam e que não praticavam o pébol de maneira “fidalga”, Cláudio de Amorim Carvalho faz a seguinte separação entre futebol legítimo e futebol ilegítimo:

O futebol legítimo, fino, gentil, elegante, autorizado, espetacular, programado, com regras universais, praticado por cavalheiros, dentro das arenas próprias para espetáculos esportivos, formado por clubes com patrimônios e estatutos, jogo subordinado a ligas e associações que organizavam competições, em que imperava o espírito amador e cavalheiresco;

O futebol ilegítimo, insubordinado, abusivo, aleatório, maltrapilho, promíscuo, desrespeitoso, com regras espúrias, praticado por “moleques”, “desocupados” e “vagabundos”, em vias públicas (ruas, praças e campos improvisados), descalços, sujos, sem clubes, sem patrimônios, nem estatutos, nem ainda ligas ou competições oficiais, em cujo jogo imperava o espírito “selvagem” do prélio, e não raro terminava em briga e discussões movidas a palavrões; enfim, um mistifório de práticas condenáveis pela elite<sup>224</sup>.

Na Praça da Alegria são registrados um jogo de futebol, onde se diz que “uns vagabundos” o praticam “entre uma berraria infernal.”<sup>225</sup> Houve o registro do jogo na Rua dos Afogados informando “uma algazarra que ninguém pode suportar”<sup>226</sup>, além da solicitação de providencias por parte da polícia. Na rua da Praia de Santo Antonio noticiou que um “grupo de vagabundos que durante o dia e nas noites de luar vivem no parque 15 de Novembro num desenfreado jogo de *football* que sempre é acompanhado por palavras obscenas.”<sup>227</sup> Na praça da Misericórdia, os moradores pediam delegado geral “mande postar um praça nesse local afim de pôr cõbro ao jogo de *football* que aí campeia desenfreado.”<sup>228</sup> Na rua do Mocambo, entre São Pantaleão e Santa Rita, chamavam a atenção da polícia para a “aglomeração de uma malta de vagabundos que passa o dia inteiro a brincar de papagaio e jogando um desenfreado *football*.”<sup>229</sup>

O jogo na rua era destacadamente um caso de polícia, caberia a instituição designada de manter a paz e a ordem as devidas providências para que o jogo nas localidades

<sup>224</sup> CARVALHO, op. cit., 2009, p. 90.

<sup>225</sup> A Pacotilha, 08/03/1918, p. 1

<sup>226</sup> A Pacotilha, 01/05/1918, p. 4

<sup>227</sup> A Pacotilha, 31/08/1918, p. 4

<sup>228</sup> A Pacotilha, 14/11/1918, p. 4

<sup>229</sup> A Pacotilha, 29/07/1918, p. 4.

fosse cessado. Sendo pobres, brancos, pretos, caboclos, eram “vagabundizados” ao manter as práticas esportivas fora do padrão adequado, além de serem relacionados com atos de vandalismo. O registro a seguir mostra claramente a aversão a tais práticas:

Já estamos cansados de reclamar à polícia contra o desenfreado jogo de *football*, que grupos de moleques vagabundos vivem a fazer nas nossas principais praças e avenidas, acompanhado de palavrões e obscenidades. Na praça Antônio Lobo, por exemplo, todos os dias, das 16 horas as tantas da noite, reúnem-se vadios de toda espécie: brancos, pretos, caboclos etc, os quais fazem um barulho infernal com o tal <<football>>. Ontem o pau rolou a valer, quebraram fios do telefonio, sacaram revólveres e invadiram as casas das famílias, apavorando-as. É preciso que a polícia nos livre dessa praga, tomando as providências necessárias<sup>230</sup>.

O jogo realizado por aqueles garotos e rapazes incomodava a elite local que soltava comentários depreciativos sobre aquela prática, entretanto o que podemos perceber mais do que jogo, o maior incômodo é com os praticantes do mesmo. Termos como “vagabundos”, “desocupados” dentre outros demonstram que as relações sócias se davam de maneira conflituosa, muita das vezes.

A vagabundagem em alto grão desenfreiada, vae se alastrando, de modo que a nossa velha *urb* já está quase contaminada desse mal vergonhoso. Não ha praça, rua ou bêcco ou viélla por mais transitados que sejam, que não se achem à qualquer hora do dia, e mesmo as primeiras da noite, invadida por enxames de menores vagabundos, que sem o menor, freio de uma educação qualquer, passam esse tempo a jogar *foot ball*, petecas e papagaios [...] <sup>231</sup>

Com isso, podemos afirmar que a dinâmica entre os grupos sociais praticantes do futebol é distinto no que tange ao local de prática e seus praticantes. Sendo assim, há uma dicotomia entre o *sportsman* e o sujeito periférico joga futebol na rua por diversão. O *sportsman* é o sujeito da alta casta maranhense, dotado de um espírito cavalheiresco que pratica o futebol nos clubes esportivos voltados para a elite maranhense. Enquanto o jogador de rua é o “vagabundo”, “desocupado” que faz algazarra, atrapalha a ordem pública e destrói o patrimônio público. Concordamos com Claunísio de Amorim Carvalho ao analisar a motivação dos garotos pobres da cidade de São Luís:

A juventude pobre, porém, não se conformou apenas em apenas praticar o jogo como recreação nas vias públicas e nos campinhos, ficando de fora do universo futebolístico maior. Mas tratou de criar, num esforço hercúleo, suas

<sup>230</sup> A Pacotilha 11/01/1919.

<sup>231</sup> O Garoto, 1919, p. 2.

próprias agremiações. Os garotos visavam parecer-se cada vez mais com os jogadores dos clubes maiores e ter o gosto de defender suas cores, como faziam os do FAC, Onze, do Luso, etc. [...] <sup>232</sup>

Contudo, as relações sociais são complexas e é na contradição do cotidiano que encontramos a multiplicidade de sentidos que elas assumem. O futebol de rua, mesmo sendo visto com maus olhos é praticado até mesmo por aqueles que deveriam ser responsáveis por combatê-lo:

Ontem, às 22, 40 horas, a patrulha que havia sido rendida na praça João Lisbô e que se recolhia ao quartel do posto de S. João, entendeu de jogar *fooball* com as latas de lixo depositadas na rua Coronel Colares Moreira, entre as travessas 5 de Outubro e da Passagem, sobressaltando por esta forma os moradores do referido trecho. Observados os policiais por um cidadão que passava na ocasião pelo local, fazendo-lhes vêr que este procedimento não ficava bem, nem fazia parte do regulamento policial, foi o bastante para que os turbulentos esbirros redobrassem os *shoots* nas pobres latas, aumentando, assim, o barulho infernal que já vinha fazendo.

É o cúmulo... e vai sem comentário.

Veritas<sup>233</sup>.

Claunísio de Amorim ao analisar o jogo de bola na rua afirma que “é bom que se pense que a popularização do esporte não nasce em forma de clube, mas segue o caminho das ruas, praças e campos improvisados. Primeiro, inicia-se na prática do jogo, depois se pensa em criar um clube e arranjar um local para jogar<sup>234</sup>.” Mesmo considerando as observações feitas, por este ilustríssimo autor, não podemos deixar de perceber que a popularização perpassa pela lógica clubística, setores das camadas populares de São Luís frequentam os jogos dos clubes de elites seja dentro ou fora do “estádio”, seja nas gerais, nas ruas que cercam o campo, seja trepado em uma árvore. É do contato com um clube que nasce a vontade de jogar e por conseguinte realizar o jogo na rua.

### 3.1 As rivalidades entre F.A.C e Luso-Brasileiro

Em 1918, desponta no cenário maranhense, o Luso Brasileiro, clube que rivalizaria com o F.A.C e travaria duras pugnas nos campos e pela competição da hegemonia e controle do futebol no Maranhão. Tal rivalidade, se configura como uma disputa intra-elite maranhense.

---

<sup>232</sup> CARVALHO, op. cit., 2009, p.105

<sup>233</sup> A PACOTILHA, 08/01/1920, p. 4.

<sup>234</sup> CARVALHO, op. cit., 2009, p. 86.

Tanto o F.A.C quanto o Luso podem ser definidas como clubes voltados para o lazer e sociabilidade da elite maranhense através da prática do futebol, sendo assim as disputas travadas entre esses dois clubes podem ser lidas pela disputa da presença das elites maranhenses em seus espaços, chegando a adentrar na disputa pelo apreço da população geral. Dessa forma, “o crescimento do gosto pelo esporte se fez ecoar pela própria dinâmica das competições e das rivalidades em formação.”<sup>235</sup>

As atividades realizadas pelo Luso- Brasileiro começam a aparecer nos jornais a partir de 1916, mas é a partir de 1918 que esse clube começa a ganhar grande notoriedade, sendo cotado pelos seus contemporâneos como uma vanguarda do esporte maranhense, pondo em cheque a soberania do grêmio milionário (F.A.C).

A crônica esportiva já esperava que o Luso Brasileiro se firmasse como um dos grandes clubes da cidade, devido aos constantes investimentos realizados em sua sede, e seus *sportmens* ter a pretensão de criar um clube de aviação na capital maranhense.<sup>236</sup>

A vontade de alcançar objetivo de se tornar o principal clube da capital e com isso atrair atenção do *high society* local era tão forte que o Luso também iniciou a prática do exercício de ginástica, esgrima e até pensou se promover na regata.<sup>237</sup>

Dessa forma, uma característica marcante nos noticiários referente ao Luso é o apelo pela presença das “excelentíssimas famílias” e da alta casta maranhense, sendo convidados frequentemente pessoas de altos cargos oficiais e políticos. Nesse sentido “quase tudo que se noticiava do Luso tinha alguma referência ao elitismo, fosse a termos de futebol ou de saraus e bailes carnavalescos.”<sup>238</sup>



Figura 8: 1º Team do Luso-Brasileiro em 1919  
Fonte: Vida Sportiva (1919), Edição 110, p.10



Figura 9: 2º Team do Luso-Brasileiro em 1919  
Fonte: Vida Sportiva (1919), Edição 110, p.10

<sup>235</sup> CARVALHO, op. cit. p. 125

<sup>236</sup> A PACOTILHA, 30/01/1918, p.1

<sup>237</sup> A PACOTILHA, 25/04/1918, p.1

<sup>238</sup> CARVALHO, op. cit. p. 45



Figura 10: 3º Team do Luso-Brasileiro em 1919  
Fonte: Vida Sportiva (1919), Edição 110, p.10

A euforia criada pelas diretrizes do clube fez com que a imprensa noticiasse cada vez mais as atividades do Luso, compartilhando o espaço das páginas do jornal com o F.A.C. Foi muito esperado e noticiado a inauguração oficial do clube. Para a inauguração foi marcada uma partida contra o principal clube da capital, o F.A.C. Noticiava a imprensa:

[...] Quem de perto tem acompanhado a vida dessa associação de esportes, desde o tempo em que funcionava num espaço acanhadíssimo, entravado por grandes arvores, sem casa nem arquibancadas e a vê agora, depois de grande transformação porque há passado, não pôde reprimir uma interjeição espontânea, um *Sim, senhor!* de espanto ao analisar o confronto entre o que viu e o que vê. Onde era um terreno cheio de altos e baixos, em que os jogadores mal se podiam mover, distende-se agora um vasto ground de football, completamente nivelado, obedecendo a todos os preceitos da Association. As árvores todas foram derrubadas, conseqüentemente dissiparam-se as sombras, de modo que reina ali uma exuberância de luz, que nos dias de grandes partidas vai dar ao Luso uma feeria sem par. Os maiores obstáculos foram superados, com a presença do catavento que foi removido para local mais afastado e onde não impede a ação dos *footballers*. Do lado da rua do Passeio, em todo o comprimento do ground, vão-se alinhar modernas e cômodas arquibancadas.

Grandes trabalhos! não há dúvida. E por vê-los e pesar a grande acma de esforços dispendidos, é que o humilde cronista XYZ sai do cantinho em que estava escondido desde o último torneio inter-estadual, e vem aqui fora bater palmas à sua directoria por mais esse melhoramento com que vai ser dotada a nossa capital, e de entre cujo meio é justo destacar o nome do sr. Edgard Figueira, a quem se deve a iniciativa de tão temerosa empreza.

A instalação do “Clube Esportivo” vai ser, segundo me consta, um festão. Haverá diversos e apropriados jogos, um malch de football entre uma scratch da Luso e um team do F. A.Club, e cerveja a valer.

Que a novel sociedade conte com o apoio decidido de todos quantos nesta terra nutrem um pouco de amor per essas coisas de sport e venha preencher cabalmente o fim a que se destina, são os votos que faço velho amigo e admirador

XYZ<sup>239</sup>

<sup>239</sup> A PACOTILHA, 05/04/1918, p. 1



Para a inauguração convites foram emitidos para as “excelentíssimas famílias” e para elas no dia da grande festa seria distribuído sorvete e bobons, além da presença da banda do Corpo Militar e do 48 caçadores.<sup>240</sup> No anúncio para as partidas dizia-se: “com esta partida de inauguração e para maior brilhantismo da festa, a Directoria resolveu instituir a cobrança de ingresso para o público em geral”<sup>241</sup> Isto significava dizer que a inauguração estava restrita apenas para pessoas que pudessem pagar ingresso, e conseqüentemente garantir um “maior brilhantismo”, não havendo pessoas indesejáveis, já que o futebol tinha ganhado o apreço de todos. No dia da inauguração, os jornais noticiaram que uma “multidão” esteve presentes nas gerais, enquanto o “escol da sociedade” deixava as arquibancadas resplandecentes.<sup>242</sup> A partida terminou empatada em 2 a 2, sendo marcada uma nova contenda para a definição do vencedor da taça da inauguração.<sup>243</sup> No jogo de desempate realizado, no campo do F.A.C, foi registrado a presença de duas mil pessoas, a partida terminou com o placar de 4 a 0 para o F.AC.<sup>244</sup>

A partir desses dois jogos começam a surgir as primeiras rugas entre os dois clubes. Durante a combinação dessas primeiras partidas ofícios foram emitidos pelos primeiros secretários afim de acertar os acordos entre os respectivos clubes. Ficou definido através dos ofícios que após a realização da segunda partida, seria marcada uma terceira, não importando o resultado da segunda. Contudo, finalizado o segundo jogo o F.A.C emite um novo comunicado ao Luso desobrigando-se de comparecer à terceira partida marcada previamente. O motivo emitido pelo F.A.C sobre a tomada dessa posição foi que os jogos se repetindo muitas vezes traria enfado aos espectadores, além de reclamar da divisão dos rendimentos das partidas, sendo 20 por cento do total colocado à disposição do F.A.C e também as constantes reclamações a respeito das decisões do árbitro.<sup>245</sup>

Enfim, com o Luso ganhando a preferência local, o F.A.C decide aumentar seu campo e reformar as dependências de sua sede. Para isso foi programado um grande evento, como de costume, e para fechar com chave de ouro realizou-se uma nova partida de futebol entre as duas agremiações que mais se destacavam no cenário local.<sup>246</sup> O interesse das camadas populares por esse evento, não deixou de se notar do lado de fora do campo registrou-se um jogo de bola atrás das arquibancadas, onde pediam que fosse proibido a prática pois

<sup>240</sup> A PACOTILHA, 12/04/1919, p. 1

<sup>241</sup> A PACOTILHA, 13/04/1918, p.1

<sup>242</sup> A PACOTILHA, 15/04/1919, p. 1

<sup>243</sup> A PACOTILHA, 15/04/1919, p. 1

<sup>244</sup> A PACOTILHA, 02/04/1919, p. 1

<sup>245</sup> A PACOTILHA, 27/04/1918, p. 1

<sup>246</sup> A PACOTILHA, 27/07/1918, p. 4

constantemente a bola acertava as cabeças das senhoritas presentes nas arquibancadas.<sup>247</sup> Sem condições de comprar ingressos os populares davam um jeito de participar da festa.

Durante a partida noticiou protestos e brigas por parte da torcida ali presente devido as marcações do árbitro, que nessa partida era Nhozinho Santos, sendo necessária a intervenção policial.<sup>248</sup> Após o jogo mais confusão:

“[...] As tristes cenas de pugilato, que ontem se desenrolaram no F. A. C, mudaram, á noite do campo. Á porta do cinema S. Luiz e do Carioca, repetiram-se as brigas.

Nesse andar, dentro em pouco não só faltará no jogo de foot-ball assistencia feminina, como o jogo bretão derivará em box, e *box* com o seu complemento e suplemento: pau, faca, revolver...<sup>249</sup>

A rivalidade entre os clubes já estava criada, “o meio esportivo já está dividido em dois meios opostos”<sup>250</sup>. Percebendo a crescente onda das paixões por parte dos torcedores e jogadores, já se emitia a opinião de que aquelas cenas de violência que estavam a se repetir eram danosas ao espírito de cavalheirismo e cordialidade que eram característicos aos *sportmens*, para isso “deveriam procurar é pôr um paradeiro, de uma vez, para sempre a essas rivalidades prejudiciais [...]”<sup>251</sup> A preocupação com os atos de violência dentro e fora de campo era tamanha que quando os dois clubes iam se enfrentar a imprensa pedia cautela por parte dos contendores e espectadores. Entretanto, dizia-se que a violência por parte dos jogadores adviria a partir da influência do comportamento “incivilizado” dos espectadores, não sendo eles torcedores de fato, mas sim açuladores sob a capa de torcedores.

[...] Há, todavia, um mal nessa rivalidade de opiniões que é preciso coibir. Exageram positivamente os partidarios de um e outro clube o seu espírito de facção, pois com frequência detestável vemos, da parte a parte surgirem, sob a capa de torcedores, verdadeiros açuladores que em vez de animarem inteligentemente os teams para a disputa leal e franca, dentro da honra e da linha cavalheiresca, os incitam para a a arruaça e a anarquia.

A sua vez os jogadores de football nem sempre teem na lembrança essa medida, que a tudo impõe a boa civilidade, ora deixando-se arrastar pelos tais insufladores de discórdias, ora tomando espontaneamente a iniciativa de actos que, em arena de luta ou fóra dela, se traduzem, conforme o caso, ou por

<sup>247</sup> A PACOTILHA, 29/07/1918, p. 4

<sup>248</sup> A PACOTILHA, 29/07/1918, p. 4

<sup>249</sup> A PACOTILHA, 29/06/1918, p. 4

<sup>250</sup> A PACOTILHA, 06/09/1918, p. 1

<sup>251</sup> A PACOTILHA, 03/09/1918, p. 1

desatenções brutais ao público que se estima ou por uma demonstração dos mais tacanhos e suspeitos hábitos sociais.<sup>252</sup>

Em uma partida realizada em 7 de Setembro de 1918 em comemoração à Independência do Brasil, novas cenas de violências e arruaça. A partir desses fatos, o Luso Brasileiro, lança um ofício à Pacotilha com o objetivo de se desfazer da responsabilidade dos acontecimentos e omitir a participação de seus associados na decorrência dos mesmos. O ofício declarava que as confusões decorrentes naquele jogo eram de responsabilidade de pessoas “estranhas ao clube” e ainda cita que havia sido solicitado previamente o patrulhamento policial na área externa do campo no intuito de evitar aquilo que já estava sendo comum nas partidas entre Luso e F.A.C. Como discutimos anteriormente, as áreas externas do *field* eram ocupadas por populares que não havendo condições de adquirir ingresso, subiam em árvores ficavam do lado de fora do campo observando as movimentações e às vezes batiam bola do lado de fora enquanto o jogo oficial entre os clubes estava acontecendo. O discurso do Luso endossa o discurso “vagabundizante” dos populares.

[...] CE. Luzo Brasileiro sente-se no dever de censurar que lhe não cabe nenhuma responsabilidade nos sucessos do dia 7, arruaças estas provocadas por elementos estranhos ao nosso clube, contra as quais esta directoria tomou antecipadamente todas as possíveis medidas preventivas, algumas das quais de character pouco favorável ao seu próprio character, tal como o pedido de um policiamento militar, feito em volta do field.

Como vêdes, não só não temos responsabilidade nestes sucessos como deploramos e desaprovamos qualquer manifestação subversiva, ainda mesmo que esta partisse de qualquer dos membros desta associação. [...]<sup>253</sup>

Com o discurso elitista e rival do F.AC pela preferência do *high society*, o Luso Brasileiro começa a adentrar na dinâmica das figuras políticas importantes, a exemplo do seu rival. Em 1918, o Intendente Municipal Clodomir Cardoso se responsabiliza pela implementação da luz elétrica na cidade de São Luís. O acontecimento ganha grande apreço pela imprensa e pela sociedade local que agora passaria a dispor não mais de iluminação à gás, mas sim elétrica. Para comemorar o acontecimento, o Luso realiza uma grande festa em homenagem ao Intendente Municipal. A festa também tinha o objetivo de beneficiar o Posto de

---

<sup>252</sup> A PACOTILHA 06/09/1918, p.1

<sup>253</sup> A PACOTILHA, 13/09/1918, p. 1

Socorro aos Ulcerados. Essa prática, além de política, é uma característica marcante dos clubes da elite:

O futebol de São Luís das primeiras décadas do século XX também teve seus momentos de caridade e fraternidade. [...] inserido numa função social, para além do universo lúdico ou comercial. As beneficiências eram voltas, principalmente a instituições filantrópicas e similares, que, às vezes só faltavam pedir socorro.<sup>254</sup>

O Luso Brasileiro já estava paulatinamente ganhando o lugar do F.A.C como o clube mais importante da capital, vendo sua influência crescer entre os *sportmens*, políticos, camadas populares e a grande aceitação desta agremiação pelos clubes locais. Com toda essa crescente importância, o Luso decide organizar um torneio entre os clubes da capital. O campeonato interclubes objetivava ser “à semelhança do torneios de outros estados, e que transcendesse os torneios internos ou esporádicos.”<sup>255</sup> Torneio do qual o F.A.C não aceita a participação alegando os seguintes motivos através de seu 1º Secretário, Alcindo Oliveira:

Seria para nós cauza do justo orgulho podermos corresponder à distinção a nós dispensada mas as ocorrências verificadas nos últimos encontros realizados entre os nossos clubs cuja responsabilidade nos tem sido atribuída, obriga-nos à adopção de tal conducta, visto que não nos cabe o direito de perturbar *com decidida propensão pela desordem*, o bom êxito dos esforços, de nossos congeneres, em prol do desenvolvimento do esporte no nosso meio. E nesse propósito permaneceremos até que, a cegueira do partidarismo sem regras seja substituída pelo julgamento ponderado o insuspeito de elementos justiceiros e capazes de julgar sem paixões, fazendo desaparecer a onda de antipatia para nós creada pelos nossos adversários, cuja habilidade levou seu raio de acção a nos fechar até as colunas da Imprensa do nossa terra, única que seria capaz, se quizesse, de reduzir o que no nosso meio esportivo se tem passado, ás suas justas proporções, dando a cada um que de direito lhe cabe.<sup>256</sup>

Apesar da não participação do F.A.C, os clubes do Fênix, Anilense, Vasco da Gama, além do Luso participam do torneio campeonato, do qual o Luso sagra-se campeão, derrotando na final, o Fênix por 3 a 0.<sup>257</sup>

Com o sucesso do torneio e a extinção da Liga Sportiva Maranhense, o Luso decide fundar uma nova Liga no Maranhão, a Liga Maranhense de Sports, do qual a agremiação encabeçaria as diretrizes da mesma. O luso emitiu ofícios circulares para os clubes locais afim

---

<sup>254</sup> CARVALHO, op. cit. p. 129

<sup>255</sup> Ibidem p. 148

<sup>256</sup> A PACOTILHA, 17/08/1918, p. 1

<sup>257</sup> Com esse título adquirido pelo Luso Brasileiro, ele é considerado o primeiro campeão maranhense e esse campeonato é considerado o primeiro campeonato estadual do Maranhão.

de se reunir para a organização e criação da Liga. Com isso o F.A.C declara não receber convite para tal reunião.<sup>258</sup> Para Claunísio:

O F.A.C parece ter se enciumado, sendo o mais tradicional clube da cidade, ao ver o Luso, mais novo, tomar as rédeas da situação. Para se notar como o FAC se achava importante nesse quesito, basta ver numa reunião entre seus sócios, a portas fechadas, se dizia que era para a “fraternidade e progresso” do futebol em São Luís, como se concentrasse em si o poder de fazê-lo sozinho.<sup>259</sup>

Para aumentar ainda mais seu prestígio diante de seu congêneres, o Luso Brasileiro organiza um jogo inter-estadual, contra o Paisandú do Pará, aquele que anteriormente havia aplicado vergonhosas goleadas no F.A.C. A primeira partida realizada por esses dois clubes foi acompanhada por “uma incalculável massa popular.”<sup>260</sup> Em resposta a vinda do Paisandu, o F.A.C organiza a vinda do Internacional da Parnaíba.<sup>261</sup>

Entretanto, com a vinda de ambos os clubes, o Luso e F.A.C entram em acordo intermediado pelos *sportmens* do Paisandú. O acordo criava a Liga Maranhense de Sports com o F.A.C como participante e criador da Liga em conjunto de Luso e Paisandú, além disso selava um “pacto de honra dando por findas, [...] todas as desavenças outrora havida entre os mesmos clubes.”<sup>262</sup>

Os ânimos pareciam se arrefecer, ainda no ano de 1919, o Sport Club Recife passa por São Luís e um jogo entre o time pernambucano e um combinado das duas melhores agremiações esportivas de São Luís foi acertado.<sup>263</sup> O jogo terminou em 4 a 2 para os pernambucanos, onde compareceu uma multidão compacta.<sup>264</sup>



Figura 11: Jogadores do Sport Club Recife que enfrentou o combinado Luso-F.A.C

Fonte: Vida Sportiva (1919), Edição 86, p. 22

<sup>258</sup> A PACOTILHA, 09/01/1919, p. 4

<sup>259</sup> CARVALHO, op.cit. p. 149, grifo do autor

<sup>260</sup> A PACOTILHA, 21/09/1919, p. 1

<sup>261</sup> A PACOTILHA, 17/01/1919, p. 1

<sup>262</sup> A PACOTILHA, 27/01/1919, p. 4

<sup>263</sup> A PACOTILHA, 13/03/1919, p. 1

<sup>264</sup> A PACOTILHA, 19/03/1919, p. 1

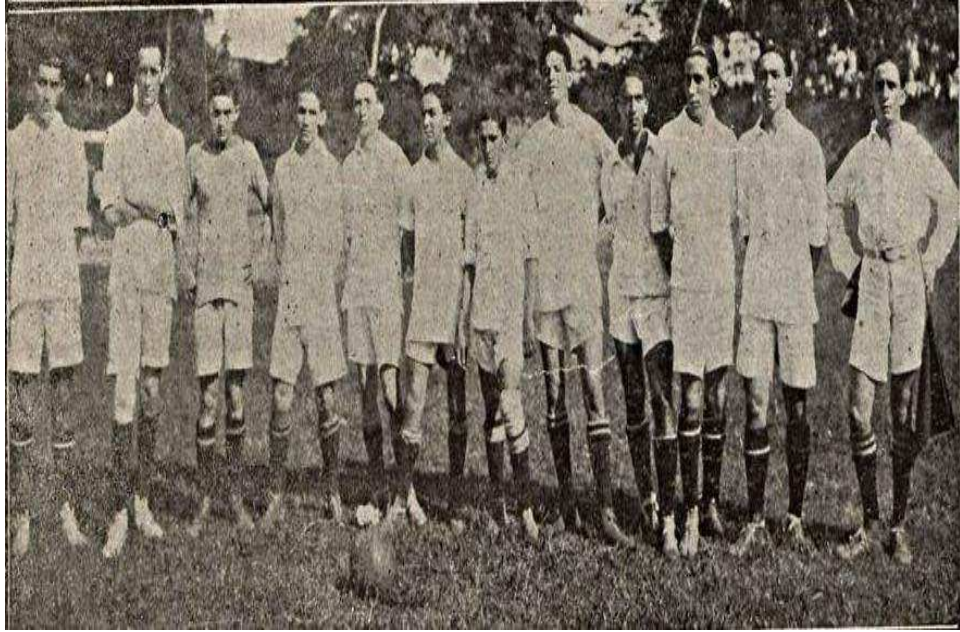


Figura 11: Combinado Luso- F.A.C que enfrentou o Sport Club Recife  
Fonte: Vida Sportiva (1919), Edição 86, p. 22

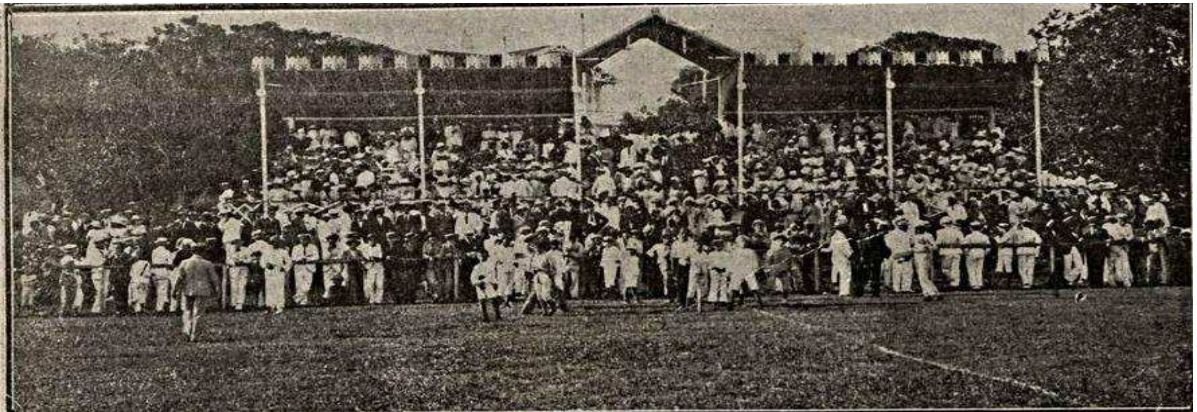


Figura 13: Aspecto das arquibancadas no jogo Sport x Combinado Luso-F.A.C, onde ficava o “escol da sociedade”, nota-se as roupas, a fina indumentária utilizada em dia de jogo.  
Fonte: Vida Sportiva (1919) Edição 86, p. 22

Apesar do acordo, as rivalidades clubísticas continuaram por conta dos torcedores e dos clubes. Ainda em 1919, o F.A.C cria a Confederação Maranhense de Desportos para rivalizar com a Liga vigente.<sup>265</sup> Entretanto no mesmo ano a Confederação e a Liga acabam se unindo.<sup>266</sup>

Mesmo participando da mesma lógica, a rivalidade dos clubes demonstra cisões no entre as elites, deixando claro que apesar de pertencentes ao mesmo setor da sociedade e objetivando alcançar os mesmo objetivos, ambos os clubes definem a dinâmica social através

<sup>265</sup> O Garoto, 31/08/1919, p. 6

<sup>266</sup> O Garoto, 14/09/1919, p. 3



deles, não como um grupo homogêneo, onde há uma concordância mútua, mas sim um espaço de constantes embates e disputas pelo controle do esporte local.

Ainda assim, essas rivalidades, perpetravam as camadas populares que assumindo a condição de torcedores, diziam-se fanáticos pelos clubes locais, carregando grande orgulho ao se sentir pertencente a um clube ou outro. Nos diz A Josoumar:

Trez únicas couzas conseguiram dominar esta velhíssima e retrograda cidade de Ravardiere: o bicho, o cinema e football.

Da nossa burguezissima população 90% ou é viciada na pule, ou habituée de cinema ou torcida do querido desporto inglez; sendo, porém, que este conta com maior número de adeptos que qualquerum daqueles outros.

O football envadiu e enraizou-se em todas as camadas sociais, sem se importar do sexo, da cor, da idade e, o péor de tudo isto, da profissão.

Aqui em S. Luiz qualquer vagabundo ou é um perito shootador ou torcedor de um dos nossos principaes clubs. [...] Tudo torce, discute sapientemente as regras do association e não há moleque que não saiba pronunciar qualquer um dos arrevesadíssimos vocabulos inglezes.

Até os infelizes lázaros não estão alheio a essa espécie de fanatismo desportivo. Há tempos uma comissão de leprosos abordou o mordomo daquele hospital e lhe pediu consentimento para praticarem ali o jogo da pelota...

Foi porém na gurizada que o football mais se familiarizou. O guri de hoje não aspira como os de outr'ora, ser padre, condutor de bondes ou soldado, mas sim um player afamado. E não é raro vê-lo manejar a bola com alguma felicidade, sendo quase sempre um doente pelo clube X.

A proposito vamos narrar um cazo dado há dias em casa de um ilustre cavalheiro, narrado a nós por um velho amigo:

O dr X, há dias, teve seu feliz lar alegrado por um novo anjinho. Por curiosidade paternal, ou cousa que o valha, levou o seu primogênito Luizinho, de dous anos de idade, a vizitar o recém-nascido

-Luizinho, disse o doutor abrindo carinhosamente o alvíssimo cortinado que encobria o berço, olhe o seu maninho chegado hoje.

Luizinho, então muito contente, muito risonho e esfregando as mãozinhas róseas perguntou com toda naturalidade ao bebé:

-Oê seu bestinha é luzo ou F.A.C?

E o pequenino urinou-se<sup>267</sup>

Essas rivalidades também podem ser lidas como mais um fator popularizante, pois a partir das paixões clubísticas geradas por ela, setores de todas as camadas sociais passam a compartilhar os mesmos símbolos e admirar os mesmos clubes. Se olharmos sob um espectro antropológico, podemos perceber ou detectar que a paixão futebolística por um clube se desenvolve a partir dos símbolos e do significado que eles carregam. De acordo com Hilário

---

<sup>267</sup> A FITA, 09/01/1921, p. 9

Franco Junior<sup>268</sup> esse sentimento é desenvolvido através de um caráter clânico, pertencer a um grupo de pessoas que partilham do mesmo gosto que agem da mesma forma em determinado ambiente, pessoas que se unem em torno de um símbolo maior. Nasce assim, a classe dos torcedores e torcedoras, apoiadores de um determinado clube que o incentivam de maneira apaixonada.

Segundo Hilário Franco Júnior<sup>269</sup> a democracia implantada nas sociedades industriais permitiu que a consciência de pertencimento a um determinado grupo fosse esmagada pelo conceito de cidadania que homogeneiza o homem, com isso surgem novos recortes grupais mais maleáveis, não substituindo todas as funções sociais e psicológicas do velho sentimento grupal, detectando a inserção do futebol nessa brecha aberta pela industrialização rompendo com os paradigmas anteriores.

Devido esse fator, podemos perceber que mesmo com a não aceitação inicial por parte dos grupos dominantes da prática futebolística das camadas populares em São Luís, a lógica da cidadania permitiu que as camadas populares aos poucos fossem se inserido nessa lógica de esportes de elites, entretanto ressignificando-as a partir de sua realidade e das imposições feitas pela alta sociedade local. Ao praticar os jogos na rua, na praça, na praia, num campo improvisado qualquer que fosse os jovens garotos foram aprendendo o jogo e aperfeiçoando as técnicas tanto que com o advento do capitalismo e pela busca de melhores resultados, sujeitos das camadas populares passam a ser contratados pelos clubes da elite. O que de certa forma contrapunha aquilo que intercedia os defensores do esporte amador, rompendo a lógica do amadorismo, abria espaço para a não lealdade a um clube, permitindo que os jogadores contratados para jogar futebol transitassem de um clube a outro vendendo seus serviços futebolísticos. É nos conflitos e nos acordos sociais que encontramos a chave para o entendimento amplo de uma sociedade.

---

<sup>268</sup> FRANCO JUNIOR, op. cit. p. 214

<sup>269</sup> Ibidem p. 213



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma série de fatores contribui para que o futebol se tornasse o esporte mais popular do mundo. Desde sua regulamentação em 1868, o jogo trilhou um longo caminho até se tornar esporte das massas.

Praticado em círculos fechados onde jovens burgueses ingleses imprimiam no esporte a partir da educação formal um caráter diferenciador. É nas instituições de ensino superior da Inglaterra que o futebol desenvolve sua marca elitista, através do *sportmanship* e do espírito cavalheiresco.

Com a Segunda Revolução Industrial e o Capitalismo, o futebol ganha novas terras se tornando um produto do capitalismo inglês e é com essa marca elitista que o futebol se alastra pelo globo.

Jovens brasileiros da alta sociedade enviados pelas suas famílias para estudar na Europa tem contato direto com o futebol elitista das instituições de ensino e somado a sociedade classista do Brasil reinventam o futebol como um elemento diferenciador na sociedade brasileiro, sendo praticado somente entre a alta sociedade, dispendo de todos os custos necessários para a prática do jogo.

Entretanto, apesar de existir uma lógica nacional que perpassa por esses jovens de elite, o futebol brasileiro deve ser entendido a partir da localidade e das particularidades de cada cidade. Pois, as singularidades de uma não tem a ver com a de outra.

Em suma, o futebol brasileiro como produto compartilhado por pessoas de diferentes classes só pode ser explicado em sua totalidade, se for levado em consideração todo o território do Brasil e não uma região específica na tentativa de explicar um todo.

Nesse sentido, tentamos aqui analisar profundamente o caso maranhense, contribuindo para o melhor entendimento desse jogo e das pessoas que o praticavam em seus primórdios no Maranhão. Claunísio de Amorim já nos deu uma grande contribuição com uma obra que aborda pormenores do jogo e da sociedade. Espero que esse meu trabalho tenha esclarecido um pouco mais a partir da perspectiva das tensões sociais entre as diferentes classes que desfrutavam do jogo.

No Maranhão, o futebol chega por intermédio de Nhozinho Santos. Ele funda um clube e através desse clube passa a reproduzir as práticas elitistas da Inglaterra, agora incumbidos de serem *sportmens* maranhenses. Nhozinho Santos desenvolve o jogo entre a elite maranhense e imigrantes ingleses de altos cargos que trabalhavam nas companhias internacionais em São Luís.

O futebol passa muito tempo sendo desenvolvido em meio a elite e só pôde ser praticado por pessoas da camada populares quando esses estavam relacionados a alguma instituição de prestígio, como é o caso da Escola de Aprendizes Marinheiros.

Depois do hiato do F.A.C (1910-1914), o futebol retorna e através dos interestaduais se iniciam uma grande aproximação das camadas menos abastadas da sociedade maranhense com o futebol. Diversos clubes surgem, o futebol passa a ser jogado na rua. E a elite incomodada com esse jogo estigmatizava os jogadores da rua como vagabundos, arruaceiros e toda sorte de depreciação, tratando a diversão desses sujeitos como caso de polícia.

Entretanto, durante os jogos de grande importância como a vinda de clubes de outros estados, a população pobre de São Luís se fazia presente, seja pagando ingresso mais baratos, em cima das árvores ou nos arredores do estádio.

Podemos concluir que o público pobre que recorrentemente iam aos jogos de futebol dos clubes oficiais, era utilizado como instrumento da responsabilidade de sucesso ou fracasso de uma partida. Se corria bem, sem confusões ou arruaças, noticiavam que grande foi a assistência, enorme foi o público. Mas se havia confusão dentro ou fora de campo a responsabilidade era da baderna era atribuída a pessoas “estranhas aos clubes” que influenciavam os jogadores a agir com violência e esbordadas através de seus gritos. Além disso, os menos favorecidos passam a incorporar em sua vivência as experiências dos clubes da elite já podendo se distinguir em meados de 1919 torcedores do F.A.C e Luso pertencentes a todas as classes.

## **FONTES E REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA**

### **FONTES**

#### **Periódicos:**

A Fita (1917, 1919, 1920)

Almanaque A Fita (1921)

A Pacotilha (1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921).

A Semana (1917)

O Garoto (1919-1921)

O Labor (1913 a 1915)

O registo (1917)

#### **Iconográficas:**

CUNHA, Gaudencio. Maranhão 1908.

Vida Sportiva (1918, 1919)

#### **Acervos:**

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/>>.

Biblioteca Benedito Leite – Acervo Digital  
<<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>>

Biblioteca Benedito Leite – Acervo Geral e Periódicos

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Eric Napamuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2004

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvia Capanema P. Vidas de marinheiro no Brasil Republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. *Antíteses*, v. 3, n. esp. p. 90-114, dez. 2010. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *Sujeitos, identidades e práticas num tempo de festas: Algumas questões teórico-analíticas e possibilidades interpretativas*. Campinas, Unicamp, 2008 (Mimeo).

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro*. Revista USP. São Paulo, v.22, p. 40-49, 1994.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador*. In *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas. 2015

CARVALHO, Claunísio Amorim. *Terra, grama e paralelepípedos: os primórdios tempos do futebol em São Luís (1906-1930)*. São Luís: Café & Lápis, 2009.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol*. Revista USP. São Paulo, v.22, p.10-17, 1994.

DOURADO, José Ribamar. *A indústria do Maranhão: um novo ciclo* / José Ribamar Dourado, Roberto Guimarães Boclin – Brasília: IEL, 2008.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Tese (Mestrado em História, políticas e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2010. p. 33, 34.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAMBETTA, Wilson Roberto. *A bola rolou - O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese (Pós – Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o Jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)* Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – 2008.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. *A Campanha da Produção*. São Luís, Associação Comercial do Maranhão, 2004.

LACROIX, Maria de lourdes Lauande. *A fundação Francesa de São Luís e seus Mitos*. 2ª ed. rev. e ampliada – São Luís: Lithograf, 2002.

MARTINS, Djard Ramos. *Esporte: Um Mergulho no Tempo*. São Luís, 1989.

MEDEIROS, Anna Carolina Vieira Cavalcante. *O lazer da fina flor da sociedade ludovicense: um estudo sobre a sociabilidade das elites clubísticas no período da Belle Époque (1889 – 1930)* – São Luís, 2014.

MOTA, Antonia da Silva. *Fábrica Martins Irmão & Cia: trajetória fabril na dinâmica urbana de São Luís* / Antonia da Silva Mota, Ulisses Pernambucano. (Orgs.). -São Luís: Edufma, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)* / Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas. São Paulo. 1998.

PINTO, Pâmela Araújo. *Jornal O Imparcial: o embrião do fotojornalismo maranhense. REVISTA CAMBIASSU*. Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 0102-3853 São Luís - MA, Vol. XVII – N° 3 - Janeiro a Dezembro de 2007.

PRAZERES, Maria das Graças do Nascimento. *UMA RUA...UMROMANCE...UMACIDADE...HISTÓRIA, LITERATURA E MODERNIDADE EM SÃO LUÍS (MA) NO ROMANCE RUA DO SOLDE ORÍGENES LESSA*. VI Simposio Nacional de História Cultural. *Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar*. Universidade Federal do Piauí –UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2.

SALES, Tatiane da Silva. *A mulher e a Educação Feminina em São Luís na Primeira República*. Volume 7, número 9, julho de 2010, p. 275 - 293 - Dossiê Estudos de Gênero.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP. São Paulo, v.22, p. 30-37, 1994.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Dissertação (Mestrado) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operaria inglesa*. Vol. I: a árvore da liberdade. 1ª edição [1987]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

ZICMAN, Renée B. *Historia através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. Projeto *História*, São Paulo, v.4, p.89-102, 1985.